



Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC-SP

Adriana Mompean

**“YES, WE CAN”: OBAMA NOS CONTRATOS DE
COMUNICAÇÃO EM CONSTRUÇÕES MIDIÁTICAS NA
CAMPANHA ELEITORAL DOS EUA EM 2008**

MESTRADO EM COMUNICAÇÃO E SEMIÓTICA

São Paulo

2014



Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC-SP

Adriana Mompean

**“YES, WE CAN”: OBAMA NOS CONTRATOS DE
COMUNICAÇÃO EM CONSTRUÇÕES MIDIÁTICAS NA
CAMPANHA ELEITORAL DOS EUA EM 2008**

MESTRADO EM COMUNICAÇÃO E SEMIÓTICA

Dissertação apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para obtenção do título de Mestre em Comunicação e Semiótica sob a orientação do Prof. Dr. José Luiz Aidar Prado. Área de concentração: Signo e significação nas mídias

BANCA EXAMINADORA

Dedicatória

À minha mãe, Guiomar, que sempre me apoiou em todas as escolhas da minha vida.

Agradecimentos

- Ao professor Dr. José Luiz Aidar Prado, por ter me orientado nesta pesquisa e pelas suas inúmeras e significativas colaborações para o meu crescimento intelectual e profissional.
- À Capes, que me concedeu bolsa de pesquisa sem a qual não poderia ter concluído esta dissertação.
- Aos meus pais, Edier e Guiomar, os maiores incentivadores da minha vida acadêmica.
- Aos meus ex-chefes Nilson Camargo e César Camasão pelo adiantamento de férias e concessão de folgas para que eu pudesse me dedicar a esta pesquisa.
- À minha irmã Simone Moradi, por ter me recebido em sua casa em Nova York, onde pesquisei parte do *corpus* desta tese.
- À amiga Ana Magalhães, que me acolheu diversas vezes em sua casa durante o período de aulas matutinas do Programa de Comunicação e Semiótica.
- Aos amigos Paula Cabrera e Renato Peres pela ajuda técnica para a elaboração de estatísticas.
- Aos amigos Rita Donato e Evandro Faquini pela ajuda na elaboração dos gráficos utilizados na pesquisa.
- À Ivânia Cardoso, por sua amizade, apoio e grande comprometimento com a maioria das traduções contidas nesta pesquisa.
- E a Deus, por ter me permitido concluir mais um projeto de significativa importância na minha vida.

Resumo

Esta pesquisa investiga como os jornais *The Wall Street Journal*, *The New York Times* e *Folha de S.Paulo* construíram em seus contratos de comunicação os temas midiáticos durante a campanha eleitoral para a presidência dos Estados Unidos em 2008, que culminou com a vitória do primeiro presidente negro norte-americano. Centramos a atenção em compreender como os jornais abordaram a postura política de Barack Obama frente ao seu adversário republicano, John McCain. Foram analisadas discursivamente as reportagens dos dois jornais norte-americanos e do brasileiro, em um recorte temporal que compreende os meses de junho a novembro daquele ano. O objetivo foi investigar as temáticas presentes nas reportagens e editoriais e como os discursos foram construídos em relação a Barack Obama. Também foi analisada a ocorrência da disseminação destas narrativas estruturadas pela mídia norte-americana no jornal brasileiro. A análise discursiva escolhida ampara-se nas teorias de Ernesto Laclau e Chantal Mouffe, cujos fundamentos sobre discurso e hegemonia foram essenciais para a compreensão das formações discursivas adotadas pela mídia impressa e pelas campanhas políticas dos candidatos democrata e republicano. A partir desse enfoque encontramos os pontos nodais ao redor dos quais se constituíram os discursos de enfrentamento dos candidatos nos jornais. Como resultado, explicitamos as estratégias discursivas empregadas nos contratos comunicativos enunciados em nosso *corpus*, em um esforço de entendimento de como ocorreu a construção do mito político “Obama” na mídia impressa em questão. A expectativa é que esta pesquisa contribua para aprofundar o debate sobre a cobertura jornalística realizada pela mídia impressa, visto que o pleito presidencial nos Estados Unidos desperta grande interesse nos meios de comunicação de todo mundo e influencia toda a produção jornalística mundial.

Palavras-chave: Barack Obama; eleições presidenciais norte-americanas; jornalismo; análise do discurso; Laclau.

Abstract

This research investigates how *The Wall Street Journal*, *The New York Times* and *Folha de S. Paulo* built in their contracts of communication some media themes during the election campaign for the US President in 2008, which culminated with the victory of the first American black president. We focused our attention on understanding how such newspapers approached the political position of Barack Obama against his Republican opponent, John McCain. The reports of both US newspapers plus those of the Brazilian one have been discursively analyzed in a time frame that goes from June to November of that year. The aim was to investigate the themes present in the reports and editorials and how their discourses have been built around Barack Obama personality. It was also analyzed the dissemination of narratives structured by the American media in the Brazilian newspaper. The discursive analysis chosen had the support of theories of Ernesto Laclau and Chantal Mouffe, whose bases on discourse and hegemony were essential to understand the discursive formations adopted by the print media and the political campaigns of both candidates, the Democratic and the Republican. From this approach we found the nodal points around which have been constituted the discourses of confrontation of both candidates according to the newspapers. As a result, we made explicit the discursive strategies employed in communicative contracts listed in our *corpus* as an effort to understand the construction of the so-called political myth "Obama" in the print media. It is expected that this research could contribute to deepen the discussion about the press coverage once the presidential election in the United States causes great interest in the worldwide media, also influencing the global news production.

Keywords: Barack Obama; US presidential elections; journalism; discourse analysis; Laclau.

SUMÁRIO

Introdução	10
1. Barack, o “abençoado”: o início da candidatura Obama	15
1.1. Discurso e antagonismos sociais	19
1.2. A esperança como significante vazio	23
1.3. O discurso da mídia	25
1.4. A eficácia do significante esperança	28
2. Sim, nós temos o primeiro presidente negro	30
2.1. O papel da mídia e o discurso	34
2.2. A construção de antagonismos	39
2.3. Mudança x Dissidência	42
2.4. Política externa e Iraque	48
2.5 “A mídia está apaixonada por Obama”	51
2.6. Sarah Barracuda	54
2.7. A vitória democrata	56
2.8. Obama 2.0 e o espetáculo da internet	58
3. “É Obama, com B”	63
3.1. Uma estrela em ascensão	64
3.2. A torcida por Obama	67
3.3. A temática da raça em uma eleição histórica	70
4. A preferência revelada nos editoriais	76
4.1. A polarização dos jornais	80
4.2 O Iraque na berlinda	99
4.3. O financiamento da campanha	105
4.4 O apoio declarado	110

4.5 Mudança x Conservadorismo	113
Considerações finais	119
Referências bibliográficas	125
Anexo 1	131
Anexo 2	134
Anexo 3	135
Anexo 4	136

Introdução

Em novembro de 2008, Barack Hussein Obama II, do Partido Democrata americano, entrou para a história mundial ao ser eleito como o primeiro presidente negro dos Estados Unidos. A disputa eleitoral e a vitória de Obama foram consideradas fenômenos nos quatro cantos do mundo, e o político foi retratado na imprensa mundial como um agente que promoveria fortes mudanças nos Estados Unidos. Obama foi muitas vezes comparado a John F. Kennedy e a Martin Luther King Jr., e caracterizado pelos meios de comunicação de massa como um candidato nascido da miscigenação de raças e culturas, capaz de mudar barreiras culturais e sociais.

A vitória de Barack Obama na campanha de 2008 ocorreu em um contexto mundial em que havia uma crise de imagem nos Estados Unidos estampada na mídia global, após dois mandatos do republicano George W. Bush. Dentre os temas reiteradamente abordados em reportagens dos meios de comunicação estavam a invasão ao Iraque com uma falsa justificativa de armas de destruição de massa presentes no país árabe e a crise do *subprime*, uma modalidade de empréstimos de segunda linha do país no setor imobiliário, o que resultou na maior crise financeira e, posteriormente econômica, a atingir o país desde a Grande Depressão de 1929. A desestabilização financeira norte-americana contaminou economias de vários países do mundo.

O democrata, com 47 anos à época da vitória, simbolizou um novo modo de criar e fazer política nos Estados Unidos, caracterizando-se como um líder unificador e uma grande aposta de renovação para os norte-americanos. Sua entrada na campanha presidencial de 2008 despertou muito interesse da imprensa americana, o que contaminou mídias de outros países, como, por exemplo, os veículos de comunicação brasileiros.

Quando o democrata ganhou a eleição, em 2008, as manchetes de vários veículos de comunicação retrataram sua vitória como a chegada da mudança na América e como um evento histórico mundial: *Obama makes history* (Obama faz história - *The Washington Post*), *Change has come* (A mudança chegou - *Tampa Tribune*), *History victory* (Vitória histórica - *Boston Globe*), *Historic choice* (Escolha histórica - *New Jersey Herald*), *Obama: Racial Barrier Falls in Decisive Victory* (Obama: A barreira racial cai em uma vitória decisiva - *The New York Times*), *Obama sweeps to historic victory* (Obama ganha em vitória histórica - *The Wall Street Journal*), *Historic win* (Vitória histórica - *The Philadelphia Inquirer*), *Change has come* (A mudança chegou - *The Times Tribune*), *Change has come to America* (A mudança chegou para a América - *Seattle Post*), *It's Obama: Decisive victory makes history* (É Obama: Vitória decisiva faz

história - Los Angeles Times), *A new dawn* (*Um novo começo - Daily News-Los Angeles*), *A new era* (*Uma nova era - Oakland Tribune*).

Ao reunir promessas do abandono da política belicosa de seu antecessor com a intensificação de relações diplomáticas com outros países, bem como com um plano de recuperação econômica, Obama se tornou um fenômeno nos meios de comunicação dos Estados Unidos, ganhando visibilidade e amplamente disseminado para mídias de todo o mundo. Suas estratégias de marketing e seu plano de comunicação foram pautados em uma necessidade de mudança premente na sociedade norte-americana. Sua equipe de campanha recorreu aos slogans *Hope*, *Change*, *Change we can believe in* e *Yes, we can*, extremamente impactantes nos Estados Unidos e em outros países.

Soma-se a isso uma estratégia diferenciada de comunicação, que privilegiou a busca de novos recursos e ferramentas na internet para difundir sua candidatura nos Estados Unidos, rompendo com paradigmas estabelecidos em campanhas eleitorais norte-americanas. O democrata fez da internet um grande recurso eleitoral ao investir em redes sociais e, ainda, na arrecadação de pequenas contribuições de simpatizantes por meio da rede mundial, o que o fez bater recordes em doações na campanha. Também investiu em sua divulgação por meio de outras tecnologias, como o uso de recursos da telefonia celular.

Desta maneira, torna-se fundamental que o fenômeno Barack Obama na política norte-americana e os textos produzidos pela mídia sobre as eleições sejam objeto de estudo no campo da comunicação, para que possamos entender melhor os contratos comunicativos e as estratégias discursivas dos jornais ao tratarem de Obama. Com isso, podemos investigar os regimes de visibilidade constituídos em sua campanha eleitoral em 2008 e suas construções discursivas nos meios impressos.

A base teórica adotada pautou-se na análise do discurso, a partir da teoria de Ernesto Laclau e Chantal Mouffe, para quem discursos são sistemas concretos de práticas e relações sociais intrinsecamente políticas e o terreno primário no qual a realidade se constitui. As considerações de Laclau e Mouffe foram essenciais para se entender as práticas discursivas construídas pelos meios de comunicação impressos na abordagem de disputas políticas no período eleitoral.

O Capítulo 1, intitulado “Barack, o ‘abençoado’: o início da candidatura Obama”, aborda como ocorreu o surgimento do político Barack Obama no cenário nacional e midiático dos

Estados Unidos. A teoria discursiva de Laclau e Mouffe é apresentada com o objetivo de proporcionar sustentação teórica para as análises que serão realizadas ao longo da dissertação.

O Capítulo 2, “Sim, nós temos o primeiro presidente negro”, traz o contexto político e econômico nos Estados Unidos em 2008, e os contratos de comunicação escolhidos por dois jornais norte-americanos: *The New York Times* e *The Wall Street Journal*. O *corpus* desta pesquisa abrange o período de 1º de junho de 2008 até 05 de novembro de 2008, considerando reportagens, editoriais e textos de colunistas publicados pelos jornais americanos *The Wall Street Journal* e *The New York Times*, que estão entre os três jornais de maior circulação dos Estados Unidos, segundo pesquisa feita pela Audit Bureau of Circulations – ABCinteractive.

A escolha pelos dois periódicos mencionados, em detrimento do jornal *USA Today* – considerado o jornal de segunda maior circulação nos EUA – se deu pela importância histórica e relevância dos referidos veículos, fontes de consulta dos principais jornais impressos brasileiros. Os textos da edição impressa de *The New York Times* foram pesquisados pela internet, no período de janeiro a março de 2014, e o *corpus* de *The Wall Street Journal* foi pesquisado no próprio jornal e na biblioteca pública de Nova York, nos EUA.

O *corpus* totalizou 3.340 reportagens, artigos e editoriais que vão do período de 1º de junho de 2008 a 05 de novembro de 2008. Neste capítulo, também é feita uma análise sobre o papel revolucionário da chamada Web 2.0 na campanha presidencial norte-americana.

Os contratos de comunicação realizados pelo jornal *Folha de S.Paulo* na corrida pela Casa Branca em 2008 são estudados no Capítulo 3 – “É Obama, com B”. A temática da raça – um dos destaques desta eleição considerada histórica –, fruto da emergência de novos sujeitos políticos após a reformulação da ideologia liberal-democrata, é investigada também neste capítulo. A *Folha de S.Paulo* é considerada a publicação de maior circulação no Brasil, segundo pesquisa divulgada pelo IVC (Instituto Verificador de Circulação) em maio de 2014. O objetivo foi realizar um comparativo dos contratos de comunicação e discursos adotados pela mídia americana e no veículo brasileiro.

Um recorte no *corpus* deste estudo foi feito para proporcionar uma investigação mais minuciosa dos discursos construídos por *The New York Times*, *The Wall Street Journal* e *Folha de S.Paulo*. Os resultados são apresentados no Capítulo 4, intitulado “A preferência revelada nos editoriais”, com textos que trazem a opinião do veículo de comunicação sobre cada tema. Ao selecionar o *corpus*, foi possível mapear, de forma clara, contratos de comunicação construídos

pelos enunciadores. A investigação das narrativas neste capítulo final resultou em respostas para se compreender como ocorreu a construção do mito político Obama nos meios de comunicação impressos.

O tema de pesquisa proposto se mostra relevante para a área de comunicação na medida em que a disputa presidencial nos Estados Unidos influencia a produção midiática mundial. A cobertura jornalística pela corrida à Casa Branca está presente quase que diariamente nos veículos de comunicação globais, ao contrário do que ocorre em campanhas presidenciais de outros países do mundo.

Estudar o processo de cobertura jornalística das disputas eleitorais presidenciais dos Estados Unidos é determinante para entendermos a criação de tendências de comunicação eleitoral adotadas mundialmente. A corrida eleitoral à Casa Branca desperta grande interesse e ocupa espaço considerável nas páginas de jornais e revistas brasileiros dedicadas ao noticiário internacional. Desta maneira, as análises das campanhas políticas norte-americanas, seus regimes de visibilidade e construções discursivas presentes em reportagens e artigos são fundamentais para os estudos no campo da comunicação no sentido de obtermos uma melhor compreensão do funcionamento e da ocorrência de disseminações de tendências e conceitos nos meios de comunicação.

1.

Barack, o “abençoador”: o início da candidatura Obama

O processo de construção da candidatura de Barack Obama para a presidência dos Estados Unidos começou quatro anos antes da referida disputa eleitoral, quando o então candidato ao Senado Federal pelo Estado de Illinois, desconhecido de grande parte da massa eleitoral norte-americana e mundial, foi o orador principal na convenção do Partido Democrata, em 27 de julho de 2004, no Fleet Center, em Boston. Ele fez um discurso que se tornou um marco histórico em sua carreira política, sendo considerado o início de sua trajetória para conseguir a indicação do Partido Democrata para concorrer à Casa Branca em 2008. Quatro anos antes, Obama havia feito um apelo à união, à rejeição de falsas distinções entre a América republicana e a democrata, e ainda preconizado uma política de esperança para os Estados Unidos.

O pronunciamento e suas consequentes repercussões tiraram do terreno puramente teórico a possibilidade de uma candidatura de Barack Obama à Casa Branca pelo Partido Democrata. É fundamental ressaltar que a ex-primeira-dama e senadora pelo Estado de Nova York, Hillary Rodham Clinton, era um dos nomes democratas mais conhecidos no país e a favorita para obter a indicação do Partido Democrata numa futura corrida eleitoral pela presidência dos Estados Unidos.

Barack Obama surge como um elemento entrópico¹ dentro do Partido Democrata – um senador negro iniciante com poucas realizações políticas tangíveis. Seu discurso na convenção democrata de 2004 aparece como algo novo dentro do Partido Democrata, que tinha preferência por uma candidatura de Hillary Clinton para o ano de 2008. Como sistemas fechados, os partidos sempre operam numa convergência; entretanto, para o biólogo e antropólogo Gregory Bateson, também pensador sistêmico e epistemológico da comunicação, em toda convergência existe a possibilidade de um sistema divergente, que tem como principal característica a imprevisibilidade. Em um processo estocástico, o divergente acaba interferindo no sistema convergente (cf.: BATESON, 1979).

¹ O conceito de entropia surgiu na termodinâmica para indicar a medida estatística da perda de energia em processos físicos irreversíveis. Norbert Wiener, que fundou a Cibernética, relacionou o conceito de entropia com o de informação. Em sua obra *Cybernetics and Society*, ele afirma que as mensagens são em si uma forma de padrão e organização, sendo possível tratar conjuntos de mensagens como tendo uma entropia. Assim como a entropia é uma medida da desorganização, a informação transmitida por um conjunto de mensagens é uma medida de organização. Segundo Pignatari (2002), entropia negativa é igual a informação, e a ideia de informação está ligada, mesmo intuitivamente, à ideia de surpresa, de inesperado, de originalidade (cf.: PIGNATARI, 2002, p. 56-57).

As teorias elaboradas por Ernesto Laclau sobre hegemonia e discurso apresentam potencial para se empreender uma melhor compreensão da abordagem da corrida eleitoral americana na mídia, bem como as formações discursivas escolhidas pelos meios impressos na posterior e imediata repercussão do discurso de Obama nos meios de comunicação dos Estados Unidos. Seus conceitos se originam de várias áreas do conhecimento, como o marxismo, a filosofia desconstrutivista de Derrida e a psicanálise de Lacan.

Na obra *Hegemonia y estrategia socialista – Hacia una radicalización de la democracia*, Laclau, em parceria com Chantal Mouffe, retrata que o conceito de hegemonia tem origem na social democracia russa e cobria uma área limitada de efeitos políticos. Mais tarde, o leninismo se torna uma peça-chave em situações concretas em que se verificava que a luta de classes era imperialista. E, por último, com Gramsci, o termo adquire um tipo de centralidade que transcende seus usos táticos ou estratégicos. A hegemonia passa a ser um conceito-chave para a compreensão de um mesmo tipo de unidade existente em toda a formação social concreta (LACLAU E MOUFFE, 1987, p. 15-16).

Com Gramsci, a teorização do conceito de hegemonia ocorre após uma crise do marxismo, que, segundo Laclau e Mouffe, tem origem na Segunda Internacional. Os autores desenvolvem uma teoria de uma nova configuração social, tratando-se de um momento da transição da desconstrução do paradigma político do marxismo clássico, que se apoia no antagonismo capital x trabalho. Para Gramsci, o núcleo de toda articulação hegemônica continua sendo uma classe social fundamental. Segundo o autor, a vontade coletiva resulta da articulação político-ideológica de forças históricas dispersas e fragmentadas (LACLAU E MOUFFE, 1987, p. 5;118).

Gramsci distingue a sociedade civil, formada por organismos privados, da sociedade política ou Estado. Elas correspondem à função de hegemonia que o grupo dominante exerce em toda sociedade e àquela de domínio direto ou de comando que se expressa no Estado e no governo jurídico (GRAMSCI, 1979, p.10-11). Para o autor, é importante formar uma classe dominante que se estabeleça no poder pelo consenso, e não pela utilização de forças coercitivas, embora elas possam ser usadas quando houver necessidade.

Laclau e Mouffe reformulam o conceito de Gramsci porque desconstróem a noção de classe social. Os autores fazem parte de uma corrente pós-estruturalista, são considerados pós-marxistas e defendem que é preciso compreender melhor a sociedade contemporânea que traz a

emergência de novos antagonismos sociais, o que impossibilita a constituição de identidades plenas. Laclau e Mouffe ainda destacam o surgimento de um conjunto de novos fenômenos que precisam ser considerados, como o feminismo, os movimentos sociais que consideram as minorias étnicas, nacionais e sexuais, bem como as lutas ecológicas, dentre outros. Para os pesquisadores, se não houver oposição, a resistência, o antagonismo como algo estrutural, ou seja, o elemento entrópico, não há a possibilidade de existir um sistema hegemônico nem a democracia.

Depois de realizada a contextualização histórica e teórica, será analisado o discurso feito por Barack Obama na convenção do Partido Democrata, em 27 de julho de 2004. Naquele ano, Obama reforçava seu apoio e de seu partido ao senador John Kerry, que concorreu à Casa Branca contra o então presidente republicano George W. Bush. Em sua participação na convenção, Obama propôs uma política de esperança para os Estados Unidos focada em medidas econômicas para a criação de postos de trabalho em detrimento de incentivos fiscais para empresas que levam empregos ao exterior. Também enfatizou a universalização da cobertura dos planos de saúde e soluções energéticas para se acabar com a dependência americana em relação ao petróleo estrangeiro.

Em suas obras, Laclau e Mouffe discorrem sobre o antagonismo das identidades, um conceito que tem sido amplamente estudado na literatura histórica e sociológica, e destacam que os marxistas haviam incorrido em uma lamentável confusão ao considerar os antagonismos como contradições. Segundo os pesquisadores, o antagonismo está longe de ser uma relação objetiva. Trata-se de uma relação em que se mostram os limites de toda objetividade: a presença do outro é que impede alguém de ser totalmente ele mesmo. A relação, portanto, não surge de identidades plenas, mas da impossibilidade da constituição das mesmas. Os antagonismos estabelecem os limites da sociedade, sua incapacidade de constituir-se plenamente, e representam a impossibilidade da constituição de um sentido objetivo nas formações discursivas (LACLAU E MOUFFE, 1987, p.208-218).

Laclau e Mouffe conceituam os discursos como sistemas concretos de práticas e relações sociais intrinsecamente políticas e terreno primário no qual a realidade se constitui. Cada ato social tem um significado e é constituído na forma de sequências discursivas responsáveis pela articulação de elementos linguísticos e extralinguísticos. O campo discursivo é aberto, sua construção obedece a certas lógicas e deve se direcionar a um foco específico. O sentido do

discurso é sempre renegociado. A construção de um discurso hegemônico é o resultado de articulação, que é definida como uma prática que estabelece relações entre elementos tais que sua identidade é modificada como resultado de uma prática articulatória (LACLAU E MOUFFE, 2004, p. 178).

A estrutura do discurso como prática articulatória que constitui e organiza as relações sociais também pode ser encontrada em obras de autores como Michel Foucault, uma referência em estudos da análise do discurso. Segundo Foucault, em toda a sociedade a produção do discurso é, ao mesmo tempo, controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certos números de procedimentos que têm por função conjurar seus poderes e perigos, dominar seu acontecimento aleatório e esquivar sua pesada e temível materialidade (FOUCAULT, 2011, p. 8-9).

1.1. Discurso e antagonismos sociais

O discurso de Barack Obama em 27 de julho de 2004, no Fleet Center, em Boston, foi dividido em cinco temas: minorias sociais, miscigenação, economia, guerra e terrorismo e esperança. Primeiramente, o democrata abordou a questão das minorias étnicas ao lembrar a biografia de seu pai, um estudante estrangeiro, nascido e criado numa pequena aldeia no Quênia. De acordo com Obama, seu pai:

(...) cresceu criando cabras, foi para uma escola de lata. Seu pai – meu avô – era um cozinheiro, um empregado doméstico de britânicos. Mas meu avô tinha grandes sonhos para seu filho. Através do trabalho duro e perseverante, meu pai conseguiu uma bolsa para estudar num lugar mágico, a América, que brilhava como um farol de liberdade e oportunidades para muitos.²

Em seus estudos, Laclau e Mouffe abordaram, como já mencionado anteriormente, a importância de se considerar o surgimento de novos fenômenos como movimentos que contestariam as minorias e os antagonismos sociais para se chegar à teorização do conceito de hegemonia. O discurso de Obama destacou as origens humildes de sua família, ressaltando que o

² Discurso disponível em: <http://www.washingtonpost.com/wp-dyn/articles/A19751-2004Jul27.html>. Tradução livre do inglês: Ivânia Cardoso. Acesso em: 21 de julho de 2014.

avô tinha sido empregado doméstico de britânicos, cujo império colonizou o país africano de 1895 a 1963. Para se avançar na determinação dos antagonismos sociais, Laclau e Mouffe dizem que é importante analisar uma pluralidade de posições de sujeitos que são, em muitos casos, contraditórias.

Outro tema importante abordado pelo candidato dizia respeito à miscigenação. O então senador continuou seu relato ao comentar sobre quando seu pai, já estudando nos Estados Unidos, conheceu a futura esposa, uma americana do Kansas, Estado do Centro-Oeste americano com mais de 80% de brancos na constituição de sua população. Ela era oriunda de uma família cujo pai havia trabalhado em plataformas de petróleo e fazendas durante a maior parte da Grande Depressão – e esta foi a primeira vez que Obama citou uma temática econômica. Neste ponto do discurso, ele remeteu à origem de seus pais à crise de 1929, que persistiu ao longo de toda a década de 1930, considerado o mais longo período de recessão econômica do século XX.

Obama também comentou o encontro de seus pais e reforçou que ambos provinham de famílias com um sonho em comum: a busca de oportunidades nos Estados Unidos. Ele ressaltou a origem de seu nome africano, “Barack” ou “abençoado”, e arrematou que na “tolerante América nosso nome não é barreira para o sucesso”. Dentro das temáticas minorias e miscigenação, Barack Obama se colocou como um elemento entrópico dentro da sociedade norte-americana ao dizer que, naquela noite, sua presença no palco era “muito improvável”, devido ao histórico familiar – um filho de imigrante africano e estudante estrangeiro com mãe branca da classe média americana, além de neto de um empregado doméstico de ingleses.

Ele denominou os EUA como “um lugar mágico”, “terra generosa”, e se declarou grato pela diversidade de sua herança. Nestas abordagens, Obama constantemente reforçou a ideia de que os Estados Unidos eram o país das oportunidades. Em outro trecho do discurso, o democrata sublinhou: “Em nenhum outro país na Terra, a minha história seria possível”. Ao mesmo tempo, tentou se inserir no contexto social, ao mencionar que sua história era parte da história da maioria americana.

Após se inserir naquela convenção democrata de 2004 como exemplo de diversidade étnica, cultural e social e verdadeiro representante do chamado “sonho americano”, Obama tratou da temática da economia em seu discurso, ao falar sobre a perda de empregos e as dificuldades dos americanos ao enfrentar problemas com assistência médica e educação. O democrata apregoeou a ideia de que a população sabia que precisava trabalhar duro para avançar e não

deveria esperar que o governo resolvesse todos os seus problemas porque “todo trabalho duro é recompensado”. Foi apenas neste ponto do discurso que Obama apresentou o então candidato John Kerry, que concorreu naquele ano à Casa Branca – aos 8 minutos de um discurso que totalizou 18 minutos e 47 segundos.

Em seguida, o democrata evidenciou a temática da guerra e do terrorismo. Obama disse que “num mundo perigoso, a guerra tem que ser uma opção algumas vezes, mas ela nunca deve ser a primeira opção”, colocando os democratas em antagonismo com a política belicosa do então presidente George W. Bush. Após os ataques ocorridos em 11 de setembro de 2001, em Nova York e em Washington, Bush ordenou invasões militares no Afeganistão e no Iraque, este último, em 20 de março de 2003, com a justificativa da existência de armas de destruição de massa naquele país árabe, as quais poderiam ser utilizadas contra o povo norte-americano.

Por ocasião de seu discurso sobre o Estado da União, realizado em 29 de janeiro de 2002, Bush havia declarado que o Iraque estava desenvolvendo o antraz – uma bactéria capaz de afetar o sistema nervoso – e armas nucleares já por mais de uma década, o que constituía séria ameaça à segurança dos Estados Unidos. Em 9 de julho de 2004, poucos dias antes do discurso de Obama, em Boston, a Comissão de Inteligência do Senado havia concluído que a CIA tinha supervalorizado a ameaça iraquiana. Mas foi apenas em 31 de março de 2005 que uma comissão presidencial informou que os serviços de inteligência dos Estados Unidos se equivocaram em suas estimativas sobre a presença de armas de destruição de massa no Iraque. Na noite do discurso no Fleet Center, Barack Obama falou que era preciso “não mascarar a verdade” sobre os reais motivos que levaram seu país a optar pelas invasões militares, posicionando-se contra as escolhas feitas pelo governo republicano da época.

Quando nós enviamos nossos jovens homens e mulheres para o caminho do perigo, nós temos a obrigação solene de não falsificar os números ou mascarar a verdade a respeito do motivo pelo qual eles estão indo, cuidar de suas famílias enquanto eles estão fora, atender os soldados no seu retorno, e, de nunca, jamais, ir para a guerra sem tropas suficientes para vencer a guerra.³

Por último, destacamos a escolha feita por Obama ao usar a palavra “esperança” – *hope*, no original –, abordada neste estudo como temática devido à sua importância no contexto do discurso e também do histórico da carreira do político. É essencial ressaltar que a palavra

³ Idem.

“esperança”, utilizada 14 vezes por Barack Obama na noite no Fleet Center, tornou-se, em 2008, um dos slogans de sua campanha vitoriosa rumo à Casa Branca. Ela também esteve presente em produtos variados, como camisetas e souvenirs, parte da chamada “Obamania”, de disseminação mundial. É igualmente importante reforçar que uma expressão adotada pelo democrata, “a audácia da esperança”, transformou-se no título de um de seus livros.

Eu não estou falando de otimismo cego aqui. A ignorância quase intencional que pensa que o desemprego irá embora se nós apenas não pensarmos nele, ou que a crise no sistema de saúde se resolverá por si mesma se nós apenas a ignorarmos. Não é sobre isso que estou falando. Eu estou falando sobre algo mais importante. É a esperança de escravos sentados ao redor do fogo cantando canções de liberdade; a esperança de imigrantes partindo para terras distantes; a esperança de um jovem tenente naval patrulhando bravamente o Mekong Delta; a esperança do filho de um trabalhador de moinho que ousa desafiar as probabilidades; a esperança de um garoto magrelo com um nome engraçado que acredita que a América tem um lugar, tem um espaço para ele também. Esperança. Esperança diante da dificuldade. Esperança diante da incerteza. A audácia da esperança.⁴

Neste trecho, ao falar de esperança, Obama aborda a possibilidade de os indivíduos deixarem uma situação de opressão, dificuldade e incerteza para participarem de uma transformação da sociedade. Podemos fazer uma equivalência do termo “esperança” com a noção de emancipação abordada por Laclau (2011) na obra *Emancipação e diferença*. Segundo o autor, tal noção é parte de nosso imaginário político há séculos. Laclau ainda analisa a emancipação por meio de dimensões distintas, uma delas a da preexistência daquilo que deve ser emancipado vis-à-vis o ato de emancipação. Para o autor, não existe emancipação sem opressão, e não há opressão sem a presença de algo que é tolhido em seu livre desenvolvimento pelas forças opressivas. Portanto, emancipação é um ato de libertação de algo que precede o ato libertador.

Em outra dimensão analisada, Laclau explica que, se a alienação é erradicada em seus vários aspectos – seja no campo político, religioso ou econômico –, a emancipação, por sua vez, pressupõe a eliminação do poder, a abolição da distinção sujeito/objeto, e a gestão – sem qualquer opacidade ou mediação – dos assuntos da comunidade por agentes sociais identificados com o ponto de vista da totalidade social (cf.: LACLAU, 2011, p. 23-24).

⁴ Idem.

1.2. A esperança como significante vazio

Laclau e Mouffe conceituam na teoria do discurso os significantes vazios, que são significantes sem significados, seja pela falta de definições contextuais ou, ainda, pela grande gama de significados que podem assumir múltiplos sentidos ou sentidos dispersos. Os significantes vazios flutuam na cultura até que sejam costurados em cadeias, a fim de que possam constituir um discurso. Sempre disputam a melhor maneira de explicar um determinado campo de significação e, também, para se transformar no discurso hegemônico.

No discurso de Obama, podemos identificar como significante vazio a palavra “esperança”, definida pelo próprio político como “uma crença em uma coisa que não se vê, uma crença de que haverá dias melhores pela frente”. No dicionário Houaiss, a palavra “esperança” apresenta vários significados, dentre eles, “sentimento de quem vê como possível a realização daquilo que deseja”, “confiança em coisa boa”, “fé”, “expectativa”, “espera”, “algo que não passa de uma ilusão”. Ou seja, a palavra, que foi usada neste discurso com conotação política, apresenta múltiplos significados que acabam se tornando dispersos.

Quando Barack Obama abordou a questão das minorias e da miscigenação, citou palavras de ordem como “perseverança”, “sonho”, “fé inabalável”, e mencionou o “amor improvável de seus pais”. Também discorreu sobre “pequenos milagres” que podem ocorrer em nossas vidas, e repetiu 14 vezes a palavra “esperança” para que ela se tornasse uma marca em seu discurso. Percebe-se, na mesma preleção, que Obama também se colocou na posição daquele que entendia “o outro”. Para Laclau, uma certa ordem social somente pode ser constituída com base numa fronteira que a separe do que seja radicalmente o outro, oposto a esta ordem. Obama quis se mostrar, naquela noite, como o filho da diversidade, do improvável, como quem teve o privilégio de poder discursar em uma convenção democrata inserindo-se no papel de motivador para a formulação de uma política de esperança para o seu país.

A análise do outro não está presente apenas em pesquisas realizadas dentro do campo da análise do discurso. Essa questão também é abordada em estudos semióticos. As oposições são mais do que uma necessidade técnica de comunicação ou expressão linguística adequada em

pesquisas na semiótica, especialmente aquelas que analisam a cultura. Um de seus principais autores, o russo Ivan Bystrina, afirma que o homem começa a demarcar polos binários desde o início de sua existência. Em seu discurso, Obama propôs a oposição democratas/republicanos para solucionar polaridades como justiça/injustiça, crise/esperança. Ele deu exemplos de problemas econômicos que ocorriam naquela época com o governo republicano, bem como a guerra do Iraque, e considerou seu partido o portador da esperança de dias melhores no país (cf.: BYSTRINA, 1995).

Os significantes vazios se colocam em posição de pontos nodais. Estes, segundo Laclau e Mouffe, constituem os pontos de fechamento discursivo e permitem fixar parcialmente os sentidos. Os autores destacam que, primeiramente, foi Lacan quem os chamou de *points de capiton*, ou seja, pontos privilegiados que fixam sentidos em uma cadeia significante. Neste raciocínio, convém destacar que a preconização de uma política de esperança nos Estados Unidos resultou em um chamado de Obama para um discurso de união. Em um país dividido pelas controversas políticas econômicas e externas do então presidente George W. Bush, o senador democrata fez um apelo à unidade dos americanos, assim como fizeram outros participantes da convenção de Boston.

Bem, eu digo a eles esta noite, não há uma América liberal e uma América conservadora. Há os Estados Unidos da América. Não há uma América negra e uma América branca, e uma América latina e uma América asiática. Há os Estados Unidos da América. Os especialistas gostam de fatiar nosso país em Estados vermelhos e em Estados azuis; Estados vermelhos para republicanos, Estados azuis para democratas. Mas eu tenho novidades para eles também. Nós adoramos um Deus maravilhoso nos Estados azuis, então gostamos de agentes federais bisbilhotando nossas bibliotecas nos Estados vermelhos. Nós treinamos a pequena Liga Mundial nos Estados azuis e, sim, temos alguns amigos gays nos Estados vermelhos. Há patriotas que se opuseram à guerra no Iraque e há patriotas que apoiaram a guerra no Iraque. Nós somos um único povo, todos nós prometendo fidelidade às estrelas e listras, todos nós defendendo os Estados Unidos da América.⁵

Para Obama, as diferenças que estavam dividindo os eleitores daquele momento político de seu país diziam respeito às tendências políticas, aos problemas sociais e de minorias. A ideia da união era importante para pontuar, no discurso, a passagem de uma lógica de

⁵ Idem.

diferenças para uma lógica de equivalências. Assim, ele tentava aplacar as diferenças a fim de que sua fala se tornasse hegemônica. No discurso de união costurado através do ponto nodal da “esperança”, Obama tentou promover a unificação das diferenças de uma sociedade fragilizada por duas guerras e por problemas econômicos. Para o democrata, a união era a solução para que os americanos pudessem reduzir as desigualdades, as diferenças sociais, políticas, econômicas e de minorias, a fim de que o país, que estava dividido, voltasse a ter uma condição hegemônica tanto nos cenários interno quando no externo.

1.3. O discurso da mídia

Para o linguista britânico Norman Fairclough, considerado um dos principais expoentes da Análise do Discurso Crítica, a relação entre as classes sociais começa na produção econômica, mas se estende a todas as camadas de uma sociedade. O poder da classe capitalista depende da sua capacidade de controlar o Estado. E o poder estatal, incluindo o governo, o controle da polícia e das Forças Armadas, assim por diante, é determinante em períodos de crise. Entretanto, em condições normais de vida na sociedade capitalista, um conjunto de instituições sociais como as educacionais, as religiosas, a família e a mídia contribui para garantir a dominação da classe capitalista (FAIRCLOUGH, 1989, p. 32-33). Os textos da mídia levam em conta os aspectos ideológicos e os interesses e objetivos dos produtores da informação, segundo este autor.

Ainda para Fairclough, a mídia está em uma competição para recrutar leitores, telespectadores e ouvintes em um contexto de mercado em que as vendas são decisivas para a sobrevivência. Por conseguinte, as tendências de linguagem podem ser interpretadas como uma maneira de os produtores maximizarem notícias como aquelas sobre os estilos de vida aspirados pelos consumidores, em suma, o próprio público (FAIRCLOUGH, 1992, p. 109-110).

A repercussão do discurso de Barack Obama foi analisada em três grandes jornais norte-americanos, em suas edições do dia seguinte ao evento do Fleet Center, em Boston: *The New York Times* e *The Wall Street Journal* – dois veículos de comunicação que serão utilizados posteriormente nesta pesquisa –, e, ainda, *The Washington Post*. O objetivo é oferecer um recorte sobre como os jornais analisaram a fala de Obama naquela convenção.

O *The New York Times* destacou citações de todos os políticos que fizeram discursos na convenção. De Barack Obama, o orador principal da noite, o jornal publicou vários trechos em que ele falou sobre a “esperança”. O político foi objeto de duas reportagens da publicação. Em “Unificando o partido: A visão geral; Na segunda noite, unidade é tema para os democratas”, os jornalistas Robin Toner e Todd Purdum destacaram que a convenção teve por objetivo “unir uma nação amargamente dividida por políticas da administração Bush”, sem exemplificarem quais seriam estas políticas, e, logo, mencionaram a citação de Barack Obama que pedia a união entre os americanos: “Não há uma América negra e uma América branca, e uma América latina e uma América asiática. Há os Estados Unidos da América”.⁶ Ainda de acordo com o jornal, o Fleet Center “explodiu em uma espécie de reação elétrica e estrondosos aplausos foram reservados para o nascimento de uma estrela política, mais altos e duradouros do que a resposta dada ao herói democrata local, o senador Edward M. Kennedy, cerca de uma hora antes”.⁷

Em outra reportagem intitulada “Os distritos eleitorais: Afro-americanos; Senador discursa pela inclusão da unidade”, o enunciador diz que Barack Obama subiu ao palco como o orador principal da convenção democrata. De acordo com o jornal, o senador:

(...) contou a clássica história americana de imigração, esperança, luta e oportunidade. Ele não falou sobre raça ou direitos civis ou luta pela igualdade. Ele não falou, como o reverendo Jesse Jackson fez tão apaixonadamente em 1996, sobre o legado do reverendo Dr. Martin Luther King Jr. e uma América negra ainda em desespero. Em vez disso, o Sr. Obama, um senador negro do Estado de Illinois, que está concorrendo para o Senado dos Estados Unidos, falou de um povo, a todos nós, prometendo fidelidade às estrelas e às listras, todos defendendo os Estados Unidos da América.⁸

Para o enunciador, Obama arrancou aplausos empolgantes e até lágrimas, em alguns casos, ao retratar a não existência de uma América liberal nem conservadora e, sim, os Estados Unidos da América. Frederick Young, membro da delegação de Illinois para o periódico em questão, afirmou: “Eu acho que ele vai ser uma estrela no Partido Democrata (...). Sinto-me orgulhoso, como um homem negro, de vê-lo fazer um discurso como o que ele fez. Foi inspirador”⁹.

⁶ Idem.

⁷ Idem.

⁸ Disponível em: <http://www.nytimes.com/2004/07/28/us/the-constituencies-african-americans-senate-nominee-speaks-of-encompassing-unity.html>. Tradução livre do inglês pela autora. Acesso em: 21 de julho de 2014.

⁹ Idem.

O *The New York Times* fez um comparativo do discurso de Obama com o realizado há quatro anos antes pelo deputado negro Harold E. Ford Jr., do Estado do Tennessee, em outra convenção democrata. O discurso foi definido como “bastante inócuo” pela publicação. “A mensagem de Obama foi bem diferente. O filho de um homem negro que cresceu cuidando de cabras no Quênia e de uma mulher branca do Kansas diz que seus pais compartilharam uma fé inabalável nas possibilidades desta nação”.¹⁰

O jornal também destacou a biografia de Obama, na época com 42 anos. Ele havia sido estudante na Universidade de Colúmbia e o primeiro presidente negro do Harvard Law Review, com uma vitória “impressionante” ocorrida em uma eleição primária democrata no mês de março de 2004, em Illinois, quando enfrentou seis oponentes e ganhou o pleito com 53% dos votos. Tom J. Troetti, delegado democrata de Nova York, chegou a afirmar: “Sua história simboliza oportunidades do país (...). Com base nesse discurso, ele agora personifica o futuro deste partido”, disse ao jornal Tom J. Troetti, um delegado democrata de Nova York”.¹¹

No dia seguinte à convenção democrata, *The Washington Post* publicou apenas uma reportagem em que citava a participação de Obama naquele evento partidário. Em “Democratas se concentram na cura de divisões”, o jornal ressaltou que, em sua estreia no cenário nacional, Obama afirmara que John Kerry iria curar as “divisões amargas no país e inaugurar uma política de esperança”. E ainda: “Obama, de 42 anos, eletrizou o salão de convenções na terça-feira quando disse que os americanos não devem permitir que a política partidária divida o país”.¹²

Segundo o enunciador, Obama “agitou a multidão” e compensou as falhas do discurso proferido anteriormente pelo senador Edward M. Kennedy, de Massachusetts, um político veterano eleito pela primeira vez em 1962. Adriana Martinez, delegada de Las Vegas e para quem Obama foi “extraordinário”, declarou: “Quando ele chegou ao seu clímax, a multidão da convenção estava de pé, aplaudindo cada frase”. E: “Olhe para a energia que ele trouxe para este local. (...) Ele é, definitivamente, uma estrela em ascensão”.¹³

De acordo com o *The Washington Post*, Obama “(...) teceu sua biografia pessoal em uma invocação do sonho americano” ao dizer que “(...) em nenhum outro país da Terra minha história

¹⁰ Idem.

¹¹ Idem.

¹² Idem.

¹³ Idem.

seria possível”. O jornal também destacou suas falas sobre economia e sobre o fato de que a guerra nunca deve ser a primeira opção em um governo.¹⁴

E, para o *The Wall Street Journal*, o então senador por Illinois utilizou sua biografia pessoal e retratou as oportunidades oferecidas pelo país. Peggy Noonan, no artigo “Falando por Kerry”, afirmou: “Quando Barack Obama começou seu discurso, todos assistiam com o pensamento: uma estrela está nascendo”. A jornalista descreveu Obama como um “homem simples, de características irregulares e com orelhas de abano”. E prosseguiu: “Mas, quando ele começa a falar, suas características se fundem em harmonia e elegância. Este tipo de coisa só ocorre se existe magia”.¹⁵

1.4. A eficácia do significativo esperança

Como já foi abordado anteriormente, Barack Obama surge dentro de um sistema fechado – o partido político – como um elemento entrópico, porém, por meio de seu discurso, em que abordou temas como minorias, miscigenação e preconizou políticas de esperança e união para os Estados Unidos, conseguiu emergir e se destacar em um universo profundamente hierarquizado e centralizado.

Os meios de comunicação, como parte da indústria cultural, operam dentro da estrutura de um sistema organizado que aceita ou repudia os elementos entrópicos. Ao confrontarmos o discurso proferido por Barack Obama na convenção democrata com o discurso reproduzido pelos jornais americanos, podemos concluir que a fala do democrata foi aceita em uma repercussão imediata feita nas publicações. Porém, é preciso ressaltar uma certa prudência em algumas abordagens.

O *The New York Times*, por exemplo, diz que Obama subiu ao palco para contar a “clássica história americana de imigração, esperança, luta e oportunidade”, remetendo o discurso do democrata a uma repetição já vista anteriormente na sociedade norte-americana, e o cobra indiretamente pela não citação de temáticas como direitos civis e a luta racial pela igualdade. Por

¹⁴ Idem.

¹⁵ Disponível em: <http://online.wsj.com/news/articles/SB122460352265754455>. Tradução livre do inglês pela autora. Acesso em 21 de julho de 2014.

outro lado, o jornal aponta que Obama arrancou aplausos e se destacou em relação ao orador que havia feito o discurso principal na convenção partidária anterior.

Já o jornal *The Washington Post* demonstra menos prudência do que *The New York Times* e é mais complacente com o discurso de Obama. Sua aceitação pelo enunciador se contrasta com as críticas proferidas ao senador democrata Edward M. Kennedy, de Massachusetts, que, segundo o jornal, deveria ser o principal orador daquela noite. O jornal destaca que as falhas de Kennedy foram rapidamente esquecidas devido à performance de Obama, que agitou a multidão. Segundo o periódico, Obama “teceu sua biografia pessoal em uma invocação do sonho americano” ao dizer: “em nenhum outro país da Terra minha história seria possível”. Mas a aceitação do senador democrata por parte do jornal também ocorre de forma indireta, mediante opiniões emitidas pelos entrevistados.

Os dois jornais citados destacam a biografia de Obama e o fato de o democrata ter feito um apelo à união e à política de esperança. Para o jornal *The Wall Street Journal*, Obama é intitulado como uma estrela que estava nascendo naquele momento. Apesar de ser um homem simples, teria conseguido proferir um discurso harmonioso e elegante, despertando uma “magia” naquele momento.

Desta maneira, ao confrontarmos o discurso realizado pelo político na convenção democrata com o discurso adotado pelos jornais americanos, podemos constatar que o primeiro foi aceito, em repercussão imediata, como um elemento entrópico dentro da sociedade norte-americana e também dentro do próprio Partido Democrata. Além disso, as repercussões dos jornais confirmam a eficácia da utilização da “esperança” como um significante vazio na constituição de um discurso de união, e a bem-sucedida passagem de uma lógica de diferenças para uma lógica de equivalências, o que torna o discurso hegemônico.

2.

Sim, nós temos o primeiro presidente negro

A disputa pela Casa Branca em 2008 foi marcada por uma confluência de precedentes na corrida eleitoral e ofereceu, ao eleitor americano, uma diversidade de postulantes ao cargo. O Partido Democrata passou por uma disputa eletrizante para escolher seu candidato, em 56 prévias estaduais que se estenderam por cinco meses, além de 16 meses de campanhas. Barack Obama, um político afro-americano sem grandes realizações políticas, ganhou o embate contra a internacionalmente conhecida ex-primeira-dama Hillary Clinton para concorrer à indicação pela sigla. Já pelo Partido Republicano, o senador John McCain lançou oficialmente sua pré-candidatura à Presidência dos EUA em 25 de abril de 2007, em sua segunda tentativa de concorrer à Casa Branca – a primeira fora em 2000, quando perdeu nas primárias para George W. Bush. O senador veterano da guerra do Vietnã começou a disputa pela nomeação partidária, sem estar entre os favoritos, com mais cinco postulantes ao cargo: Rudolph Giuliani, ex-prefeito de Nova York, Mike Huckabee, ex-pastor batista e ex-governador de Arkansas, Mitt Romney, ex-governador de Massachusetts, Fred Thompson, ator e ex-senador pelo Tennessee, e Ron Paul, então deputado pelo Texas.

A vitória do primeiro presidente negro na campanha de 2008 ocorreu em um contexto de recordes de impopularidade do governo de George W. Bush. Logo após os atentados de 11 de setembro de 2001, a forma de governar do então presidente republicano era aprovada por 90% dos norte-americanos, segundo pesquisa realizada no mês de novembro daquele ano pelo instituto Gallup, encomendada pela rede de TV CNN e pelo jornal *USA Today*. Tratava-se, na época, do mais alto percentual de popularidade de um presidente dos Estados Unidos em mais de 60 anos de pesquisas de opinião.

Porém, em setembro de 2008, o mesmo instituto detectou que o índice de popularidade do governo Bush havia atingido o mais baixo percentual de seus oito anos de administração: 27% aprovavam a maneira de governar do então mandatário. Outro levantamento, este de outubro de 2008, do jornal *The New York Times* e da rede de TV CBS, revelou números ainda mais baixos: apenas 22% dos americanos aprovavam o estilo Bush de governar.

Em 1º de novembro de 2008, poucos dias antes da eleição presidencial, o jornal *The New York Times* descreveu, no artigo “Uma atitude no meio da tempestade”, qual era o clima político no país:

E especialmente agora, neste momento de crise máxima, milhões estão em perigo de perder suas casas. Centenas de milhares de pessoas perderam seus empregos. A dívida nacional está subindo rapidamente. O Talibã está se reorganizando no Afeganistão. O Paquistão é uma confusão com armas nucleares. O país ainda está em guerra no Iraque e tenta evitá-la com o Irã e com a Coreia do Norte. A Rússia invadiu um vizinho. E grande parte do mundo nos odeia.¹⁶

É importante pontuar o contexto político e econômico dos Estados Unidos antes de iniciarmos a análise das convocações realizadas pelos meios de comunicação em relação à corrida presidencial de 2008. Desta maneira, será possível saber se a estratégia dos enunciadores obteve ou não sucesso em responder à demanda exigida por seu público-receptor.

Os Estados Unidos foram o epicentro de uma grave crise do mercado financeiro, que atingiu setores produtivos do país e que remetia a comparações nos meios de comunicação com a crise de 1929, a chamada Grande Depressão, a pior crise econômica ocorrida mundialmente na época contemporânea.

Segundo estudo feito por Mazzucchelli (2008), no final da década de 1920 e início da de 1930, o grau de regulação e controle exercido pelas autoridades monetárias sobre o conjunto dos sistemas financeiros ainda era limitado, e os Estados Unidos experimentaram uma proliferação de bancos de pequeno e médio porte, muitos deles fora da área de supervisão do Federal Reserve. Isso permitiu a realização de operações de altos riscos e comprometeu recursos dos depositantes. Com respostas insuficientes, os resultados foram a contração da produção, a explosão do desemprego e a liquidação bancária de 11 mil instituições entre 1930 e 1933. Segundo o estudo, o PIB nominal nos EUA caiu de US\$ 103,7 bilhões, em 1929, para US\$ 56,4 bilhões, em 1932, recuperando-se apenas em 1939 para US\$ 101,3 bilhões.

Setenta anos depois, o país viveu outra crise, desta vez uma bolha especulativa criada no final da década de 1990, denominada “bolha da internet”, a qual afetou o setor produtivo. As perspectivas para o setor de tecnologia resultaram na emergência das empresas chamadas “pontocom” (companhias baseadas na internet) que foram objeto de diversos investimentos. A formação de uma bolha com as empresas pontocom ocorreu entre os anos de 1995 e 2000, o que gerou uma forte alta das ações. No auge da especulação, o índice Nasdaq, que concentra ações de

¹⁶ Disponível em: <http://www.nytimes.com/2008/11/02/weekinreview/02baker.html>. Tradução do inglês pela autora. Acesso em: 21 de julho de 2014.

empresas de alta tecnologia, atingiu 5.132,52 pontos em março de 2000. Cerca de um quinto das empresas que abriram capital em 1999 já não existiam mais no fim de 2000.

Após oito anos, o país foi alvo de nova crise, desta vez comparada com a Grande Depressão. Os EUA haviam passado por um *boom* imobiliário nos últimos anos, com grande oferta de crédito disponível e um mercado financeiro com forte liquidez. Isso beneficiou o setor do *subprime* – um crédito de risco – oferecido para tomadores que dão menos garantias de pagamento. Com juros mais altos, esses empréstimos atraíram bancos e gestores de fundos e o fenômeno gerou grande demanda por imóveis e fez com que os preços disparassem no país.

Entretanto, com o aumento da taxa de juros, em 2006, para conter um movimento inflacionário no país devido ao excesso de dinheiro no mercado, os títulos do governo passaram a ser mais atrativos do que a compra de imóveis. Desta maneira, a bolha estourou, os preços dos imóveis caíram, e muitos americanos que pagavam suas hipotecas descobriram que seus imóveis valiam bem menos que do deviam aos bancos. Com a inadimplência, todo o mercado financeiro foi afetado, inclusive mercados estrangeiros que adquiriram créditos gerados nos Estados Unidos e os transformavam em ativos para investimentos. A crise norte-americana contaminou os países desenvolvidos e também teve efeitos nas nações emergentes, com a queda dos preços das *commodities*, interrupção de investimentos, menos linhas de crédito disponíveis e diminuição de empréstimos bancários.

A crise do mercado financeiro atingiu setores produtivos do país. Dados divulgados pelo Ministério do Trabalho dos Estados Unidos, em 6 de junho de 2008, mês de início da análise do *corpus* desta pesquisa, revelaram que a economia americana havia fechado 49 mil postos de trabalho no mês de maio do mesmo ano, fazendo com a que taxa de desemprego tivesse a maior variação em um mês desde 1986, chegando a 5,5%. Segundo o levantamento, à época havia 8,5 milhões de pessoas desempregadas no país.

Outro grande tema presente nos meios de comunicação de todo mundo durante a corrida eleitoral norte-americana de 2008 foi aquele relativo às desastrosas consequências da invasão americana ao Iraque pelo governo de George W. Bush. Um ano e meio após os ataques terroristas de 11 de setembro de 2001, a administração americana invadiu o país árabe com o pretexto de uma suposta existência de armas de destruição de massa pelo regime de Saddam Hussein. Bush justificou a operação militar dizendo que havia o risco de que esse tipo de armamento chegasse às mãos de grupos terroristas, como a rede Al Qaeda, de Osama bin Laden, responsabilizada pelos

atentados contra o World Trade Center e que deixaram cerca de 3.000 mortos. Contra o respaldo da ONU e com uma coalizão de países – o Reino Unido era o maior apoiador da investida bélica –, o governo Bush invadiu o Iraque em 20 de março de 2003. Entretanto, em fevereiro do ano seguinte, uma investigação revelou que não fora encontrado o suposto arsenal de armas de destruição de massa, o que se tornou um dos maiores escândalos do governo Bush. Em 30 de dezembro de 2006, o ex-ditador Saddam Hussein foi enforcado e o Iraque estava mergulhado em violência sectária, com constantes atentados terroristas.

2.1. O papel da mídia e o discurso

Karl Rove, ex-conselheiro sênior e vice-chefe de equipe do presidente George W. Bush, declarou, em 31 de julho de 2008, para o *The Wall Street Journal*: “A sabedoria convencional tem sido que esta eleição será decidida pela economia. Isso será crucial, mas o Iraque também será. E isso faz todo sentido. Afinal, somos uma nação em guerra. E, em tempos de guerra, eleger um presidente que vai ganhar deveria importar mais do que tudo”¹⁷. Não podemos nos esquecer que vários autores já discorreram sobre o papel da mídia na cultura, entendendo a informação como ato de comunicação e como discurso, a partir dos exames dos contratos de comunicação midiáticos. Eles consideraram a construção discursiva de acontecimentos, a estratégia de seleção de fatos e a questão da manipulação na imprensa em diversos de seus estudos. Charaudeau (2012), por exemplo, afirma que, de um ponto de vista empírico, pode-se dizer que as mídias de informação funcionam segundo uma dupla lógica: a primeira seria uma lógica econômica, que faz com que todo organismo de informação aja como uma empresa, tendo por finalidade fabricar um produto que se define pelo lugar que ocupa no mercado de troca dos bens de consumo. A segunda seria uma lógica simbólica, que faz com que todo organismo de informação tenha por vocação participar da construção da opinião pública. A máquina midiática de construção do sentido consiste em uma troca entre duas instâncias: a de produção e a de recepção. Para Charaudeau, existe o destinatário-ideal, aquele que, em comunicação, se designa como alvo,

¹⁷ Disponível em: <http://online.wsj.com/news/articles/SB121745998334798783>. Tradução livre do inglês por Ivânia Cardoso. Acesso em: 9 de agosto de 2014.

imaginado pela instância midiática como suscetível de perceber os efeitos visados por ela. Existe também o receptor real, o público, a instância de consumo da informação midiática, que interpreta as mensagens que lhe são dirigidas segundo suas próprias condições de interpretação (cf.: CHARAUDEAU, 2012, p. 21, 23, 26).

O mesmo autor também aborda a importância do contrato de comunicação na análise do discurso. Em outro trabalho, desta vez em parceria com Maingueneau, ele trata do contrato de comunicação como um conceito central, definindo-o como um conjunto das condições nas quais se realiza qualquer ato de comunicação. Isso é o que permite aos parceiros de uma troca linguageira reconhecerem um ao outro por meio de traços identitários que os definem como sujeitos desse ato (a identidade). Também reconhecem o objeto do ato que os sobredetermina (a finalidade) e entendem-se sobre o que constitui o objeto temático da troca (o propósito), considerando a relevância das coerções materiais que determinam esse ato (as circunstâncias) (cf.: CHARAUDEAU E MAINGUENEAU, 2012, p. 132).

Prado (2013), por sua vez, afirma que, no mundo contemporâneo, há uma infinidade de enunciadores que, além de informar e responder às demandas dos usuários, também nos convocam para programas específicos. Para o autor, os discursos embutidos nos dispositivos midiáticos buscam públicos mais ou menos segmentados. A convocação oferece não uma satisfação pura e simples para uma necessidade natural, mas dá forma a uma demanda latente (PRADO, 2013, p. 10, 11, 12).

Em sua edição de 9 de junho de 2008, o *The Wall Street Journal* publicou pesquisa do Pew Research Center, um dos maiores centros de estudos dos Estados Unidos. O levantamento, conduzido no final de maio daquele ano, mostrou que 88% dos eleitores classificaram a economia como a questão mais importante da corrida presidencial, enquanto 72% deram à guerra do Iraque o mesmo peso.

Questionados se o próximo presidente americano deveria se concentrar mais em política nacional ou externa, 66% dos eleitores americanos disseram que a prioridade era a política doméstica, enquanto 22% privilegiaram a externa. Neste estudo, o presidenciável Barack Obama tinha uma vantagem de dois dígitos sobre seu adversário republicano, John McCain, ou seja, 51% x 36%, quando os entrevistados foram questionados sobre qual candidato poderia melhorar a economia americana.

No período analisado, os dois enunciadores americanos publicaram um total de 3.340 reportagens, artigos e editoriais citando os candidatos Barack Obama e John McCain _ 2.075 textos foram publicados por *The New York Times* e 1.265 pelo *The Wall Street Journal*.

Gráfico 1 – Corpus do *The Wall Street Journal*

<i>The Wall Street Journal</i>	
Junho/08	209
Julho/08	197
Agosto/08	236
Setembro/08	271
Outubro/08	288
Novembro/08 *	64
Total geral	1.265
Fonte: Levantamento da autora	
* Período do corpus analisado é de 1º a 5 de novembro	

Gráfico 2 – Corpus do *The New York Times*

<i>The New York Times</i>	
Junho/08	350
Julho/08	359
Agosto/08	344
Setembro/08	399
Outubro/08	479
Novembro/08 *	144
Total geral	2.075
Fonte: Levantamento da autora	
* Período do corpus analisado é de 1º a 5 de novembro	

Gráfico 3 – Corpus total

<i>The New York Times e The Wall Street Journal</i>	
Junho/08	559
Julho/08	556
Agosto/08	580
Setembro/08	670
Outubro/08	767
Novembro/08 *	208
Total geral	3.340
Fonte: Levantamento da autora	
* Período do corpus analisado é de 1º a 5 de novembro	

Charaudeau diz que todo discurso se configura em texto, segundo certa organização semiodiscursiva, e que o sentido depende da estruturação particular das formas usadas, cujo reconhecimento pelo receptor é necessário para que se realize efetivamente a troca comunicativa. A instância da produção só pode imaginar o receptor de maneira ideal, construindo-o como destinatário-alvo que acredita ser adequado a suas intenções.

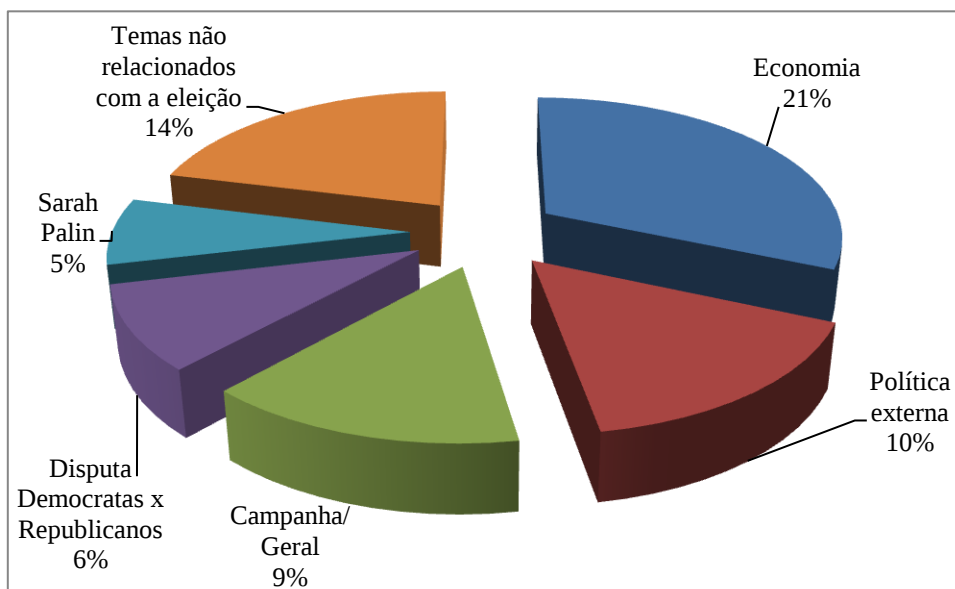
Os dois temas mais importantes para o eleitorado americano – a economia e a política externa – levantados pelo Pew Research Center corroboram as duas temáticas mais abordadas pelos enunciadores em artigos e reportagens publicados na corrida eleitoral. Os jornais publicaram 682 textos sobre economia e 343 sobre política externa, totalizando 31% do total do *corpus*. Desta maneira, as convocações dos enunciadores atenderam à demanda latente de seus usuários para atingir públicos específicos. No *corpus* analisado, Obama e McCain aparecem em textos que não tinham relação com a corrida eleitoral vigente. Um exemplo: na reportagem “Bom local para comer depois do golfe, mas mulheres são barradas”, do *The New York Times*, de 28 de junho de 2008, McCain é citado por ter ido por uma vez ao Phoenix Country Club. Este e outros textos, que totalizaram 457 reportagens, foram classificados como temas não relacionados com a eleição e não foram considerados na análise das temáticas mais abordadas pelos enunciadores.

Gráfico 4 – Temas mais citados pelos dois enunciadores

Temas mais citados pelos dois enunciadores							
	Jun/08	Jul/08	Ago/08	Set/08	Out/08	Nov/08 *	Total geral
Economia	79	82	98	208	190	25	682 21%
Política externa	73	85	81	44	49	11	343 10%
Campanha presidencial/ geral	68	76	38	30	64	37	313 9%
Democratas x Republicanos	15	19	29	37	69	37	206 6%
Sarah Palin	0	0	16	104	39	5	164 5%
Temas não relacionados com a eleição	81	75	59	68	138	36	457 14%

Fonte: Levantamento da autora

* Período do corpus analisado é de 1º a 5 de novembro



Fonte: Levantamento da autora

2.2. A construção de antagonismos

Os enunciadores publicaram textos sobre Barack Obama e John McCain e seus conteúdos revelaram antagonismos entre os candidatos em suas propostas em relação a economia, política externa, saúde, educação, habitação, questões sociais e diplomacia. A própria biografia dos candidatos também marcou suas diferenças sociais, o que foi amplamente explorado pelos dois veículos de comunicação. Em seus textos, Laclau e Mouffe abordam a emergência de novos antagonismos, a transformação da política em um mundo contemporâneo e o abandono da ideia de um agente perfeitamente unificado e homogêneo. Eles afirmam que os antagonismos não são internos e, sim, externos, estabelecendo os limites da sociedade, a impossibilidade de ela constituir-se plenamente (LACLAU E MOUFFE, 1987, p. 216).

A corrida presidencial americana de 2008 trouxe o embate de um negro de 44 anos, relativamente inexperiente na política, o qual se colocou como exemplo de diversidade étnica, cultural e social contra um senador experiente de 72 anos. Este último, considerado um herói de guerra e que ressaltou suas credenciais para resolver os principais problemas que mais preocupavam os americanos.

Ressaltamos aqui alguns aspectos biográficos do futuro presidente, a fim de nos embasarmos melhor para a discussão desenvolvida. Barack Hussein Obama II nasceu em 4 de agosto de 1961, em Honolulu, Havaí. Sua mãe, Ann Duhham, conheceu o pai do político democrata, Barack Hussein Obama I (1932- 1982), um bolsista queniano que estudava na Universidade do Havaí. Casaram-se no ano de 1959. Quando Obama tinha dois anos de idade, seu pai deixou a família para fazer pós-graduação em Harvard e depois voltou para o Quênia, com o objetivo de trabalhar como economista do governo. O democrata relatou, em sua autobiografia *A Origem dos Meus Sonhos*, que apenas se encontrou com seu pai mais uma vez na vida, aos dez anos de idade. Barack Hussein Obama I morreu aos 46 anos em um acidente de carro em Nairóbi.

Quando Obama tinha seis anos, sua mãe se casou de novo com o indonésio Lolo Soetoro tendo a família de se mudar para Jacarta. Obama frequentou uma escola católica e, depois, a instituição Menteng 01. A revista conservadora norte-americana *Insight* escreveu em seu site, em 2007, que a Menteng 01 era uma escola islâmica radical, uma madrassa. Mas, vários veículos de comunicação definiram a instituição como uma escola primária pública frequentada por alunos de

várias religiões. Aos dez anos, Barack Obama voltou ao Havaí para morar com os avós maternos. Graduou-se em Ciência Política pela Universidade de Colúmbia, em Nova York, com especialização em Relações Internacionais. Também cursou a Universidade de Direito de Harvard e foi o primeiro editor negro da revista *Harvard Law Review*. Após se formar, mudou-se para Chicago, onde trabalhou como líder comunitário e professor de direito constitucional na Universidade de Chicago.

Obama foi eleito pela primeira vez para o senado estadual de Illinois em 1996, e para o Senado americano em 2004. O democrata fez o discurso principal na convenção de seu partido no mesmo ano em que se deu a escolha de John Kerry para concorrer à Presidência contra George W. Bush. Quatro anos depois, Obama venceu a senadora Hillary Clinton em uma longa disputa interna do Partido Democrata, e conseguiu a indicação para concorrer à Casa Branca.

Conforme expusemos no Capítulo 1, quando Obama foi o orador principal na convenção que escolheu John Kerry para concorrer à Presidência naquele ano, ele preconizou uma política de esperança para os Estados Unidos. A análise realizada sobre as repercussões dos jornais americanos a respeito de seu discurso confirmou a eficácia da utilização da esperança como significante vazio na constituição de um discurso de união.

No início da análise do *corpus*, em 1º de junho de 2008, Barack Obama disputava a indicação para concorrer à Casa Branca com a ex-primeira-dama Hillary Clinton. A temática da disputa Obama x Hillary foi objeto de 66 reportagens nos dois jornais analisados durante o mês de junho, porém, ela logo se dissipou do noticiário após Obama conseguir a indicação para concorrer à Casa Branca pelo Partido Democrata, em 3 de junho. Na repercussão, os enunciadores deram grande destaque para sua biografia – um candidato nascido da miscigenação de raças e culturas – e para sua mensagem de mudança em questões econômicas e na política externa. O trecho a seguir foi retirado do The New York Times, de 4 de junho de 2008:

A vitória de Obama (...) quebrou barreiras raciais e representou um aumento notável para um homem que apenas há quatro anos serviu no Senado de Illinois. “Hoje à noite, nós marcamos o fim de uma jornada histórica e começamos outra – uma jornada que trará um novo e melhor dia para a América”, disse Obama.¹⁸

¹⁸ O trecho mencionado está em <http://www.nytimes.com/2008/06/04/us/politics/04elect.html?pagewanted=all>. Tradução do inglês pela autora. Acesso em: 2 de novembro de 2014.

Na mesma data, o *The Wall Street Journal* publicou:

Após Barack Obama conquistar a nomeação do Partido Democrata, é importante notar que momento extraordinário é este. Democratas estão nomeando um senador iniciante, apenas três anos após uma legislatura de Illinois e alguém que a maioria da América mal conhece. As pesquisas dizem que ele é o estranho favorito para se tornar o nosso próximo presidente (...). Pense sobre isso no contexto histórico. Jimmy Carter e Bill Clinton eram relativamente desconhecidos, mas ambos, pelo menos, tinham sido governadores de destaque. John Kerry, Walter Mondale, Al Gore e, até mesmo, George McGovern eram todos figuras de longa data de Washington. Candidatos republicanos tendem a ser ainda mais familiares, para melhor ou para pior. Sobre Obama, os democratas estão dando um salto de fé que está desafiando até mesmo seus padrões de risco. Sem dúvida, isso é parte do seu enorme apelo (...). Sua história pessoal – de raça miscigenada e vindo de Harvard – repercute em uma América onde os dois mais populares ícones populares são Tiger Woods e Oprah. Seus dons políticos são formidáveis, especialmente sua capacidade de se conectar com o público através de um palanque. Acima de tudo, Obama construiu uma mensagem que encaixa o momento político e o desejo do público de “mudança”. Ao dar o melhor de si mesmo, ele oferece a americanos cansados da guerra e do rancor político a promessa de um propósito e de uma unidade nacional.¹⁹

Obama disputou a eleição contra John Sidney McCain III, que nasceu em 29 de agosto de 1936, na região do Canal do Panamá. McCain entrou para a Academia Naval em junho de 1954, e serviu na Marinha dos Estados Unidos até 1981. Como piloto da Marinha, lutou na guerra do Vietnã. Em 1967, teve seu avião abatido e foi capturado. Permaneceu por cinco anos prisioneiro e ficou com limitações de movimentos em um dos braços. McCain retornou aos Estados Unidos em 1973, sendo considerado herói de guerra. Foi eleito para a Câmara dos Deputados (House of Representatives) do Arizona e, depois, para o Senado, em 1986. Em 2000, perdeu a indicação do Partido Republicano para concorrer à Presidência para George W. Bush. Em 2007, quase desistiu de tentar novamente a indicação pela corrida à Casa Branca, mas resultados inesperados internos do Partido Republicano lhe garantiram a vaga pela briga à Presidência ao desbancar nomes como Rudolph Giuliani e Mitt Romney.

McCain foi associado pelos enunciadores às políticas do então presidente George W. Bush. Em 1º de julho de 2008, o *The New York Times* chamou os oito anos do então governo republicano de “era do terror” por ter promulgado a doutrina de guerras preventivas para criar

¹⁹ O trecho mencionado está disponível em: <http://online.wsj.com/news/articles/SB121254834844844045>. Tradução do inglês pela autora. Acesso em: 9 de agosto de 2014.

uma lógica mais permissiva para o emprego de forças armadas, além de ter sido um governo que aprimorou as prerrogativas de uma presidência imperial em todos os assuntos relativos à segurança nacional. Os trechos a seguir foram retirados dos jornais *The New York Times* e *The Wall Street Journal*:

No momento em que John McCain se tornou o centro das atenções na quinta-feira à noite, nós nos perguntamos se haveria algum sinal do senador que nós sempre respeitamos – o conservador que combateu lealmente, e, algumas vezes, contrariou a ortodoxia do partido. Certamente, a convenção que o nomeou não guardou qualquer semelhança com aquele John McCain. Em vez de dar sua própria imagem ao Partido Republicano de George W. Bush, McCain permitiu que os praticantes da política do medo e da divisão conduzissem o show.²⁰

John McCain saboreou, noite passada, o triunfo de garantir a nomeação republicana para presidente, apesar de que seu azar é ganhá-la em um ano em que o Partido Republicano está em seu pior período desde a era Watergate. Pelos padrões históricos, ele deve ser um perdedor certo. Ainda que McCain permaneça como um concorrente formidável – em parte por causa das fraquezas de seu oponente, mas, também, porque ele pode reivindicar ser um reformista que sempre lutou contra os piores instintos de seu partido, notadamente nos gastos com imigração – suas chances de ganhar agora se projetam se ele pode fazer diferença para eleitores que procuram mudança.²¹

2.3. Mudança x Dissidência

As estratégias de marketing e o plano de comunicação de Barack Obama foram pautados na necessidade de uma mudança na sociedade norte-americana. Sua equipe de campanha recorreu aos slogans-significantes em torno das palavras *hope* (esperança) e *change* (mudança), a exemplo de *Change we can believe in* (“Nós podemos acreditar na mudança”) e *Yes, we can* (“Sim, nós podemos”), extremamente impactantes nos Estados Unidos e em outros países. Obama e seus *slogans* foram objeto de camisetas e outros souvenirs, como canecas e canetas.

Como já analisado no Capítulo 1, a palavra “esperança” é novamente usada na campanha do democrata, desta vez como *slogan*. No discurso de 27 de julho de 2004, no Fleet Center, em Boston, Obama usou a palavra “esperança” por 14 vezes para que ela se tornasse uma

²⁰ Disponível em: <http://www.nytimes.com/2008/09/05/opinion/05fri1.html>. Tradução do inglês pela autora. Acesso em: 9 de agosto de 2014.

²¹ Disponível em: <http://online.wsj.com/news/articles/SB122057235827601631>. Tradução do inglês pela autora. Acesso em: 8 de agosto de 2014.

marca em seu discurso. Soma-se isso ao significante vazio “mudança”, que no dicionário Houaiss apresenta uma gama de significados como “substituição”, “troca”, “transformação decorrente de certos fenômenos” ou “transformação do estado de algo”. O significante vazio também está diretamente associado aos dois *slogans* do candidato democrata: *Nós podemos acreditar na mudança* e *Sim, nós podemos* – este último remetendo à possibilidade de uma transformação de amplo nível na sociedade norte-americana.

Laclau, citando Rosa Luxemburgo sobre as considerações da pensadora a respeito da luta política, diz que, em um clima de extrema repressão, toda mobilização por um objeto parcial será percebida não somente como relacionada à reivindicação ou aos objetivos concretos dessa luta, mas, também, como um ato de oposição ao sistema. O que estabelece uma unidade em uma variedade de lutas e mobilizações concretas ou parciais não é algo positivo que elas partilhem, mas, sim, algo do negativo: sua oposição a um inimigo comum (LACLAU, 2011, p. 73).

Neste caso, para justificar os *slogans*, Obama oferece mudanças em relação às políticas de George W. Bush. Nesta dissertação, serão investigados principalmente os temas que mais interessavam os eleitores norte-americanos, identificados em pesquisas, e que se tornaram os dois tópicos mais abordados pelos enunciadores nas publicações de 2008, ou seja, economia e política externa. Obama se colocou como um opositor ao sistema vigente, durante sua campanha, a fim de obter unidade e conseguir eficácia na utilização do significante vazio “mudança”.

Segundo Laclau, a presença de significantes vazios é a própria condição da hegemonia. Uma classe ou grupo é considerado hegemônico quando não se fecha em uma estreita perspectiva corporativista, mas se apresenta para a mais ampla massa da população como o realizador de objetivos mais extensos, como a emancipação ou a restauração da ordem social (LACLAU, 2011, p. 77).

Em suas propostas econômicas, o democrata se posicionou claramente como o candidato que iria defender os interesses da classe média e dos aposentados, buscando, desta forma, um receptor-alvo para conquistar votos. Ele propôs impostos mais altos para famílias que ganhassem mais de US\$ 250 mil por ano e taxas mais baixas para as famílias de baixa e média renda. Isso não incluiria só um aumento no imposto sobre o salário, mas, também, em acréscimo sobre os ganhos de capital e dividendos da maioria das empresas.

Além disso, ele defendeu um aumento de impostos sobre a previdência social de trabalhadores com renda mais alta. “É tempo de gente como eu, que ganha mais de US\$ 250 mil,

pagar a nossa parte da quota”, disse o democrata em um discurso no início de junho, citado pelo *The Wall Street Journal*. “Se sua família ganha menos de US\$250 mil, meu plano não vai aumentar seus impostos, nem seu imposto de renda, nem seu imposto sobre o salário, nem sobre seu ganho de capital, nem qualquer um de seus impostos. Na verdade, as chances são de que você obtenha um corte de impostos”, acrescentou.

Obama propôs pagar grande parte destas medidas com o fim da impopular guerra do Iraque, que, naquela época, custava cerca de US\$ 100 bilhões por ano aos contribuintes americanos. Ele também prometeu cortar impostos para companhias que abrissem novas vagas de trabalho e o congelamento temporário de execuções hipotecárias de americanos que se comprometessem a pagar suas dívidas. Por conta destas propostas, a campanha de John McCain tentou taxar Obama de “socialista”, porque, segundo o republicano, suas medidas se baseavam na divisão de riquezas.

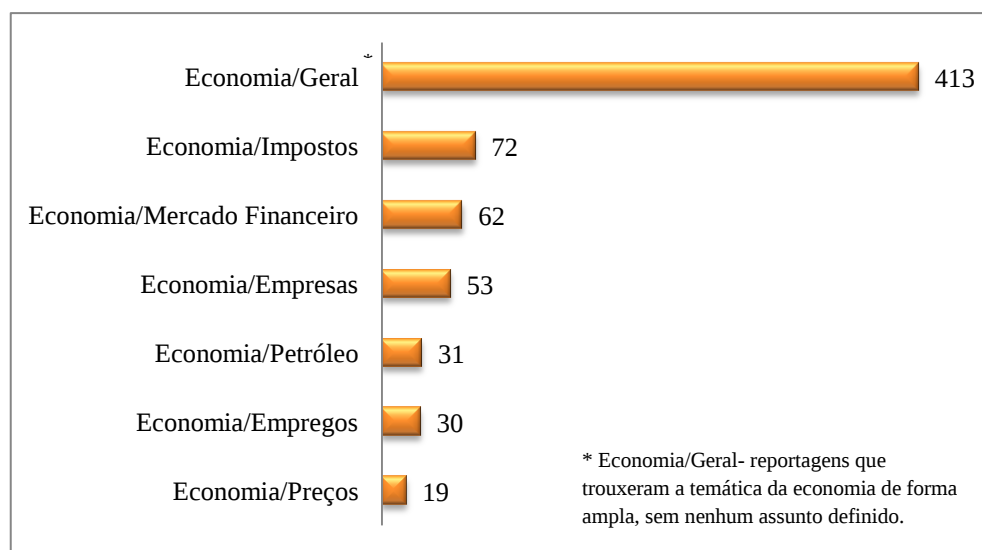
Um personagem que surgiu durante a campanha ajudou os republicanos na disseminação deste conceito. Tratou-se de Joe Wurzelbacher, morador de Holland, Ohio. Durante uma visita de Obama à sua cidade, ele o questionou sobre seu plano econômico. “Joe, o encanador”, como ficou mundialmente conhecido, relatou a Obama que gostaria de adquirir a empresa onde havia trabalhado por anos. Como a companhia faturava entre US\$ 250 mil e US\$ 280 mil anualmente, comentou com o candidato que pagaria mais taxas se Obama fosse vitorioso na corrida eleitoral.

Joe, o encanador, foi um dos principais temas do último debate entre os dois candidatos, ocorrido em 15 de outubro. Ele foi constantemente citado por McCain como símbolo de como as políticas fiscais de Obama prejudicariam as pequenas empresas. Ao canal de TV Fox News, Wurzelbacher disse que o plano do democrata lhe parecia socialista. “Robin Hood roubou dos ricos para distribuir aos camponeses. Então, ele [Obama] está nos chamando de camponeses e eu fico um pouco ofendido com isso.” Entretanto, em 17 de outubro, *The New York Times* revelou que Wurzelbacher, que havia virado celebridade nacional e um ponto de incômodo para a campanha democrata, não tinha licença para ser encanador e devia impostos atrasados, o que descaracterizou o discurso do personagem.

Segundo o jornal *The Wall Street Journal*, a campanha de McCain tirou da gaveta algumas das promessas não cumpridas pelo presidente George W. Bush, como equilibrar o orçamento federal em quatro anos, além da reformulação do sistema de Previdência Social nos EUA. Porém, o jornal ressalta que o republicano não havia explicado como faria as referidas

mudanças. McCain se propôs continuar com as isenções tributárias do governo Bush, que, segundo os adversários democratas, beneficiariam os mais ricos. Em maio de 2003, o Congresso americano aprovou um pacote de redução de impostos de US\$ 350 bilhões sobre dividendos e ganhos de capital, com a alíquota mais alta baixando de 20% para 15%. McCain também prometeu diminuir os gastos governamentais para obter uma economia de US\$ 100 bilhões para a União e oferecer mais incentivos a empresas a fim de gerar empregos.

Gráfico 5 - Reportagens sobre economia nos dois enunciadores



Fonte: Levantamento da autora

Quando foi nomeado para ser o candidato do Partido Republicano, em setembro de 2008, McCain, pela primeira vez, teve maior visibilidade em um mês no noticiário ante seu adversário democrata. Isso se deve especialmente à escolha de sua vice-candidata, Sarah Palin, personalidade que será abordada posteriormente. Também, pela primeira vez, ele apareceu em sua melhor posição nas pesquisas de intenção de voto. O republicano liderou a média de sete levantamentos eleitorais realizados pelo Instituto Real Clear Politics, com uma vantagem de 2,9 pontos percentuais em relação a Obama.

Entretanto, o democrata logo recuperou sua vantagem após notícias econômicas desfavoráveis ao governo Bush. O Departamento do Trabalho divulgou, no dia 6, que a economia americana havia fechado 49 mil postos de trabalho em maio de 2008 e que a taxa de desemprego

chegara a 5,5%, com 8,5 milhões de pessoas desempregadas. Além disso, um dos maiores símbolos da situação do caos econômico foi a falência do banco Lehman Brothers após 158 anos de existência. O pedido de concordata do quarto maior banco de investimentos dos Estados Unidos ocorreu em 15 de setembro de 2008. Antes da quebra do Lehman Brothers, outras duas instituições haviam tido problemas financeiros. Em março de 2008, o Bears Stearns havia passado por intervenção do Departamento do Tesouro e, dias antes da concordata do Lehman Brothers, o Bank of America tinha comprado o Merrill Lynch.

Na campanha de 2008, John McCain usou os *slogans* *Reform. Prosperity. Peace* (“Reforma. Prosperidade. Paz”), *Country First* (“O país em primeiro lugar”), *A Leader You Can Believe In* (“Um líder em quem você pode acreditar”). McCain se definiu durante toda a corrida eleitoral como um *maverick*, termo inglês que significa “dissidente”, “pessoa de pensamento independente”, “de comportamento independente”, “o que diverge”. Seu objetivo era se distanciar do impopular governo republicano de George W. Bush num momento de grave crise financeira e econômica que poderia representar uma ameaça e terminar com a sua derrota na corrida eleitoral. Os democratas lançaram mão do discurso de que a eleição de McCain seria um terceiro mandato de George W. Bush e, como marketing político, usaram o termo “McBush”.

Em 3 de junho de 2008, no início da corrida eleitoral, McCain fez um discurso em que procurou se distanciar de Bush argumentando que ele tinha credenciais mais fortes como um agente independente de mudança do que seu rival democrata, Barack Obama. “Ele é um homem impressionante, que gera uma grande primeira impressão. Mas não está disposto a tomar decisões difíceis, desafiar o seu partido, se arriscar a críticas dos seus partidários para trazer mudanças reais para Washington. Eu estou”. E ainda: “Você vai ouvir na campanha do meu adversário, em cada discurso, em cada entrevista, em cada comunicado de imprensa que eu estou concorrendo para o terceiro mandato do presidente Bush (...). Por que o senador Obama acredita que é tão importante repetir essa ideia de novo e de novo? Porque ele sabe que é muito difícil fazer com que os americanos acreditem em algo que sabem ser falso”.²²

Já Mark Salter, um dos conselheiros mais próximos de McCain, disse ao *The New York Times*, em 17 de junho de 2008: “Nos últimos dez anos, ele tem sido uma voz independente para o que acha ser o melhor para o interesse de seu país. Às vezes, isso trouxe a ele conflitos com

²² Disponível em: <http://www.nytimes.com/2008/06/03/us/politics/03text-mccain.html?pagewanted=all>. Tradução do inglês pela autora. Acesso em: 10 de agosto de 2014.

membros de seu partido e com o presidente. Os democratas sabem disso”.²³ No debate vice-presidencial de 2 de outubro de 2008 entre Sarah Palin e Joe Biden, a candidata republicana usou a palavra *maverick* seis vezes para descrever a si mesma e a seu companheiro de chapa. Em determinado momento, chegou até mesmo a chamá-lo de um “*maverick* consumado”.

O locutor de uma das propagandas de McCain na TV, esta, por sua vez, citada em reportagem do *The New York Times* de 5 de agosto de 2008, anunciava:

Washington está quebrada. John McCain sabe disso. Nós estamos piores do que estávamos há quatro anos. Somente McCain enfrentou as grandes indústrias tabagistas, as empresas farmacêuticas, combateu a corrupção em ambos os partidos. Ele vai reformar Wall Street, lutar contra as grandes companhias petrolíferas, tornar a América próspera novamente. Ele é o dissidente original. Aquele que está pronto para liderar: McCain.²⁴

Na mesma reportagem, o enunciador ressaltou que, durante quatro mandatos no Senado, McCain tinha polido suas credenciais reformistas para algumas questões, e que fora um líder esforçado para aprovar um projeto bipartidário de reforma nas finanças de campanha, o que resultou em novos limites para as contribuições políticas. Por outro lado, também destacou que McCain nunca reverberou publicamente a sua opinião de que o país estava pior do que há quatro anos, e que nem sempre votou contra os interesses das empresas ou rompeu com seu partido.

O jornal *The New York Times* publicou uma reportagem em 4 de outubro para explicar origem do termo *maverick* e ressaltou que aplicá-la à palavra a McCain “é um pouco de exagero - e, para uma família do Texas, em particular, é ainda um pouco ofensivo”. E adiante, no mesmo texto, Terrelita Maverick, 82 anos, natural de San Antonio, declarou: “Eu estou simplesmente enfurecida pelo fato de McCain chamar a si mesmo de um *maverick*”. Segundo o jornal, Maverick é também o nome de uma família conhecida por suas políticas progressistas desde 1600: um de seus ancestrais, em Boston, veio a ter problemas com a lei por ter protestado pelos direitos dos empregados.

²³ Disponível em: <http://www.nytimes.com/2008/06/17/us/politics/17policy.html?pagewanted=all>. Tradução do inglês pela autora. Acesso em: 10 de agosto de 2014.

²⁴ Disponível em: <http://thecaucus.blogs.nytimes.com/2008/08/05/new-ad-calls-mccain-the-original-maverick/>. Tradução do inglês pela autora. Acesso em: 10 de agosto de 2014.

Em 1800, Samuel Augustus Maverick foi para o Texas e se tornou conhecido por não marcar seu gado. Ele estava mais interessado em manter o controle da terra que possuía do que do gado que nela criava, disse a Sra. Maverick; gado sem marca, então, passou a ser chamado *Maverick*. O nome veio a significar qualquer pessoa que não suportava ter a marca de outra.²⁵

Maverick, posteriormente, foi usado por outras pessoas da família que atuaram nos ramos da política e da advocacia, e ficou conhecida por sua associação ao liberalismo e aos ideais progressistas. Terrellita continuou em sua declaração: “É simplesmente incrível. Que cara de pau sugerir que ele não seja parte desse rebanho republicano. Toda vez que ouvimos isso, todos os meus filhos, eu e toda a minha família encolhemos um pouco e dizemos: ‘Oh, meu Deus, ele disse aquilo de novo’ (...). Ele é um republicano. (...) O que significa que é marcado”. Com isso, ela fez uma analogia ao gado que possui proprietário.²⁶

2.4. Política externa e Iraque

Com o fim da Guerra Fria e com os ataques de 11 de setembro de 2001 em Nova York, e em parte do Pentágono, os Estados Unidos elegeram um novo alvo de combate em seu discurso de potência hegemônica mundial: o terrorismo ligado à rede Al Qaeda, de Osama bin Laden, e aos fundamentalistas islâmicos. Com o objetivo declarado de eliminar ameaças terroristas, o então presidente George W. Bush decidiu promover uma “guerra ao terror”. Primeiramente, o republicano efetuou uma operação militar sem sucesso no Afeganistão para encontrar Bin Laden. Um ano e meio após os ataques de 11 de setembro, os EUA invadiram o Iraque com falsas justificativas da existência de armas de destruição de massa pelo governo de Saddam Hussein, as quais poderiam acabar nas mãos da rede Al Qaeda.

Ayerbe (2009) ressalta que a política externa de George W. Bush foi marcada de uma maneira decisiva pelos atentados de 11 de setembro, que resultaram em duas guerras: contra o Afeganistão e contra o Iraque. Também promoveram a “doutrina Bush”, que imaginou um papel

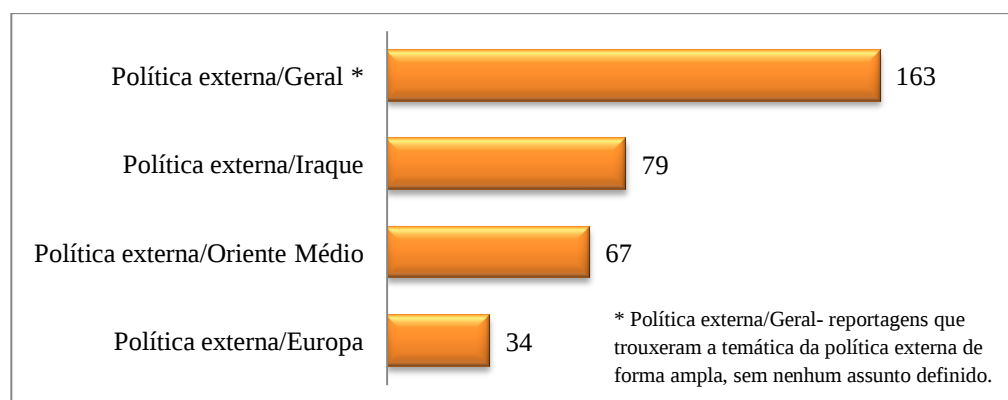
²⁵ Disponível em: <http://www.nytimes.com/2008/10/05/weekinreview/05schwartz.html>. Tradução do inglês pela autora. Acesso em: 10 de agosto de 2014.

²⁶ Idem.

para os Estados Unidos no mundo pautado pela ênfase na segurança e no engajamento militar. Para o autor, essa doutrina, adotada entre 2001 e 2004, baseou-se no discurso de vencer o terrorismo e acabar com a tirania, sendo que o envolvimento dos EUA em guerras eventuais não precisaria necessariamente de aprovação de outros países. Essa política externa unilateralista ficou conhecida como política neoconservadora, “Império Americano” ou “novo realismo” (AYERBE, 2009, p. 15-16).²⁷

Dentre os assuntos relacionados à campanha presidencial de 2008, a temática da política externa foi a segunda mais presente em reportagens, editoriais e artigos dos enunciadores. Quando dividimos o assunto para estudo, o subtema mais encontrado foi a guerra do Iraque.

Gráfico 6 - Reportagens sobre política externa nos dois enunciadores



Fonte: Levantamento da autora

Apesar de John McCain ter servido a Marinha dos EUA por 27 anos, lutado na guerra do Vietnã, e ser considerado um herói de guerra nos Estados Unidos, os enunciadores constantemente vincularam seu nome a políticas consideradas errôneas do então presidente

²⁷ O pensamento neoconservador, expressão criada por Irving Kristol, sintetiza a desilusão de alguns intelectuais para com o pensamento liberal e o Partido Democrata. Kristol, junto com Norman Podohertez e Nathan Glazier, dentre outros, rompeu com os democratas e se aproximou dos republicanos. Estes três tiveram um papel importante na formulação da política externa de Ronald Reagan. Já a segunda geração de neoconservadores ajudou na implantação de diretrizes da política externa do governo de George W. Bush. Na política externa, os neoconservadores defendem uma atitude de confrontação ativa do Estado contra ameaças. No caso do segundo mandato de Bush, sua política externa foi marcada pelos atentados de 11 de setembro, desencadeadores da “guerra ao terror” e da criação de medidas pautadas na ênfase na segurança e engajamento militar (cf.: AYERBE, 2009, p.14-15).

George W. Bush em relação à invasão do Iraque. Em 31 de julho de 2008, *The Wall Street Journal* afirmou que o primeiro problema de McCain com relação ao Iraque foi ele ter sido favorável a depor Saddam Hussein quando tal questão era bem popular – afinal, em abril de 2003, 76% dos americanos achavam que valia a pena ir para a guerra. Entretanto, ele manteve seu apoio à guerra mesmo quando a temática perdeu popularidade. Segundo o enunciador, em janeiro de 2008 apenas 32% dos americanos acreditaram que uma guerra era válida.²⁸

McCain apoiou desde o começo os planos de George W. Bush sobre invadir o Iraque para destruir as supostas armas de destruição de massa com o objetivo de estabilizar o Oriente Médio. Durante a campanha de 2008, o republicano apoiou a manutenção de um grande contingente militar no Iraque, até que a vitória americana fosse atingida. Ele previu a saída das tropas apenas em janeiro de 2013, no final de seu primeiro suposto mandato presidencial, mas não garantiu que a data iria ser mantida. O republicano argumentou que a presença das tropas americanas ajudaria o Iraque a manter sua segurança e declarou que as tropas dos EUA poderiam permanecer no Iraque por cem anos ou mais, desde que a nação se tornasse estável e tivesse paz.

Por outro lado, Obama posicionou-se contra a invasão americana ao Iraque. O democrata também foi retratado nos meios de comunicação por ter advertido que uma invasão americana ao país árabe iria inflamar o extremismo e distanciar os EUA da luta contra a rede Al Qaeda e o grupo Taleban.

Pouco antes de anunciar minha candidatura ao Senado em 2002, discurssei contra a guerra do Iraque e questionei as provas da existência de armas de destruição em massa naquele país, apresentadas pelo governo para justificar a invasão, ponderando que a invasão do Iraque seria um erro que nos sairia muito caro. As notícias vindas do Iraque e do restante do Oriente Médio e inundam os meios de comunicação não desabonam meu ponto de vista (OBAMA, 2007, p. 57).

Para ressaltar seu posicionamento como agente de mudança e de transformação da sociedade americana, Obama prometeu começar a retirada das tropas do país árabe assim que assumisse o mandato na Casa Branca, determinando a saída entre uma ou duas brigadas por mês do Iraque, concluindo a retirada total até o verão de 2010. Ele assegurou que manteria uma tropa residual no país para proteger a embaixada americana e outros pontos importantes. Os

²⁸ Disponível em: <http://www.nytimes.com/2008/10/05/weekinreview/05schwartz.html>. Tradução do inglês pela autora. Acesso em: 10 de agosto de 2014.

enunciadores também destacaram em seus textos a promessa de Obama de oferecer maior diplomacia, o que incluiria conversas com o Irã e a Síria, além de ajuda para refugiados.

2.5. “A mídia está apaixonada por Obama”

John McCain costumava brincar chamando a mídia de “minha base”. Agora, ele e seus assessores estão se tornando cada vez mais frustrados com o que veem como sendo uma crescente paixão da imprensa por seu rival, Barack Obama. Essa agitação se tornou mais intensa esta semana, com a atenção dada à viagem de uma semana do senador Obama para a Europa e o Oriente Médio. O senador McCain fez uma viagem semelhante em março, mas não foi acompanhado pela imprensa – e recebeu muito pouca atenção. A viagem do candidato republicano para a Colômbia, no início de julho, incluiu a mídia, mas atraiu escasso interesse lá fora.

Em contrapartida, os assessores do senador Obama tiveram de afastar os meios de comunicação e alinharam três grandes âncoras de rede de notícias para entrevistá-lo em noites sucessivas. A campanha de McCain divulgou seu desdém na terça-feira, em um vídeo na internet, no qual criticou apoiadores e doadores. “A mídia está apaixonada por Obama”.²⁹

No trecho da reportagem acima, retirado de *The Wall Street Journal*, de 23 de julho de 2008, o enunciador afirma que há uma preferência da imprensa norte-americana em relação a Obama em detrimento de McCain, que ficou evidente em um *tour* feito pelo democrata pelo Oriente Médio e pela Europa em julho de 2008.

O objetivo da viagem era melhorar a imagem de Obama, até então inexperiente, em termos de política externa. O democrata, que, na época, conseguiu reunir uma equipe de cerca de 300 especialistas em política internacional para auxiliá-lo no tema, era constantemente alvo de críticas republicanas de que não tinha credenciais suficientes para liderar os Estados Unidos em questões externas. A viagem também foi uma oportunidade para Obama promover seus *slogans* de “esperança” e “mudança” e mostrar que era um líder capaz de transformar a imagem negativa de seu país perante o mundo.

Naquela viagem, o democrata esteve no Kuwait, no Afeganistão, no Iraque, na Jordânia, em Israel, na Alemanha, na França e na Inglaterra. No Iraque, recebeu o apoio do então primeiro-

²⁹ Disponível em: <http://online.wsj.com/news/articles/SB121677550831675803>. Tradução do inglês pela autora. Acesso em: 10 de agosto de 2014.

ministro do país, Nuri al Malik, para seu plano de retirada das tropas americanas do país árabe, uma das maiores demandas do eleitor americano. Em Berlim, onde fez um discurso considerado histórico e atraiu um público estimado de 200 mil pessoas, o democrata fez um apelo pela união e cooperação entre americanos e europeus, pela superação de diferenças e pela retomada de velhas alianças para restaurar a estabilidade global e, desta maneira, enfrentar ameaças existentes e imprevistas. Foi também elogiado em sua passagem por Paris pelo então presidente francês Nicolas Sarkozy.

Por outro lado, como o próprio *The Wall Street Journal* admite na passagem antes descrita, o senador McCain fez uma viagem semelhante ao *tour* de Obama no mês de março, mas não foi acompanhado da imprensa e recebeu muito pouca atenção dos meios de comunicação. De acordo com levantamento do Instituto Media Research Center, a viagem de Obama resultou em 92 minutos de cobertura jornalística nos principais telejornais da TV americana, enquanto a viagem de McCain rendeu oito minutos e meio de cobertura.

A campanha de Obama foi mais eficaz em promover a viagem pelo Oriente Médio após o Partido Democrata já ter definido o seu concorrente à Casa Branca, às vésperas da eleição, o que atraiu muito mais a atenção dos enunciadores, ao contrário de McCain, que fizera um roteiro parecido oito meses antes do pleito eleitoral, em um contexto de indefinição política dos partidos sobre as candidaturas democrata e republicana. Naquela época, a disputa entre Hillary Clinton e Barack Obama nas primárias democratas estava no centro do interesse dos enunciadores em suas publicações.

Para Charaudeau (2012), a noção de atualidade é de importância central no contrato midiático, porque é ela que guia as escolhas temáticas. Em *Discurso das Mídias*, o autor discute como é feita a construção temática das notícias. Para ele, a seleção dos acontecimentos ocorre por meio de critérios internos e externos. Na categoria dos critérios externos, os fatos podem ser de três tipos: o acontecimento surge em sua factualidade, o acontecimento é programado pela existência de um calendário que pontua a organização e o desenvolvimento da vida social, e, por último, o acontecimento é suscitado porque é preparado e provocado por determinado setor institucional – particularmente o do poder político –, que faz pressão junto às mídias com fins estratégicos. Já os critérios internos estão relacionados pelas escolhas da instância midiática. Segundo o autor, os critérios de publicação levam em conta a notoriedade, a representatividade, a expressão e a polêmica (CHARAUDEAU, 2012, p. 133, 137, 145).

Sabemos que uma campanha presidencial requer uma cobertura jornalística diária, por parte dos veículos de comunicação, a respeito de acontecimentos considerados factuais: a campanha dos candidatos, suas declarações, ataques entre os concorrentes, dentre outros fatores. Em seus manuais de redação, a maioria dos veículos de comunicação diz que se pauta pela imparcialidade e objetividade nas reportagens. De acordo com Charaudeau (2012), espera-se que a reportagem esteja o mais próxima possível da realidade do fenômeno, pois ela não faz parte de uma ficção. Entretanto, o autor argumenta que toda construção de sentido depende de um ponto de vista particular. Daí, segundo ele, usa-se a técnica da “gangorra”, que consiste, para o autor de uma reportagem, em propor pontos de vista diferentes, ou mesmo contrários, sem arriscar-se a operar uma hierarquia ou tomar partido (CHARAUDEAU, 2012, p. 222).

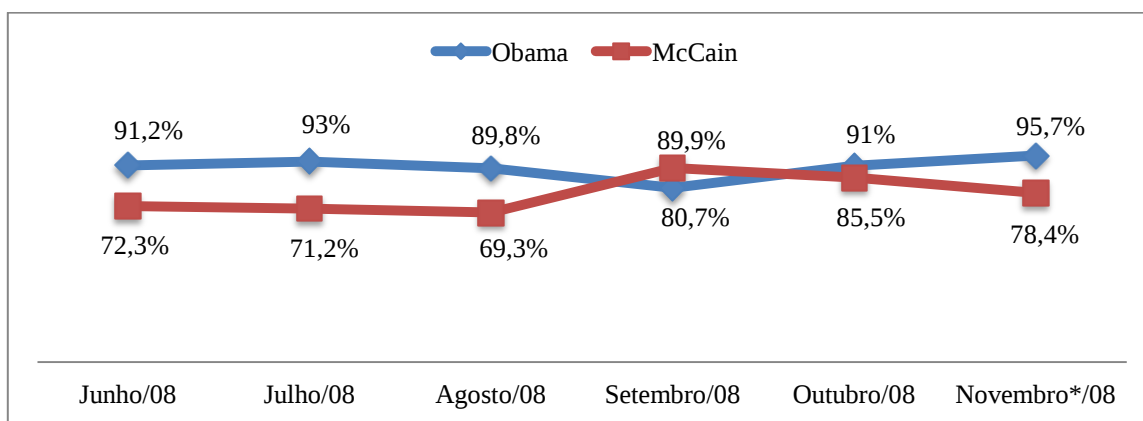
Os jornais também apresentam textos assinados por colaboradores, que têm o objetivo de oferecer análises. Diversas vezes, trata-se do ponto de vista do próprio escritor. Ainda existe o editorial, um texto que nunca é assinado por ninguém em particular. Seu conteúdo expressa a opinião da empresa, sem a obrigatoriedade do quesito imparcialidade.

Para Edward S. Herman e Noam Chomsky, a mídia serve aos poderosos interesses sociais que a controlam e financiam. Isso se faz por meio de políticas que incluem a seleção de pessoal com pensamentos similares e pela internalização das prioridades e definições por parte de editores e jornalistas, ressaltando-se aquilo que é digno de ser noticiado e que está de acordo com a política de determinada instituição. Os autores também destacam que existe a dependência da mídia para com as fontes de financiamento – os anunciantes. Para os autores, a mídia de massa serve como um sistema para comunicar mensagens e símbolos à população em geral, o que requer uma propaganda sistemática (HERMAN E CHOMSKY, 2003, p. 11-12).

Nesta pesquisa, Barack Obama é citado em 89,4% do total do *corpus* analisado, enquanto seu adversário republicado aparece em 78,5% das citações. Com exceção do mês de setembro, o democrata é mais citado em reportagens, artigos e editoriais, em detrimento de John McCain e, no total, tem uma visibilidade maior do que seu adversário republicano em todo o *corpus*. O democrata, com suas promessas de mudança e sua biografia diferenciada, atraiu muito mais a atenção dos meios de comunicação, como reconheceram os republicanos, do que a imagem de dissidente que John McCain tentou imprimir na campanha, porém, sem sucesso. Os enunciadores deixam claro em seus textos de que o país precisava romper completamente com as políticas em vigor na época, especialmente no que diz respeito à economia e à política externa. Como o

democrata ofereceu uma completa ruptura dessas políticas em suas propostas, acabou ganhando maior visibilidade, em detrimento de seu adversário, que defendeu as soluções que já estavam em vigor nos EUA.

Gráfico 7- Visibilidade dos candidatos nos dois enunciadores



* Período do corpus analisado é de 1º a 5 de novembro

Fonte: Levantamento da autora

2.6. Sarah Barracuda

Em seus textos, Laclau e Mouffe (1987) abordam as transformações sociais ocorridas na política contemporânea e destacam a importância do feminismo e de movimentos contestatórios de minorias étnicas, nacionais e sexuais, exatamente o que presenciamos na campanha eleitoral norte-americana em 2008.

No início da corrida presidencial, a senadora e ex-primeira-dama Hillary Clinton disputou e perdeu a indicação para concorrer à Casa Branca com o afro-americano Barack Obama. Em setembro, a temática das mulheres voltou à tona na campanha, com a escolha de Sarah Louise Heath Palin, na época com 44 anos, para ser a companheira de chapa de John McCain pelo Partido Republicano. A decisão surpreendeu políticos e analistas, já que a então governadora do

pouco populoso Estado do Alasca era considerada desconhecida fora desse ambiente político. Sarah Palin conseguiu a nomeação deixando para trás nomes mais conhecidos politicamente dentro do Partido Republicano, como o ex-pré-candidato Mitt Romney, o senador Joe Lieberman e o governador de Minnesota, Tim Pawlenty.

A decisão de McCain pela governadora do Alasca foi vista pelos meios de comunicação americanos como uma tentativa de atrair as mulheres descontentes com a escolha de Obama em detrimento de Hillary como presidenciável democrata, já que a ex-primeira-dama tinha obtido 18 milhões de votos como pré-candidata nas primárias do Partido Democrata. Outro objetivo também seria atrair republicanos mais conservadores, porque McCain tentava se passar por um “dissidente” dentro do partido. O *The New York Times* chegou a apelidar Sarah Palin de *hockey mom* (termo usado no norte dos EUA e no Canadá para designar mães que sempre levam seus filhos para os jogos de hóquei). Desta maneira, McCain também fez uma tentativa de se aproximar da classe média americana, estratégia que estava sendo aplicada por seu adversário democrata. Conforme o trecho do *The New York Times* de 30 de agosto de 2008:

O senador John McCain surpreendeu o mundo político na sexta-feira com a nomeação de Sarah Palin, uma governadora pouco conhecida do Alasca e uma “mãe do hóquei” com quase nenhuma experiência em política externa, como sua companheira de chapa presidencial republicana.

Palin, 44 anos, conservadora, ex-membro sindical e mãe de cinco filhos que era governadora há dois anos, não estava em nenhuma das listas da campanha de McCain amplamente discutidas para a vaga de vice-presidente. Ao selecioná-la, McCain ficou muito fora do circuito de Washington, em um ano eleitoral em que o candidato presidencial democrata, o senador Barack Obama, está concorrendo com uma plataforma de mudança.³⁰

A nomeação de Sarah Palin atraiu a atenção dos enunciadores e chegou a ser tema de 164 textos, ou 4,9% de todo o *corpus* analisado. No mesmo período, Joe Biden, o vice-candidato escolhido pelo Partido Democrata, foi objeto de 39 textos, ou cerca de 1% total. Os jornais publicaram diversas reportagens abordando a biografia de Sarah Palin: divulgaram que ela havia sido miss Wasilla, que ficara em segundo lugar no concurso de miss Alasca, e que, pela intensidade com que defendia seu time de basquete em sua época escolar, havia ganhado o apelido de “Sarah Barracuda”. Outros detalhes de sua biografia também foram extremamente

³⁰ Disponível em: <http://www.nytimes.com/2008/08/30/us/politics/30veep.html?pagewanted=all>. Tradução do inglês pela autora. Acesso em: 10 de agosto de 2014.

explorados pela mídia, especialmente o fato de que Bristol, 17 anos naquela época, uma das filhas da ultraconservadora republicana, estava grávida, o que poderia vir a desagradar uma parte mais radical dos eleitores. Os enunciadores também revelaram que seu marido, Todd Palin, havia sido preso quando jovem

por dirigir embriagado, e ainda publicaram que ela era investigada por abuso de poder pelo fato de ter usado de seu cargo para demitir o ex-marido de sua irmã, um policial rodoviário.

A nomeação de Sarah Palin teve um efeito positivo na campanha republicana. Como já foi mencionado, o senador John McCain apareceu pela primeira vez como líder em uma média de pesquisas eleitorais. Também gerou maior visibilidade a McCain, que foi mais citado no mês de setembro em reportagens, artigos e editoriais devido à escolha de sua candidata a vice. A campanha do candidato democrata sentiu o efeito da nomeação da governadora do Alasca e Obama passou a polarizar com Palin, o que atraiu críticas de analistas políticos.

Naquele momento da campanha, podemos constatar a emergência das novas lutas políticas, descritas por Laclau e Mouffe (1987), a exemplo daquelas das mulheres e das minorias étnicas. Para os autores, essas lutas devem ser entendidas a partir da dupla perspectiva da transformação das relações sociais, características de uma nova formação hegemônica pós-guerra, e dos efeitos do deslocamento para novas áreas da vida social do imaginário igualitário constituído em torno de um discurso liberal-democrático (LACLAU E MOUFFE, 1987, p. 271-272).

Entretanto, o efeito positivo de Palin na campanha republicana foi efêmero. Devido à publicação de dados negativos sobre a economia americana e de revelações consideradas polêmicas sobre a vida da governadora, Barack Obama voltou a liderar as pesquisas de intenção de voto na metade do mês de setembro, quando os enunciadores publicaram 208 textos sobre economia. Isso foi recorde no *corpus* analisado, o que pode explicar a recuperação do democrata nos levantamentos de intenção de voto.

2.7. A vitória democrata

Em 16 de setembro, o Instituto Gallup divulgou pesquisa que revelou que apenas 3% dos eleitores que declararam apoio a John McCain iriam votar no republicano pela sua habilidade de levar mudança à política norte-americana. Vinte e sete por cento dos eleitores do senador do Arizona disseram que votariam no candidato pela sua experiência. Em segundo lugar, com 18%, os eleitores disseram que McCain era o melhor candidato para cuidar da guerra contra o terrorismo. Depois, os americanos apontaram a integridade e bom caráter de McCain (12%) como razão de voto, seguidos de 10% que disseram que votariam no republicano por ele ter escolhido Sarah Palin como candidata de chapa.

Já para Barack Obama, as percepções dos eleitores eram diferentes. Para 37% dos entrevistados, o voto no candidato democrata seria dado por sua promessa de trazer mudança aos Estados Unidos, o que demonstra a eficácia do *slogan*-significante adotado em sua campanha. Dezesesseis por cento dos eleitores de Obama votariam no democrata devido ao seu plano de combate à crise financeira. Suas propostas para a classe média e os trabalhadores foram apontadas por 10% dos eleitores, e 9% disseram que votariam no democrata devido ao seu projeto de retirada de tropas do Iraque.

A associação do candidato democrata com o tema da mudança é reforçada por outra pesquisa divulgada em 18 de setembro pelo *The New York Times*, em parceria com a TV CBS. Segundo o levantamento, apesar do esforço que McCain fez para se distanciar do governo de George W. Bush, 46% dos eleitores acreditavam que ele iria continuar as políticas do então presidente republicano, sendo que 22% disseram que ele seria ainda mais conservador do que Bush. Cinquenta e sete por cento dos entrevistados responderam que o senador do Arizona, que se colocava para o eleitor como um *maverick*, era visto como um típico republicano. Trinta e sete por cento disseram que McCain poderia fazer uma real mudança em Washington contra 65% que responderam o mesmo sobre Barack Obama.

As pesquisas corroboram a força do *slogan*-significante utilizado por Obama nas eleições americanas de 2008, e levaram os institutos a formular a questão de qual candidato poderia proporcionar a maior mudança político-econômica em Washington. Charaudeau e Maingueneau, citando Reboul, dizem que o *slogan*, seja ele publicitário ou político, condensa o discurso em um núcleo temático, uma fórmula reunida, ritmada, para fins mnemônicos e pragmáticos, visando a

mobilizar e conduzir à ação. Em análise do discurso também existe o conceito da “sloganização”, termo que designa o uso especializado que a lexicometria faz do *slogan* em relação ao grau de cristalização e de repetitividade que um texto apresenta (CHARAUDEAU E MAINGUENEAU, 2012, p. 453).

O arrefecimento econômico nos Estados Unidos, que teve seu ápice com a concordata do banco Lehman Brothers, em 15 de setembro de 2008, levou o democrata Barack Obama a liderar novamente as pesquisas de intenção de voto. Outro fator que também deve ser considerado no desfecho das eleições foram pesquisas que mostravam que o Partido Democrata iria ter a maioria de integrantes na Câmara dos Representantes e no Senado, o que acabou, de fato, ocorrendo. Em novembro de 2008, Barack Hussein Obama foi eleito o 44º presidente dos Estados Unidos com 53% dos votos e 365 colégios eleitorais, contra 46% de McCain e 173 colégios eleitorais.

2.7. Obama 2.0 e o espetáculo da internet

E sem dúvida o nosso tempo... prefere a imagem à coisa, a cópia ao original, a representação à realidade, a aparência ao ser... Ele considera que a ilusão é sagrada, e a verdade é profana. E mais: a seus olhos, o sagrado aumenta à medida que a verdade decresce e a ilusão cresce, a tal ponto que, para ele, o cúmulo da ilusão fica sendo o cúmulo do sagrado.³¹

O grande destaque da campanha vitoriosa de Barack Obama em 2008 foi a implantação de uma estratégia diferenciada de comunicação, que privilegiou a busca de novos recursos e ferramentas da chamada web 2.0, a segunda geração da internet, na qual os usuários são também criadores de conteúdo. A web 2.0 foi útil para difundir a candidatura nos Estados Unidos, rompendo com paradigmas estabelecidos em outras campanhas eleitorais norte-americanas. Em 4 de agosto de 2008, o *The New York Times* publicou reportagem retratando que a então campanha eleitoral estava atraindo mais interesse do eleitor americano do que qualquer outro pleito em décadas. Entretanto, os jornais tradicionais e as redes de TV americanas tiveram poucas mudanças em seus índices de vendas e audiência. O enunciador destaca que as mídias online

³¹ FEUERBACH, Prefácio da 2ª de *A essência do cristianismo* in *A Sociedade do Espetáculo*, de Guy Debord.

ganharam um destaque considerável na campanha. “A diferença entre a corrida de 2004 e a de 2008 é como entrar em um século diferente”, afirmou Jim VandeHei, diretor-executivo do site *The Politico*, publicação especializada criada em 2007. VandeHei acrescentou em sua fala: “Virtualmente todo mundo que vem a nós também visita o *Times*, o *Post*, o *Yahoo* ou o *Google*. O hábito de ter uma fonte única de notícias foi deixado para trás”.

A campanha de Obama foi eficaz ao captar aquela tendência midiática e fez da internet um grande recurso eleitoral ao investir em redes sociais, arrecadando, ainda, pequenas contribuições de simpatizantes por meio da rede mundial. Isso o fez bater recordes de doações na campanha. Ele também investiu em sua divulgação por meio de outras tecnologias, como os recursos da telefonia celular.

Um relatório do *Pew Research Center*, de junho de 2008, apontou que 46% dos adultos norte-americanos estavam usando internet, e-mail ou mensagens de texto para obter notícias e compartilhar informações sobre a campanha eleitoral. No mesmo mês, na eleição presidencial de 2004, 31% dos americanos tinham usado a internet com fins políticos. Segundo o instituto, em maio e junho de 2004, cerca de 8% dos adultos usaram a internet em um dia típico com interesses políticos. Já em abril e maio de 2008, a porcentagem subiu para 17%.

Em 2008, um dos grandes destaques da campanha eleitoral foi o uso das redes sociais. Segundo o *Pew Research Center*, 10% de todos os americanos usaram sites como o *Facebook* ou o *Myspace* para algum tipo de atividade política. Para os adultos jovens, esses sites foram componentes-chave da experiência da política online, já que 66% dos usuários da internet com idade inferior a 30 anos tinham um perfil em rede social.

O mesmo instituto levantou que, no mês de junho de 2008, 8% dos usuários de internet (representando 6% de todos os adultos) tinham doado dinheiro por via online a algum candidato, um aumento notável em relação aos 3% de internautas (que somavam 2% de todos os adultos) que tinham doado dinheiro em campanha na primeira vez que o instituto pesquisou esta questão particular, no outono de 2006.

Segundo o estudo, os simpatizantes de Barack Obama estavam em maior evidência em várias atividades online, em detrimento de Hillary Clinton, que disputava à época a indicação para concorrer à Presidência pelo Partido Democrata, e também levava vantagem sobre o republicano John McCain. 74% dos internautas simpatizantes de Obama obtinham informações

políticas online, em comparação com 57% dos usuários de internet, que apoiavam Hillary. Em uma comparação direta com John McCain, Obama também saia na frente: 65% contra 56%.

No início de 2007, o então senador Barack Obama contratou Chris Hughes, um dos fundadores do *Facebook*, para compor sua equipe e comandar a campanha online do democrata nas primárias que escolheriam o candidato do partido que viria a concorrer à Casa Branca. Hughes implantou uma bem-sucedida campanha de internet para Obama, que incluiu página de doações, uma rede social própria chamada *My.Barack.Obama*, e páginas nas redes sociais *Facebook*, *MySpace*, *Twitter*, além de links no *YouTube*, *LinkedIn*, *Flickr*, *Digg*, além de conteúdo no *iTunes*. O democrata também investiu em redes sociais dirigidas, como as voltadas para etnias minoritárias, a exemplo de *BlackPlanet* (negros), *MiGente* (hispânicos), *AsianAve* (asiáticos), e as redes sociais *Glee* (voltada para homossexuais) e *Faithbase* (dirigida para norte-americanos católicos) (GOMES ET AL., 2009, p. 33-35).

Obama também fez uso do chamado marketing móvel e enviou aos eleitores mensagens de texto (SMS). Criou um site específico para navegadores de celular, vídeos, banners e chamadas interativas de voz por meio de duas plataformas: o código 62262 (a correspondência numérica para “obama” no teclado dos celulares) e o site *mybarackobama.com*. Além disso, fez propagandas por quase um mês (de 6 de outubro a 3 de novembro de 2008) em dez Estados norte-americanos por meio dos jogos eletrônicos online da empresa Electronic Arts e no serviço online Xbox Live, da plataforma de jogos Xbox 30, da Microsoft (GOMES ET AL., 2009, p. 38-39).

Em reportagem de 21 de novembro de 2008 no *The Washington Post*, citada no site do jornal *Folha de S.Paulo*, a equipe de operações online de Barack Obama divulgou que, ao todo, 3 milhões de doadores fizeram depósitos ao democrata, montante que chegou a US\$ 500 milhões. De um total de 6,5 milhões de depósitos realizados, a maioria teve valor de US\$ 100 ou menos. Segundo a campanha de Obama, a média dos depósitos foi de US\$ 80, e a maioria dos colaboradores fez mais que uma doação. À época, a lista de e-mails de Barack Obama continha mais de 13 milhões de endereços. Segundo a equipe do político democrata, um milhão de pessoas se cadastrou para receber e-mails da campanha. O jornal também revelou que 200 mil eventos foram organizados nos Estados Unidos com a ajuda da internet, 400 mil textos foram postados em blogs e mais de 35 mil grupos voluntários à candidatura de Obama foram criados no país.

As tecnologias digitais resultaram em uma mudança nos ambientes comunicacionais e trouxeram um novo ambiente multimídia e de interatividade para os meios de comunicação de massa. Segundo o sociólogo espanhol Manuel Castells, no artigo *A Sociedade em Rede: do Conhecimento à Política*, publicado após conferência sobre o tema realizada em 2005, em Portugal, o mundo está em um processo de transformação estrutural que começou a tomar forma nos anos 1960. Este processo está associado à emergência de um novo paradigma tecnológico, baseado nas tecnologias de comunicação e informação. A tecnologia é condição necessária, mas não suficiente, para a emergência de uma nova forma de organização social baseada em redes, ou seja, na difusão de redes em todos os aspectos da atividade na base das redes de comunicação digital (cf.: CASTELLS, 2005, p.16).

Castells diz que este processo pode ser relacionado com o papel da eletricidade ou do motor elétrico na difusão das formas organizacionais da sociedade industrial, na base de novas tecnologias geradas e distribuídas eletricamente. Pode argumentar-se que, atualmente, a saúde, o poder e a geração de conhecimento estão largamente dependentes da capacidade de organizar a sociedade para se captar os benefícios do novo sistema tecnológico, enraizado na microeletrônica, nos computadores e na comunicação digital, com uma ligação crescente à revolução biológica e seu derivado, a engenharia genética (cf.: CASTELLS, 2005, p.16).

Para o pesquisador, uma característica central da sociedade em rede é a transformação da área da comunicação, espaço cognitivo em que as mentes das pessoas recebem informação e formam pontos de vista através do processamento de sinais da sociedade no seu conjunto. Os sistemas de comunicação midiáticos, para Castells, criam os relacionamentos entre instituições e organizações da sociedade e as pessoas no seu conjunto, não enquanto indivíduos, mas como receptores coletivos de informação. É por isso que a estrutura e a dinâmica da comunicação social são essenciais na formação da consciência e da opinião, e a base do processo de decisão política. Castells afirma que, com a expansão das redes de novas tecnologias, há a emergência do que ele chamou de “comunicação de massa autocomandada”, um sistema difundido em toda a internet, podendo potencialmente chegar a todo o planeta. Este sistema é autocomandado porque geralmente é iniciado por indivíduos ou grupos sem a mediação do sistema de mídia. Desta forma, a sociedade de rede constitui uma comunicação socializante que se sobrepõe ao sistema de *mass media* que caracterizava a sociedade industrial. Uma vez que a política é largamente

dependente do espaço público da comunicação em sociedade, o processo político é transformado em função das condições da cultura da virtualidade real (cf.: CASTELLS, 2005, p.22-23).

Debord (1997) afirma que toda a vida das sociedades nas quais reinam as modernas condições de produção se apresenta como uma imensa acumulação de espetáculos. Tudo o que era vivido diretamente tornou-se uma representação. O espetáculo é, ao mesmo tempo, o resultado e o projeto do modo de produção existente. Sob todas as suas formas particulares – informação ou propaganda, publicidade ou consumo direto de divertimentos –, o espetáculo constitui o modelo atual da vida dominante na sociedade (cf.: DEBORD, 1997, p. 13-14, 17).

Vimos que a eleição presidencial de 2008 nos Estados Unidos possuiu elementos únicos e diferenciados em comparação com outras corridas pela Casa Branca. Obama conseguiu acumular várias estratégias de comunicação bem-sucedidas e obteve destaque em todas as formas de espetáculo abordadas por Debord. O democrata conseguiu maior visibilidade na mídia em relação a John McCain, ganhou o apoio editorial da maioria dos jornais americanos, desenvolveu uma estratégia de marketing diferenciada e construiu um discurso hegemônico ao preconizar um tempo de mudança e de esperança para os Estados Unidos.

Entretanto, um dos grandes destaques da campanha presidencial foi a ascensão da internet como meio de propagação eleitoral, em detrimento de opções de massa já conhecidas, como a TV e o rádio. Embora não tenha sido a primeira vez que os candidatos tenham usado tecnologias online para se comunicar com os eleitores, a campanha de 2008 entrou para a história mundial como a primeira vez em que estas ferramentas foram utilizadas de forma extensiva e eficiente.

A internet gerou proporções inéditas de visibilidade para Obama, uma espetacularização da candidatura democrata, e foi fundamental para disseminar, em todo o mundo, a “Obamania”. Obama inovou ao realizar uma comunicação dirigida online a diferentes tipos de eleitores, e extraiu toda a potencialidade das ferramentas digitais. Desta maneira, conseguiu gerar maior interatividade com o público-receptor.

3.

“É Obama, com B”

3.1. Uma estrela em ascensão

Barack Obama foi citado pela primeira vez na história do jornal *Folha de S.Paulo* na edição de 1º de agosto de 2004, cinco dias após o então candidato ao Senado por Illinois ter sido o orador principal na convenção do Partido Democrata que escolheu John Kerry para concorrer à Presidência. No texto “Bush achou que Obama era Osama”, o colunista Elio Gaspari traçou um perfil sobre o democrata com base em um artigo escrito pelo jornalista William Finnegan e publicado na revista *New Yorker*.

Despedindo-se de uma comitiva de parlamentares que o visitavam na Casa Branca, George Bush se assustou com um enfeite na roupa de uma deputada. Era um nome que começava com “O” e terminava com “ama”. Deu um passo para trás. “É Obama, com B”, esclareceu a senhora, contando-lhe quem era o tal sujeito. Bush se aquietou: “Bem, eu não o conheço”. “Vai conhecê-lo”, respondeu a deputada. Na semana passada, o mundo conheceu Barack Obama, a incrível novidade da política americana, o mais recente candidato à condição de favorito para vir a ser o primeiro presidente negro dos Estados Unidos. Obama tem 42 anos e em novembro será eleito senador pelo Estado de Illinois. Será o quinto senador negro na história do país, o único no atual plenário. Na quarta-feira, ele fez o principal discurso da convenção democrata, em Boston. Produziu uma bela página da oratória política americana. Barack Obama veio para ficar.³²

Até o final do ano de 2004, Obama foi citado mais quatro vezes em publicações da *Folha de S.Paulo*, sendo uma vez em um artigo do *The New York Times* e, em outra, em texto do *Financial Times*, ambos reproduzidos pelo enunciador. No ano seguinte, o então senador por Illinois foi retratado em apenas quatro reportagens da *Folha*. Obama começou a ter mais visibilidade na publicação brasileira a partir de junho de 2006, quando o enunciador o chama de “atual estrela em ascensão do Partido Democrata e um dos nomes cogitados à pré-candidatura nas eleições presidenciais de 2008”. Em 10 de fevereiro do ano seguinte, Obama entrou formalmente

³² Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/mundo/ft2006200607.htm>. Acesso em: 22 de julho de 2014.

na disputa pela pré-candidatura e o enunciador destacou a fala do democrata, que se apresentou como o candidato “da mudança”.

No *corpus* pesquisado, a *Folha de S. Paulo* publicou 690 reportagens, artigos e editoriais, e Barack Obama obteve visibilidade superior à de McCain em todos os meses. No total, o democrata é citado em 95,1% dos textos contra 76,5% de McCain. O enunciador utilizou, durante sua cobertura jornalística, artigos do *The New York Times* e do britânico *Financial Times*, duas publicações que declararam apoio a Obama em seus editoriais.

O veículo de comunicação brasileiro repetiu as convocações realizadas pelos dois jornais americanos analisados nesta pesquisa e os dois temas mais citados no *corpus* da *Folha de S. Paulo* foram economia e política externa. Já a crise do mercado financeiro norte-americano foi o subtema econômico de maior visibilidade do jornal brasileiro.

Para fins desta discussão, é importante relembrarmos que, em um primeiro momento, as influências na imprensa brasileira foram europeias. No decorrer do século XX, aos poucos os veículos de comunicação passaram a sofrer influências norte-americanas. De acordo com Carlos Eduardo Lins da Silva, autor de *O adiantado da hora: a influência americana sobre o jornalismo brasileiro*, na década de 1940, dois importantes jornalistas brasileiros foram para os Estados Unidos e voltaram dispostos a mudar alguns dos padrões da imprensa nacional. Um deles, Pompeu de Souza, realizou uma das mais importantes transformações do jornalismo contemporâneo. Segundo o autor, é no *Diário Carioca* que o lide – o primeiro parágrafo de uma notícia, onde são respondidas seis perguntas básicas: o quê, quem, quando, onde, como e por que – foi adotado como norma. Samuel Wainer também foi citado pelo autor como o jornalista que ajudou a consolidar a influência da imprensa norte-americana no Brasil (cf.: SILVA, 1990, p. 77, 79).

Silva (1990) também diz em sua obra que a *Folha de S. Paulo* é um caso ilustrativo de influência consciente, não ocasional, do jornalismo norte-americano, tanto em quesitos gráficos quanto editoriais. Um exemplo é a adoção da autocrítica pública por parte do *ombudsman*, um profissional de mídia que visa a receber, investigar e encaminhar as queixas dos leitores, e ainda realizar a crítica interna do jornal uma vez por semana. A função foi criada no jornalismo dos EUA nos anos de 1960 e incorporada no jornal brasileiro em 24 de setembro de 1989. Segundo a

Folha de S.Paulo, a criação do cargo era algo considerado desde 1986, após o sucesso das experiências realizadas pelos jornais espanhol *El País* e norte-americano *The Washington Post*.³³

Thompson (1999), estudioso da influência da mídia na formação das sociedades modernas, afirma que, depois da I Guerra Mundial, foi observada a expansão de duas agências americanas, a Associated Press (AP) e a United Press Association (UPA), posteriormente transformada em United Press International (UPI), exercendo crescente pressão sobre as agências europeias (THOMPSON, 1999, p.140).

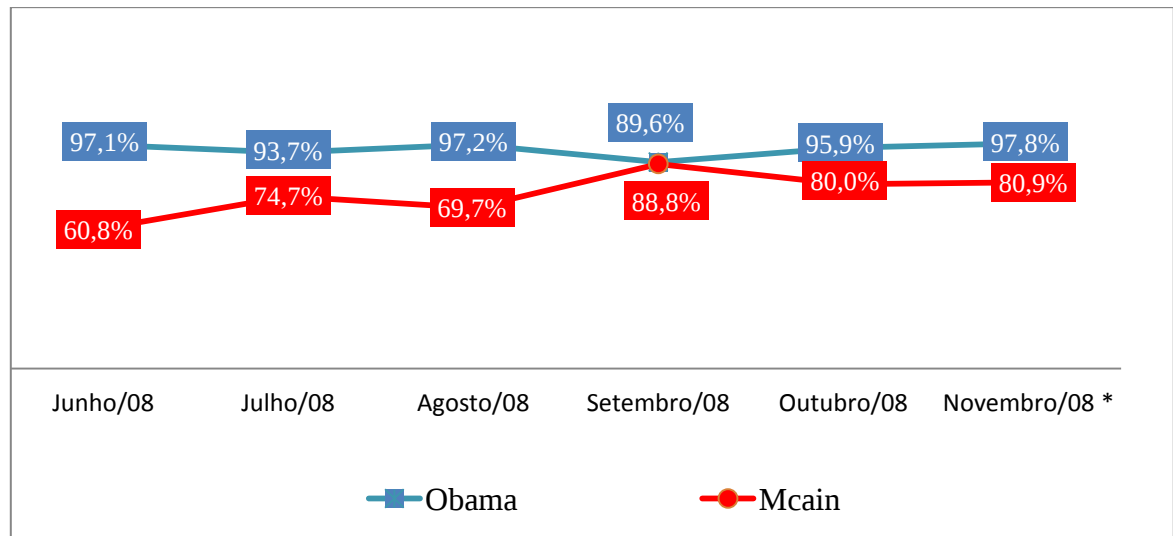
O enunciador brasileiro ainda lançou mão de textos de agências de notícias internacionais. Segundo Natali (2004), as agências internacionais pensam em um cliente abstrato ao redigirem seus despachos. Esse cliente pode ser uma emissora de rádio da Tailândia, uma revista semanal da Bélgica ou um jornal diário do Brasil. As agências deram viabilidade econômica ao noticiário internacional porque um texto distribuído a centenas de jornais que assinam os serviços de uma agência sai incomparavelmente mais barato do que um texto produzido por um correspondente ou enviado especial, cujos custos são cobertos inteiramente por um jornal ou uma revista, segundo explica Natali. Uma consequência da generalização dos serviços das agências é o relativo apartidarismo do noticiário. Esta não é uma postura ética, e, sim, uma postura de mercado (cf.: NATALI, 2004, p. 31, 57). Entretanto, 85% de todo o *corpus* foi produzido pelo enunciador por meio de reportagens de seus correspondentes e enviados especiais nos Estados Unidos.

Gráfico 8 – Corpus mensal da *Folha de S.Paulo*

<i>Corpus da Folha de S.Paulo</i>	
Junho/08	102
Julho/08	95
Agosto/08	109
Setembro/08	125
Outubro/08	170
Novembro/08 *	89
Total geral	690
Fonte: Levantamento da autora	
* Período do <i>corpus</i> analisado é de 1º a 5 de novembro	

³³ As regras sobre o cargo de *ombudsman* na *Folha de S.Paulo* estão disponíveis no site: <http://www1.folha.uol.com.br/folha/ombudsman/cargo.shtml>. Acesso em: 27 de julho de 2014.

Gráfico 9 - A visibilidade de Obama e McCain na *Folha de S.Paulo*



* Período do corpus analisado é de 1º a 5 de novembro

Fonte: Levantamento da autora

O jornal produziu textos e artigos para abordar a política externa dos Estados Unidos em relação à América Latina, especialmente no que dizia respeito ao Brasil. Neste contexto, foram publicadas reportagens sobre iniciativas energéticas brasileiras abordando a questão do etanol e o programa de biocombustíveis do país, bem como discussões sobre o bloco comercial sul-americano.

As fontes entrevistadas pelo enunciador ressaltaram que a vitória de um presidente democrata poderia trazer mais liberalismo nas relações políticas, ao passo que seria mais conservador no protecionismo. Já a vitória de um presidente republicano poderia representar a adoção de relações políticas mais conservadoras com o Brasil, enquanto as relações comerciais seriam mais flexíveis.

3.2. A torcida por Obama

Hakim (2006) afirma que, no início do governo de George W. Bush (2001-2009), o então presidente havia declarado que a América Latina seria uma prioridade para a política externa dos Estados Unidos, especialmente com os dois países mais influentes da região: Brasil e México. Seu objetivo era construir parcerias econômicas mais amplas e resolver problemas crônicos,

como imigração e tráfico de drogas. Entretanto, após os ataques de 11 de setembro, o governo americano tinha perdido efetivamente o interesse na região e a atenção americana voltou-se apenas para situações preocupantes ou urgentes. Segundo Hakim, no início de 2006 as relações entre Estados Unidos e a América Latina estavam em seu ponto mais baixo desde o fim da Guerra Fria.

No que concerne à política externa, o relacionamento da administração de Bush com o Planalto foi marcado pela posição contrária do Brasil à Guerra do Iraque. No início de 2003, o governo brasileiro temia que uma intervenção americana ao país árabe pudesse elevar os preços do petróleo e, desta maneira, prejudicar o crescimento da economia do país, além de influenciar no preço dos títulos dos países emergentes e gerar uma queda na confiança dos investidores.

O governo de Luiz Inácio Lula da Silva, naquela época, defendeu as negociações diplomáticas e se opôs a uma guerra sem o aval do Conselho de Segurança da ONU. Apesar de sempre ressaltar que era solidário com o povo americano pelas vítimas dos ataques de 11 de setembro, ele classificou como “loucura” um ataque americano ao Iraque e chegou a se mobilizar para criar uma frente sul-americana antiguerra.

No início da guerra do Iraque, em 20 de março de 2003, Lula fez um pronunciamento à nação e se opôs ao confronto. Em seu discurso, colocou-se como um agente que tentou promover conciliação e destacou sua preocupação humanitária para com o conflito.

(...) Diante do início da guerra, preocupa-nos o sofrimento de inocentes, cujas vidas devem ser preservadas. Faço um apelo para que sejam respeitadas as normas do direito internacional humanitário, principalmente no que se refere à proteção das populações civis e dos refugiados. Inquietam-nos também repercussões regionais e internacionais do conflito. Não queremos ver o agravamento da instabilidade no Oriente Médio, região de onde descendem milhões de brasileiros e brasileiras e à qual nos unem laços de amizade e cooperação. Todos precisamos de estabilidade e de paz, para levar adiante nossa luta pelo desenvolvimento econômico com justiça social. Estamos tomando todas as providências para que o povo brasileiro não sofra com os efeitos da guerra. Estamos cuidando do abastecimento, da saúde, da vigilância de nossas fronteiras e do apoio aos brasileiros que vivem na região afetada pelo conflito.

34

Apesar das críticas em relação ao Iraque, o relacionamento entre os dois governos não foi conflitivo em relação à política comercial. Ayerbe (2009) ressalta que, no governo Bush,

³⁴ Trecho do discurso de Luiz Inácio Lula da Silva em 20 de março de 2003 sobre a guerra do Iraque. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/mundo/ft2103200322.htm>. Acesso em: 23 de agosto de 2014.

promoveram-se intensas rodadas de negociações sobre a Alca (Área de Livre Comércio das Américas) e a negociação de acordos bilaterais. Sua agenda manteve similaridade com duas vertentes do governo do democrata Bill Clinton (1993-2001): promoção da democracia e de economias abertas de mercado (AYERBE, 2009, p. 100- 101). Em março de 2007, Bush fez uma visita ao Brasil que durou menos de 24 horas e assinou, juntamente com o então presidente Luiz Inácio Lula da Silva, um memorando de cooperação tecnológica para a produção de biocombustíveis.

Na cobertura sobre as eleições americanas de 2008, a *Folha de S.Paulo* destacou, em reportagens e artigos, que havia uma preferência da classe política brasileira para uma vitória do democrata Barack Obama. A torcida por Obama pode ser constatada em alguns textos:

Em março último, Lula leu uma versão traduzida do discurso de Barack Obama sobre a questão racial. O presidente gostou e passou a recomendar o texto a quem ia ao seu gabinete: “Já leu o discurso do Obama? É muito bom”. Há uma torcida generalizada pela vitória do democrata Barack Obama entre os integrantes do alto escalão no governo federal. É nítida a expressão de alegria de ministros e políticos ao se referirem à possibilidade de Obama derrotar John McCain. Quando, nesta semana, o republicano passou (na margem de erro) o democrata em uma pesquisa de opinião, nos corredores do Congresso ouviam-se frases como “os americanos são muito conservadores”. É difícil identificar por completo o DNA dessa percepção distorcida no Brasil sobre a política norte-americana - sobretudo na disputa eleitoral atual. Resquícios da ditadura militar (1964-1985) explicam em parte a implicância com os EUA e a torcida pelos democratas. No mais, sobra o senso comum, uma mescla de desinformação com preconceito barato. É compreensível a maioria dos brasileiros embarcarem nesse tipo de canoa.³⁵

Em café da manhã com empresários em Porto Alegre, Dilma Rousseff manifestou a opinião de que “com Obama, as coisas vão mudar”. Os presentes entenderam que a ministra da Casa Civil quis dizer para melhor”.³⁶ A ‘onda’ Obama chegou ao Brasil: Planalto, Itamaraty e arredores torcem pela vitória do candidato democrata, com a perspectiva de “transformações” na economia e na desastrosa política externa de George W. Bush, marcadas pela maior crise mundial em décadas e pela invasão do Iraque à revelia das Nações Unidas.³⁷

³⁵ Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/opiniao/fz2308200804.htm>. Acesso em: 25 de agosto de 2014.

³⁶ Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/brasil/fc0408200801.htm>. Acesso em: 25 de agosto de 2014.

³⁷ Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/mundo/ft0211200836.htm>. Acesso em: 23 de agosto de 2014.

Planalto e Itamaraty estavam tão eufóricos com a vitória espetacular de Barack Obama que nem se preocuparam com uma praxe: elogiar o presidente que sai. Ninguém tocou no nome de Bush. O que houve foi uma enxurrada de adjetivos para enaltecer a chegada de um negro à Presidência da maior potência do mundo, com uma bela biografia, um bom currículo escolar e cheio de boas intenções. A principal delas não é modesta: criar uma nova ordem internacional, com menos arrogância e mais parcerias. Isso interessa ao Brasil, emergente que se autointitula líder da América Latina.³⁸

3.3. A temática da raça em uma eleição histórica

Ora, é absolutamente improvável que os Negros atinjam o poder nos Estados Unidos, porque eles representam aproximadamente uma nona parte de toda a nação. Eles não estão na posição dos Africanos, que se esforçam por reconquistar seu território libertando-se do jugo colonial e recuperando-se da experiência colonial. A posição do Negro é perigosa de uma maneira diferente, tanto para o Negro como tal quanto para o país do qual forma um elemento tão perseguido e tão perturbador. O Negro Americano é uma instituição singular: em parte alguma encontra equivalentes e nem tampouco antecessores. (MUSE, 1966, p.)³⁹

O trecho citado acima faz parte de *A luta do negro americano*, de Benjamin Muse, de 1966, e revela a incredulidade de autores americanos sobre a perspectiva de que um negro pudesse chegar ao poder nos Estados Unidos. Embora não seja um dos temas mais citados no *corpus* desta pesquisa, a temática racial se destacou no noticiário dos três jornais e sua análise é importante para se compreender melhor o momento histórico vivido pelos Estados Unidos em 2008. Desde que Obama começou a figurar como um dos candidatos com chances de ganhar a Presidência dos Estados Unidos, tanto a mídia americana quanto a imprensa brasileira produziram artigos, textos e editoriais com a temática da raça. Desde que começou a ser cogitado como um possível pré-candidato à Presidência, os enunciadores passaram a citar Obama como o político que poderia se tornar o primeiro presidente negro dos Estados Unidos.

³⁸ Disponível em <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/opiniao/fz0611200804.htm>. Último acesso em 23 de agosto de 2014.

³⁹ Cf.: MUSE, Benjamin. *A luta do negro americano*.

Em *Hegemonia e estratégia socialista*, Laclau e Mouffe abordam o processo de penetração das relações capitalistas de produção, que começou no início do século XX e se intensificou a partir dos anos de 1940, transformando a sociedade em um vasto mercado em que se criaram novas necessidades e foram atingidas esferas cada vez mais numerosas. Esse processo gerou lutas que expressaram a resistência contra as novas formas de subordinação. Segundo os autores, a multiplicidade de relações sociais pode estar na origem de relações de antagonismos e lutas, e podem constituir terrenos para o combate contra as desigualdades e a reivindicação de direitos. Para absorver uma nova série de funções requeridas por esse regime de acumulação, um outro tipo de Estado se fez necessário, o que gerou a criação de diversos serviços sociais, incluindo uma política de trabalho com as definições de salário mínimo e jornada de trabalho. Isso também forçou o Estado a dar legitimidade a uma série de reivindicações por igualdade econômica e direitos sociais. Como exemplo, os autores citam a luta do movimento negro nos Estados Unidos por direitos cívicos (cf.: LACLAU E MOUFFE, 1987, p. 264-266, 268).

Neste contexto, houve a emergência de novos sujeitos políticos com a reformulação de ideologia liberal-democrata, resultante da expansão das lutas por igualdade, o que trouxe uma proliferação de antagonismos. Para Laclau e Mouffe, os antagonismos constituídos em torno da burocratização são articulados na defesa de desigualdades tradicionais, como de gênero e raça. Ainda segundo os autores:

(...) constrói-se assim o antagonismo entre dois polos: o povo, que inclui todos aqueles que defendem os valores tradicionais e a liberdade de empresa; e seus adversários: o Estado e todos os subversivos (feministas, negros, jovens e permissíveis de todo tipo). O objetivo é construir um novo bloco histórico em que se articule uma pluralidade de aspectos econômicos, sociais e culturais (LACLAU E MOUFFE, 1987, p. 269).

Obama evitou o debate sobre a questão racial, mas a temática sempre esteve presente nos meios de comunicação norte-americanos e no jornal brasileiro estudados, antes e durante a corrida eleitoral. Seu principal estrategista de campanha, David Axelrod, disse ao *The New York Times* que ele e Obama não tinham traçado uma estratégia detalhada para lidar com a temática da raça durante a corrida presidencial, porém, afirmou que eles estavam bem conscientes de que este tópico iria pesar na campanha democrata. Axelrod lembrou que Obama já havia enfrentado os desafios da política racial na campanha que o levou para o Senado.

Em um segundo momento, a temática, que começou como um fator positivo na campanha do democrata, gerou controvérsias. Em março de 2008, o pastor protestante Jeremiah Wright, da Igreja Unida da Trindade de Cristo, que fica em um subúrbio de Chicago, Illinois, fez declarações polêmicas sobre a campanha. Obama fora de sua igreja por quase duas décadas e tinha uma estreita relação com Wright. Foi aquele pastor quem casou o democrata, em 1992, com Michelle Obama, e também batizou suas duas filhas, Sasha e Malia. O título de um dos livros de Obama, *A Audácia da Esperança*, foi inspirado num sermão do religioso. Wright era conselheiro espiritual de Obama na campanha, até que vídeos de seus sermões gravados por fiéis e publicados no YouTube foram divulgados pela imprensa norte-americana. Nas imagens, o pastor dizia que os Estados Unidos atraíram para si os atentados de 11 de setembro ao praticarem terrorismo contra outras nações. Sobre o racismo, Wright afirmou que não havia desculpas para os atos de discriminação praticados pelo governo norte-americano contra os negros. Em outra gravação, afirmou que o vírus da Aids havia sido desenvolvido pelo governo dos EUA para dizimar os negros. Após a divulgação daquelas declarações controversas, Obama teve de ir a público falar sobre o tema:

(...) Ao longo do primeiro ano desta campanha, contrariando todas as previsões em contrário, nós vimos o quanto o povo dos Estados Unidos está faminto por essa mensagem de unidade. A despeito da tentação de ver minha candidatura exclusivamente pela lente da raça, conquistamos vitórias incontestáveis em Estados nos quais a população branca é das maiores no país. Na Carolina do Sul, onde a bandeira confederada continua a ser desfraldada, construímos uma poderosa coalizão entre negros e brancos.

Isso não implica dizer que a raça não tenha desempenhado um papel nessa campanha. Em diversos momentos, houve comentaristas que me definiram como negro demais ou negro de menos. Vimos a tensão racial borbulhar à superfície na semana da primária da Carolina do Sul. A imprensa vem vasculhando todas as pesquisas de boca de urna em busca dos mais recentes indícios de polarização racial, não só em termos de negro e branco, mas de negro e mulato igualmente.

E, no entanto, foi apenas nas duas últimas semanas que a discussão da raça se tornou assunto especialmente divisivo nesta campanha.

De um lado do espectro, ouvimos implicações de que minha candidatura representa de alguma forma um exercício de ação afirmativa; que ela se baseia apenas no desejo dos liberais deslumbrados de adquirir reconciliação racial a baixo preço; de outro, ouvimos meu antigo pastor, o reverendo Jeremiah Wright, empregando linguagem incendiária a fim de expressar opiniões que não só poderiam alargar a cisão entre as raças como também denigrem a grandeza e a bondade de nossa nação, e que ofendem deliberadamente tanto brancos quanto negros.

Já condenei de maneira inequívoca as declarações do reverendo Wright que causaram tamanha controvérsia. Para algumas pessoas, restam questões incômodas. Eu sabia que ele ocasionalmente criticava de maneira feroz a política interna e externa dos Estados Unidos? Evidentemente sim. Eu ouvi declarações que poderiam ser consideradas controversas em ocasiões nas quais compareci à igreja dele? Sim. Discordo fortemente de muitas de suas opiniões políticas? Com certeza, da mesma maneira que, sei, muitos de vocês ouviram opiniões de seus pastores, padres ou rabinos com as quais discordavam fortemente.

Mas as declarações que causaram a recente tempestade não foram simplesmente controversas. Não se tratava simplesmente do esforço de um líder religioso para protestar contra o que vê como injustiça. Em lugar disso, elas expressavam uma visão profundamente distorcida do país - uma visão que considera o racismo como endêmico entre os brancos, e que atribui mais importância ao que há de errado com os Estados Unidos do que a tudo aquilo que sabemos há de certo; uma visão de que os conflitos no Oriente Médio dependem integralmente das ações de firmes aliados como Israel, em lugar de emanarem das ideologias perversas e odientas do islamismo radical.

Em si, os comentários do reverendo Wright eram não só errados, mas divisivos em um momento no qual precisamos de unidade; racialmente distorcidos em um momento no qual precisamos nos unir para enfrentar um conjunto de problemas monumentais – duas guerras, a ameaça terrorista, uma economia em queda, uma saúde em crise crônica, e alterações climáticas potencialmente devastadoras; problemas que não são negros, brancos, latinos ou asiáticos, mas sim problemas que todos nós temos de enfrentar.⁴⁰

Em um editorial intitulado “O fator Wright”, de 2 de maio de 2008, a *Folha de S.Paulo* afirma que as declarações do pastor dificultaram sua batalha pela indicação partidária. Mas, ao mesmo tempo, diz que Obama reagiu com firmeza às investidas do religioso.⁴¹

Outra polêmica envolvendo a questão racial ocorreu no final de junho quando o democrata, segundo o enunciador, reagiu a um anúncio negativo feito pela campanha republicana, que dizia que o status de Obama era comparado ao da cantora Britney Spears e da *socialite* Paris Hilton. Ao responder aos rivais, Obama afirmou que a campanha republicana tentava assustar seus eleitores, porque ele não se parecia “com todos aqueles presidentes nas notas de dólar”.

Ao mesmo tempo, Obama é retratado como um homem que conseguiu mudar a maneira como se pensava sobre raça nos Estados Unidos, um acontecimento significativo que coroaria a

⁴⁰ Trecho de discurso feito por Obama em 18 de março na Filadélfia. Discurso em: <http://www1.folha.uol.com.br/mundo/2008/03/383130-leia-discurso-de-barack-obama-sobre-a-questao-racial.shtml>. Acesso em 23 de julho de 2014.

⁴¹ Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/opiniao/fz0205200802.htm>. Acesso em: 23 de julho de 2014.

luta pelos direitos civis em um país que havia promulgado uma legislação sobre o tema menos de cinco décadas antes – em 2 de julho de 1964. Foi a chamada Lei dos Direitos Civis, que colocou fim ao conjunto de leis segregacionistas de Jim Crow, vigentes nos Estados Unidos desde o final da década de 1870. Ao mesmo tempo, alguns intelectuais afirmaram à *Folha de S. Paulo* que a questão racial teve um papel importante ao dificultar o deslanche do candidato nas pesquisas. “A América tem um legado feio de supremacia branca. Isso não pode ser desprezado, mas Obama está lutando contra isso”, afirmou Cornel West, professor de religião de Princeton e estudioso da cultura negra.⁴²

No texto *Os novos movimentos sociais e a pluralidade do social*, Laclau (1985) discute as formas radicalmente novas assumidas pelos conflitos sociais nas últimas décadas. De acordo com o autor, um dos avanços fundamentais nas ciências sociais, nestes últimos anos, foi representado pela ruptura com a categoria de “sujeito”, enquanto uma unidade racional e transparente que transmitisse um significado homogêneo para o campo total da conduta do indivíduo, e igualmente fonte de suas ações. Para Laclau, a remoção da centralidade do sujeito resultou em uma inversão da noção clássica de subjetividade. O sujeito passou a ocupar locais diferentes no interior de uma estrutura. A esta estrutura ou conjunto de posições diferenciais, damos o nome de discurso. Não há nenhuma relação prévia necessária entre os discursos que formam o trabalhador, por exemplo, enquanto militante ou agente técnico no local de trabalho, e os discursos que determinam sua atitude com relação à política, à violência racial, ao sexismo e outras esferas nas quais o agente seja ativo. Torna-se, portanto, impossível falar-se do agente social como se estivéssemos lidando com uma entidade unificada e homogênea. Em vez disso, devemos abordar o agente social como uma pluralidade, dependente das várias posições de sujeito, através das quais o indivíduo é constituído, no âmbito de várias formações discursivas. Isto nos fornece uma chave teórica para entendermos a peculiaridade dos novos movimentos sociais: a característica central deles, por razões que discutiremos adiante, é que um conjunto de posições de sujeito em nível de local de residência, aparatos institucionais, várias formas de subordinação cultural, racial e sexual, tornaram-se pontos de conflito e mobilização política.

A temática racial acabou corroborando o significante-*slogan* “mudança”, já que a eleição do primeiro presidente negro dos Estados Unidos representaria, de fato, um ato de transformação na política norte-americana e seria observada por muitos países como uma verdadeira alternância

⁴² Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/mundo/ft1208200814.htm>. Acesso em: 23 de julho de 2014.

de poder em uma sociedade globalizada que sofria com os efeitos da crise do mercado financeiro americano. O enunciador traz várias reportagens com fontes que ratificam a preferência pelo democrata. Um dos trechos escolhidos é reproduzido a seguir:

Cor da pele não deveria significar medida de valor, nem para o bem, nem para o mal. Agora, não deixa de ser simpática a ideia de a grande nação ser governada por um negro que, há apenas 40 anos, talvez não pudesse se sentar nos mesmos bancos dos ônibus em que os brancos se sentavam. Com ascendência africana, de formação não cristã, ele não poderia usar os banheiros públicos destinados aos ‘Wasp’ – os brancos, anglo-saxônicos e protestantes. Seus filhos não poderiam frequentar as melhores escolas e universidades. Neste particular, a indicação de Obama deve ser saudada não por ser um candidato melhor do que os demais, mas por representar a superação de um preconceito racial injustificável que perdurou até o fim dos anos 60 do século passado. No famoso discurso “I have a dream”, de Martin Luther King, ele sonhava com uma sociedade igualitária e justa, sem discriminação racial. Não exatamente com um governo presidido por um negro. Mesmo assim, foi assassinado pelo ódio de um branco enlouquecido. A indicação de Barack Obama indica uma gigantesca e saudável mudança na sociedade norte-americana.⁴³

E ainda:

Para Lula, foi ‘um feito extraordinário’ que os EUA tenham elegido um negro. Bem-humorado, brincou que preferia Obama desde sempre, “porque talvez ele seja corintiano”. “Quem duvidava de que um negro poderia ser eleito presidente dos EUA agora sabe que pode. Isso acontece num regime democrático, que é onde a sociedade se manifesta”. Tanto Lula quanto o chanceler Celso Amorim, que ontem voltava do Irã, enviaram mensagens parabenizando Obama, como é de praxe. Na mensagem de Lula, ele repete um slogan que integrou as duas campanhas, a dele próprio no Brasil e agora a de Obama nos EUA, contrapondo medo e esperança: “V. Excia. soube transmitir visão de futuro, capacidade de liderança e certeza de que a esperança é mais forte do que o medo”. Ao citar os “desafios complexos para a ordem internacional intensificados pela gravidade da crise financeira”, Lula afirmou: “Estou certo de que os EUA responderão a esses desafios inspirados pela intensa urgência do agora demandada por Martin Luther King”. No seu texto, Amorim diz que “o povo norte-americano revelou mais uma vez ao mundo a força renovadora da pluralidade e da diversidade” e acrescenta: “A sua eleição provou, ademais, que não há barreiras nem preconceitos que não possam ser vencidos”.⁴⁴

⁴³ Artigo *Obama e o sonho*, de Carlos Heitor Cony, publicado na *Folha de S.Paulo*, em 12 de junho de 2008. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/opiniaofz1206200805.htm>. Acesso em: 23 de julho de 2014.

⁴⁴ Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/mundo/ft0611200836.htm>. Acesso em: 25 de agosto de 2008.

4.

A preferência revelada nos editoriais

(...) sou um democrata, e minha opinião em relação à maioria dos tópicos abordados está mais próxima dos editoriais do *The New York Times* do que dos do *The Wall Street Journal*. Políticas públicas que favoreçam os ricos e poderosos em detrimento do americano médio me incomodam, e insisto na crença de que o governo tem um papel importante a desempenhar: oferecer oportunidades a todos.

Barack Obama, *A Audácia da Esperança* (p.18, 2007)

Como empresas, os veículos de comunicação impressos inserem-se no processo de produção industrial de textos. A confecção de um jornal passa por várias etapas antes de chegar às mãos dos leitores. A pauta é a primeira fase da construção da notícia e trata-se do conjunto de assuntos que irão compor a próxima edição de uma publicação. Medina (1978) afirma que a pauta pode ser intencional, procurada ou ocasional (um acontecimento imprevisto). Neste processo, é preciso levar em conta as ligações da empresa com grupos políticos e econômicos, dados factuais significativos, além de histórias de interesse humano (MEDINA, 1978, p. 73). A orientação editorial, a busca por determinadas fontes ou a determinação de abordagens específicas também estão presentes nesta fase.

Após passar pelas etapas de apuração e reportagem, a notícia é editada. Um editor, com a orientação da diretoria de redação, irá corrigir, hierarquizar os fatos investigados e levantados pelo repórter, optar pelo uso de recursos infográficos e de fotos e, por fim, orientar a diagramação da reportagem produzida.

Os três enunciadores pesquisados dizem em seus manuais de redação que adotam a imparcialidade na produção de notícias e buscam a captação mais fiel possível da realidade que se transforma em notícia. Segundo o *The New York Times*:

O objetivo do *The New York Times* é cobrir a notícia da forma mais imparcial possível – “sem medo ou favor”, nas palavras de Adolph Ochs, o nosso patriarca – e tratar os leitores, notícias, fontes, anunciantes e outros de forma justa e aberta (...). O *The Times* e os membros de seu departamento editorial e de notícias compartilham o interesse em evitar conflitos de interesse ou gerar a aparência de um conflito.⁴⁵

⁴⁵ Disponível em: http://www.nytco.com/wp-content/uploads/NYT_Ethical_Journalism_0904-1.pdf. Acesso em: 31 de agosto de 2014. Tradução livre da autora.

De acordo com o *The Wall Street Journal*:

- os nossos fatos são precisos e adequadamente apresentados;
- nossas análises representam os nossos melhores julgamentos independentes, em vez de nossas preferências, ou aqueles de nossas fontes, anunciantes ou fornecedores de informação;
- nossas opiniões representam somente nossas próprias filosofias editoriais; ou
- não há agendas escondidas em qualquer uma de nossas empresas jornalísticas.⁴⁶

Segundo a *Folha de S.Paulo*:

Missão:

- Produzir informação e análise jornalísticas com credibilidade, transparência, qualidade e agilidade, baseadas nos princípios editoriais do Grupo Folha (independência, espírito crítico, pluralismo e apartidarismo), por meio de um moderno e rentável conglomerado de empresas de comunicação, que contribua para o aprimoramento da democracia e para a conscientização da cidadania.⁴⁷

Melo (2003) afirma que a realidade é captada, relatada e condiciona-se à perspectiva de observação de diferentes núcleos emissores. As empresas jornalísticas buscam mecanismos que assegurem a supervisão e o acompanhamento das etapas que transformam um acontecimento em notícia. Não obstante, buscam até mesmo o controle de todo o processo. Segundo Melo, a valoração dos fatos ocorre através dos gêneros opinativos por meio de quatro núcleos: a empresa, o jornalista, o colaborador, o leitor. A opinião do veículo de comunicação, além de estar manifestada na condução do processo de construção da notícia, como na seleção, no destaque e

⁴⁶ Disponível em: <http://www.dowjones.com/codeconduct.asp>. Acesso em: 31 de agosto de 2014. Tradução livre da autora.

⁴⁷ Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/institucional/missao.shtml>. Acesso em: 31 de agosto de 2014.

na titulação, aparece de modo oficial no editorial, em que geralmente são publicados textos dos fatos de maior repercussão no momento (MELO, 2003, p. 102-103).

Fowler (1991) diz que, em um editorial, o peso dado a uma fonte é muito mais saliente do que em reportagens do noticiário em geral. O vocabulário é emotivo para caracterizar fortes sentimentos ou opiniões. O uso de advérbios e adjetivos é mais proeminente. Segundo o autor, existe uma insistência para assumir uma posição de autoridade, o que inclui reivindicar o conhecimento do que inevitavelmente acontecerá em um determinado segmento ou em alguma temática específica. O uso do verbo “dever” é crucial em editoriais, que tendem a ser argumentativos (FOWLER, 1991, p. 210-211).

Na análise dos editoriais dos três enunciadores deste estudo, utilizaremos o conceito de valência adotado por Chaia, Meneguello, Azevedo e Schmitt (2002), considerado como um valor de mensuração da positividade, negatividade ou neutralidade de um texto, levando-se em conta se o saldo das informações, beneficia, prejudica ou é neutro em relação a cada candidatura. Será analisado como positivo um editorial que exponha programa de governo, promessas, declarações contendo avaliação de ordem moral, política ou pessoal favorável ao candidato. Um editorial será classificado como negativo quando reproduzir críticas ou ataques ao candidato. E, por fim, um editorial será neutro quando não tiver nenhuma avaliação de ordem moral, política ou pessoal, ou, ainda, citações de pesquisas ou de agendas dos concorrentes.

Diferentemente do que ocorre no Brasil, a maioria dos jornais norte-americanos costuma declarar apoio a um candidato em seus editoriais. Em 23 de outubro de 2008, o site Editor & Publisher divulgou que 124 jornais americanos anunciaram apoio ao candidato democrata Barack Obama, contra 46 jornais que escolherem John McCain. Em termos de circulação, os veículos que apoiavam o democrata representavam 13,7 milhões de exemplares diários, contra 3,9 milhões que preferiam o republicano. Dentre os veículos a favor de Obama estavam o *Chicago Tribune* – que, pela primeira vez, defendeu um democrata para comandar a Casa Branca –, o *Los Angeles Times* e o *The Washington Post*. “A decisão é fácil, em parte pela decepcionante campanha de McCain, sobretudo por sua irresponsável escolha de uma companheira de chapa que não está preparada para ser presidente”.⁴⁸

⁴⁸ Disponível em: <http://www.washingtonpost.com/wpdyn/content/article/2008/10/16/AR2008101603436.html>. Acesso em: 3 de outubro de 2014. Tradução livre da autora.

4.1 A polarização dos jornais

Os três enunciadores publicaram, no período do *corpus* analisado, 239 editoriais sobre a eleição americana de 2008: 134 no *Wall Street Journal*, 91 no *The New York Times* e 14 na *Folha de S.Paulo*. Em uma análise mais minuciosa em relação aos temas e subtemas foram encontrados e catalogados 76 itens. Os dois jornais colocam-se em lados opostos em relação às três temáticas mais abordadas – economia, política externa e campanha eleitoral. Os editoriais revelaram uma polarização entre os veículos de comunicação analisados.

No *The Wall Street Journal*, o tema economia aparece em 60 editoriais, ou 44,7% do total. Nesta categoria, o subtema mercado financeiro é o mais citado, com 33,3% das ocorrências, seguido do subtema impostos, com 23,3%. O segundo tema mais citado nos editoriais foi o de política externa com 16,4% das ocorrências, com destaque para o subtema Iraque, citado em 27,2% do total. O terceiro tema mais abordado pelo jornal foi a o da campanha eleitoral, com 22 ocorrências, ou 16,4% do total.

Barack Obama teve maior visibilidade nos editoriais do *The Wall Street Journal* do que seu rival republicano: o democrata foi citado em 94% do total dos textos, contra 68,6% de McCain. O democrata é citado de forma negativa em 38,8% dos editoriais, 32,5% de forma neutra e 26,8% de forma positiva. Em 43,4% dos editoriais, John McCain é citado de forma neutra pelo enunciador contra 34,7% de ocorrências negativas e 21,7% de citações positivas.

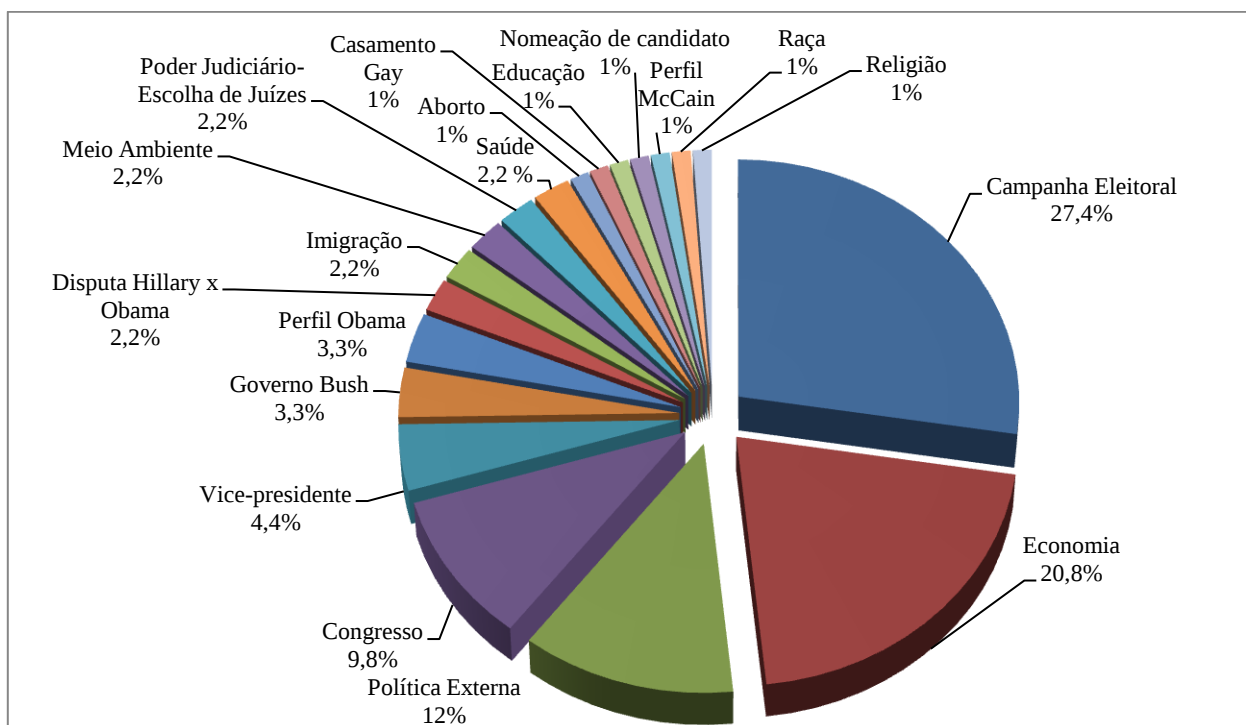
O *The New York Times* publicou 91 editoriais no período do *corpus* analisado. A campanha eleitoral foi o tema mais citado pelo enunciador e esteve em 27,4% do total pesquisado, com destaque para o subtema financiamento de campanha. O segundo tema mais abordado pelo foi economia, com 20,8% das ocorrências, seguido de política externa, com 12% do total. McCain teve mais visibilidade do que seu adversário no *corpus* analisado, com predominância de citações negativas: em 83 textos em que é citado, o republicano obteve 60,2% de menções negativas, contra 32,5% de neutras, e 7,2% de citações positivas.

Os resultados encontrados revelam que os dois jornais adotaram a mesma estratégia: deram mais visibilidade a um candidato, porém, de forma negativa: Obama teve mais exposição negativa no *The Wall Street Journal*, e o mesmo ocorreu com McCain no *The New York Times*.

Gráfico 10 – Temas dos editoriais no *The New York Times*

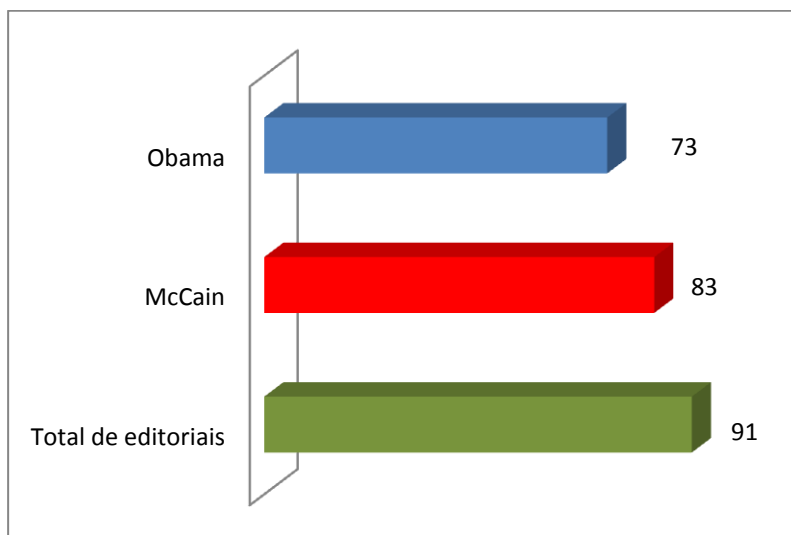
Temas	
Campanha eleitoral	25
Economia	19
Política externa	11
Congresso	9
Vice-presidente	4
Governo Bush	3
Perfil Obama	3
Disputa Hillary x Obama	2
Imigração	2
Meio Ambiente	2
Poder Judiciário-Escolha de juízes	2
Saúde	2
Aborto	1
Casamento gay	1
Educação	1
Nomeação de candidato	1
Perfil McCain	1
Raça	1
Religião	1
Total	91

Fonte: Levantamento da autora



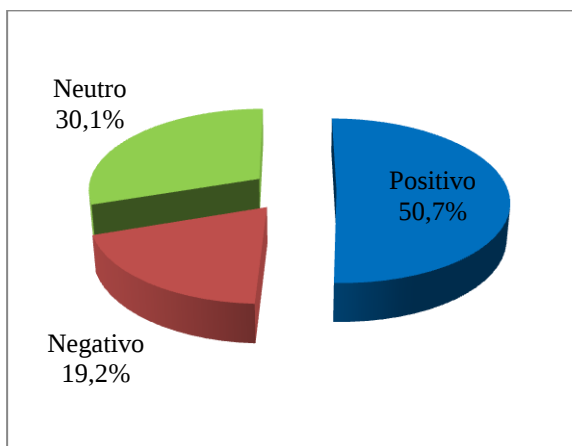
Fonte: Levantamento da Autora

Gráfico 11 - Visibilidade dos candidatos nos editoriais do *The New York Times*

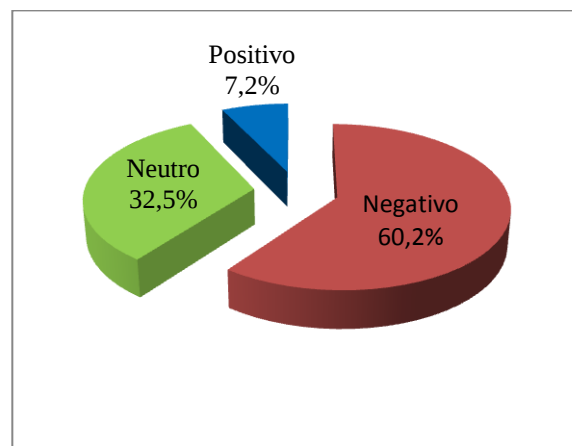


Fonte: Levantamento da Autora

Obama	
Positivo	37
Negativo	14
Neutro	22
Total	73



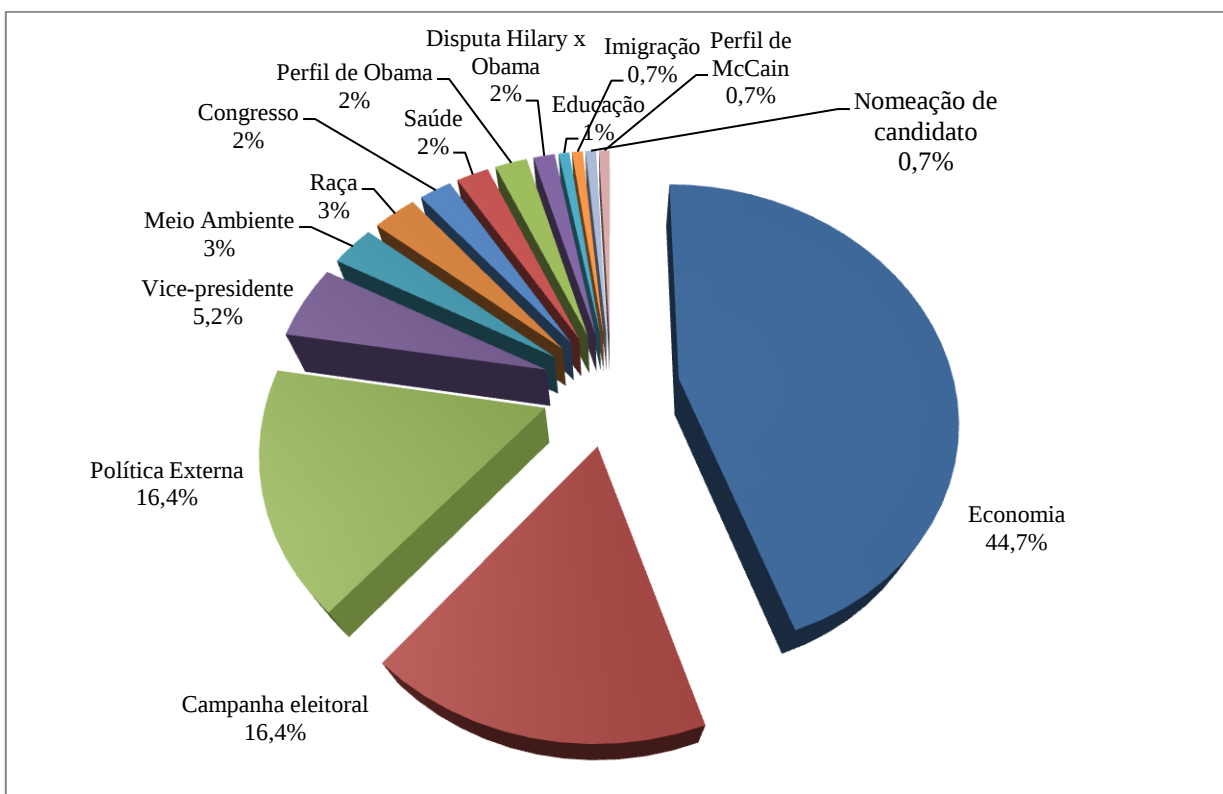
McCain	
Negativo	50
Neutro	27
Positivo	6
Total	83



Fonte: Levantamento da Autora

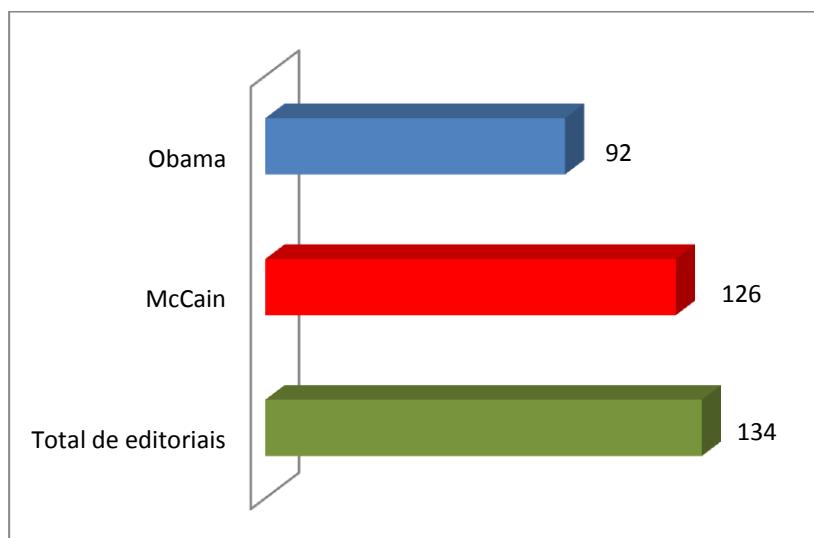
Gráfico 12 – Temas dos editoriais no *The Wall Street Journal*

Temas	
Economia	60
Campanha eleitoral	22
Política externa	22
Vice-presidente	7
Meio Ambiente	4
Raça	4
Congresso	3
Saúde	3
Perfil de Obama	3
Disputa Hilary x Obama	2
Educação	1
Imigração	1
Nomeação de candidato	1
Perfil de McCain	1
Total	134



Fonte: Levantamento da Autora

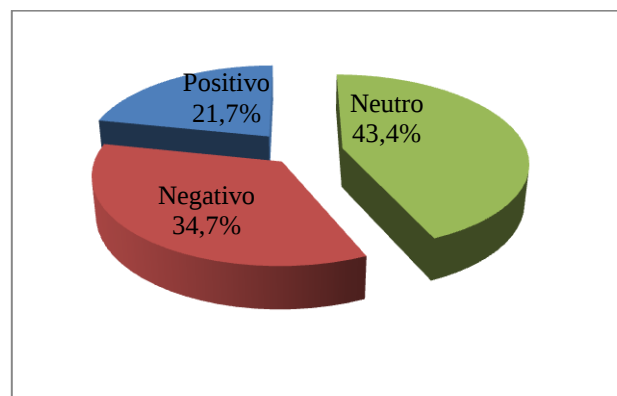
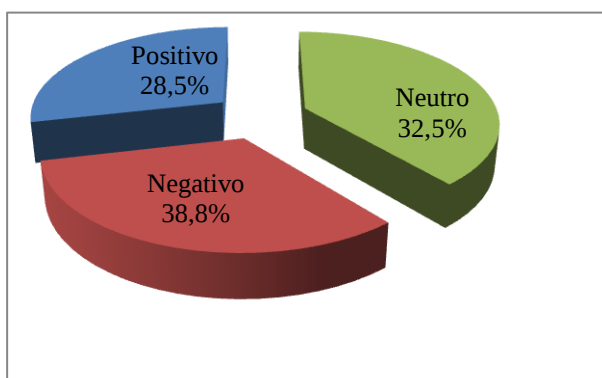
Gráfico 13 - Visibilidade dos candidatos no *The Wall Street Journal*



Fonte: Levantamento da Autora

Obama	
Negativo	49
Neutro	41
Positivo	36
Total	126

McCain	
Neutro	40
Negativo	32
Positivo	20
Total	92



Fonte: Levantamento da Autora

O *The Wall Street Journal* associou Barack Obama aos significantes vazios “esquerdista” e “liberal”, que apresentam múltiplos sentidos ou ainda sentidos muito dispersos. No editorial “Uma maioria absoluta liberal”, o enunciador afirma que uma vitória de Obama marcaria a restauração de um “(...) governo ativista que caiu em desgraça pública na década de 1970”. Segundo o *The Wall Street Journal*, com uma iminente vitória que resultaria em uma maioria democrata na Câmara dos Representantes e no Senado, como revelavam as pesquisas da época, projetos como o controle de preços na prescrição de medicamentos, a renegociação de contratos de hipoteca em caso de falência, o veto a um fundo para a Guerra do Iraque e os impostos sobre os lucros extraordinários das empresas petrolíferas poderiam se tornar lei em um governo de Obama.

Se as atuais pesquisas se confirmarem, Barack Obama vai vencer a [disputa pela] Casa Branca em 4 de novembro e os democratas vão consolidar suas maiorias no Congresso, provavelmente com um Senado à prova de obstrução ou muito próximo a isso. Sem a capacidade de obstruir, o Senado se tornaria como a Câmara, capaz de passar tudo o que a maioria quer.

Embora duvidemos que a maioria dos americanos perceba isso, essa seria uma das mais profundas mudanças políticas e ideológicas na história dos EUA. Liberais dominariam todo o governo de uma forma que não fazem desde 1965 ou 1933. Em outras palavras, a eleição iria marcar a restauração do governo ativista que caiu em desgraça pública na década de 1970. Se os EUA realmente estão entrando em um período de ascensão da esquerda sem controle, os americanos pelo menos deveriam entender o que eles estarão levando, especialmente com a mídia aplaudindo tudo isso.⁴⁹

O enunciador também afirma que um governo democrata na Casa Branca “(...) poderia fazer a crise financeira durar mais tempo do que deveria”, e associa o significante-slogan “mudança”, do candidato democrata, a um caos no sistema financeiro.

Os impostos vão aumentar substancialmente, a única pergunta é o quanto subirão. Obama elevaria as alíquotas dos altos salários, dividendos e ganhos de capital para os ricos”, aumentando substancialmente o custo de novos investimentos nos EUA. Mais radicalmente, ele quer subir ou eliminar o teto dos salários sujeitos à tributação na folha de pagamento, que financiam o Medicare e a Previdência Social. Isso iria converter o que era para ser um programa de seguro-pensão em um programa de redistribuição de renda declarada. Também seria impor um provável aumento irrevogável nas alíquotas marginais do imposto, e uma permanente mudança para cima na participação do imposto federal no PIB.

(...) Tanto em 1933 como em 1965, as maiorias liberais impuseram amplas expansões de governo que nunca foram revogadas, e o atual pânico financeiro pode dar à esquerda de hoje um outro pretexto para voltar aos tempos áureos do liberalismo da assistência social estatal. Votando por “mudança”, os americanos deveriam saber que podem levar muito mais do que jamais imaginaram.⁵⁰

Em uma eleição marcada pela impopularidade do então presidente George W. Bush, detectada em pesquisas, o *The Wall Street Journal* faz críticas ao que intitula de o “caráter político de Obama”. No editorial “O terceiro mandato de Bush”, de 2 de julho de 2008, o enunciador associa o democrata a um terceiro mandato do dirigente republicano, lança dúvidas sobre a fidelidade de Obama em relação às suas crenças e projetos, e relaciona o candidato ao

⁴⁹ O editorial está disponível no link: <http://online.wsj.com/news/articles/SB122420205889842989>. Acesso em: 5 de outubro de 2014. Tradução do trecho acima por Ivânia Cardoso.

⁵⁰ O editorial está disponível no link: <http://online.wsj.com/news/articles/SB122420205889842989>. Acesso em: 5 de outubro de 2014. Tradução do trecho acima por Ivânia Cardoso.

desconhecido. Trata-se de uma tentativa de desconstruir o slogan-significante do democrata e criar um discurso hegemônico de dúvida sobre a candidatura democrata.

Nós estamos começando a entender por que Barack Obama continua a protestar tão veementemente contra a perspectiva de um terceiro mandato de George Bush. Talvez ele esteja preocupado que alguém possa notar que ele é o candidato que está concorrendo para isso.

A maioria dos candidatos adapta seus discursos depois de vencerem a nomeação de seus partidos, mas Obama não está apenas correndo para o centro. Ele está fugindo de muitos de seus posicionamentos mais elementares de forma tão marcante e tão rapidamente que está abraçando uma fatia considerável da política do presidente Bush. Quem teria pensado que um democrata reabilitaria a tão difamada plataforma política de Bush?

Tomemos com exemplo a vigilância aos terroristas estrangeiros. Em outubro passado, ao lado do bloco democrata, o senador de Illinois prometeu apoiar a obstrução a qualquer projeto de lei que incluía imunidade retroativa às empresas de telecomunicações que ajudaram em tal escuta após 11/9. Recentemente, em fevereiro, ainda concorrendo como o candidato liberal favorito contra Hillary Clinton, ele foi um dos 29 democratas que votaram contra permitir que a reforma bipartidária das regras de vigilância do Comitê de Inteligência do Senado fosse pelos menos a plenário.

Há duas semanas, no entanto, a Câmara aprovou um projeto de lei que é essencialmente essa mesma versão do Senado, e agora Obama diz que o apoia. Aparentemente, a imunidade legal para as empresas de telecomunicações é vital para a segurança nacional dos EUA, exatamente como Bush tem afirmado. Aparentemente, também, a legislação não é uma tentativa de Dick Cheney de esvaziar a Constituição. Talvez Obama esteja se dando conta de que, se ele se tornar presidente, será responsável por impedir qualquer novo ataque terrorista. (...) Mais importante é a questão do caráter político de Obama – e o quão honesto ele está sendo a respeito do que realmente acredita. Seu histórico de votação no Senado e em Illinois, assim como seus posicionamentos nas primárias, fariam dele o candidato presidencial mais liberal desde George McGovern, em 1972. Mas ele claramente não quer que os eleitores acreditem nisso em novembro. Ele ainda é o Obama que os americanos não conhecem.⁵¹

Podemos constatar a presença de ambiguidade nos textos do enunciador, já que Obama é retratado como esquerdista, liberal e, ao mesmo tempo, como a possível continuidade do governo Bush, uma administração taxada de neoconservadora. Charaudeau e Maingueneau (2012) afirmam que a ambiguidade na análise do discurso também pode ocorrer quando o fenômeno não se localiza no sentido léxico das palavras, nem na construção frástica, mas, sim, no sentido

⁵¹ O editorial está disponível no link: <http://online.wsj.com/news/articles/SB122420205889842989>. Acesso em: 5 de outubro de 2014. Tradução do trecho acima por Ivânia Cardoso.

implícito. Um mesmo enunciado pode ter uma significação diferente de acordo com a inferência produzida pelo intérprete. A ambiguidade discursiva é constitutiva de todo fato de comunicação, já que não existe ato de discurso que não seja portador de um ou de vários implícitos (CHARAUDEUAU E MAINGUENEAU, 2012, p. 35).

Para Laclau e Mouffe, o deslocamento entre as diferentes posições do sujeito, que é uma condição da emergência do antagonismo, pode apresentar-se em duas variantes fundamentais. Primeiramente, pode tratar-se de relações de subordinação já existentes que, graças a um deslocamento do imaginário democrático, vão ser rearticulados como relações de opressão. O antagonismo também pode emergir em outras circunstâncias, quando, por exemplo, são direitos adquiridos que estão sendo colocados em questão e quando relações sociais que não haviam sido construídas sob a forma de subordinação começam a emergir sob o efeito de certas transformações sociais (LACLAU E MOUFFE, 2012, p. 261, 262).

No editorial “A honra de McCain”, o enunciador descreve o republicano como tenaz, honrado, moralista, candidato com caráter e experiência, conhecido do público e admirado, um herói de guerra. Desta maneira, o enunciador tenta criar um discurso hegemônico de credibilidade em torno da candidatura democrata. Segundo Charaudeau e Maingueneau (2012), a credibilidade é uma noção que define o caráter de veracidade dos propósitos de uma pessoa ou de uma situação. Ela resulta, pois, de um julgamento feito por alguém sobre o que vê ou ouve e, por consequência, sobre a pessoa que fala, que é, desse modo, julgada confiável. Para Charaudeau, a credibilidade é um fato de estratégia no discurso que, à semelhança das estratégias de legitimação e de captação, consiste, para o sujeito falante, em determinar uma posição de verdade, de maneira que ele possa ser levado a sério (CHARAUDEUAU E MAINGUENEAU, 2012, p. 43).

O John McCain desta campanha é a mesmo que ele sempre foi. A política do ex-piloto da Marinha sempre foi mais pessoal que ideológica. Suas convicções fundamentais são dever, honra e pátria. Ele sempre foi apaixonado a ponto de ser impulsivo, um míssil político descontrolado até que acerte o alvo. Então ele pode ser tenaz e, algumas vezes, moralista. Esses traços têm caracterizado a candidatura de McCain para melhor ou pior, e nós suspeitamos que também marcariam sua presidência. O que a mídia não pode fazer é dizer com essa cara de séria que está chocada com tudo isso; ela deveria admitir que simplesmente encontrou um novo amor em Barack Obama.

Se a eleição de 2008 fosse apenas sobre caráter e experiência, McCain sairia vencedor com facilidade. Poucos candidatos presidenciais foram mais conhecidos ou mais admirados. A presidência de McCain teria suas surpresas,

mas elas não viriam de um vício pessoal ou de um escândalo político. Sua coragem foi testada muito mais do que a maioria – tanto no sentido pessoal, no Vietnã, como no sentido político durante a guerra do Iraque.⁵²

No mesmo editorial, o enunciador diz que as propostas de McCain para a economia norte-americana são superiores, e que, se implantadas, tornariam a recessão menos profunda e mais curta. De um total de 60 editoriais sobre economia publicados pelo jornal, Obama foi citado em 58 (31 vezes de forma negativa, 17 de maneira neutra e 10 de forma positiva). Já McCain é citado em 40 textos: 15 de forma negativa, 15 de maneira neutra e 10 de forma positiva. Obama tem visibilidade negativa em mais da metade dos editoriais (31). Em contrapartida, o candidato democrata é citado em 14 editoriais do *The New York Times*, sendo 13 de maneira positiva e apenas uma de forma negativa. Já McCain é citado em 16 editoriais (a valência é negativa em 13 textos, neutra em um, e positiva em dois).

The Wall Street Journal critica em seus editoriais o plano econômico do candidato democrata, especialmente no que diz respeito à política de Barack Obama para os impostos. A campanha do democrata é intitulada de a “esquerda política”.

E por falar em alíquotas de impostos, neste mês o famoso chefe de cozinha Alain Ducasse mudou sua cidadania da França de altos impostos para a de Mônaco, de zero imposto de renda. Ele diz que essa não foi uma decisão financeira, mas um “assunto do coração”. Naturalmente. No entanto, muitos outros franceses se mudaram para o exterior para escapar dos impostos confiscatórios de seu país.

Os americanos deveriam ter tamanha sorte: nós somos o único país industrializado que cobra impostos de seus cidadãos mesmo que eles vivam no exterior. Isso não tem sido um grande problema, uma vez que as alíquotas de impostos americanas têm sido relativamente baixas. Mas com Obama prometendo aumentar as alíquotas para níveis como os da França, essa política do fisco poderia transformar os americanos nos maiores prisioneiros fiscais do mundo.

E, não se engane, os impostos de Obama presidente poderiam ser *à la française*. A maior alíquota marginal de imposto de renda – incluindo rendimento federal, estadual e local, e impostos sobre a folha de pagamento – poderiam alcançar 60% para muitos nova-iorquinos e californianos que trabalham por conta própria. Nem mesmo os impostos da França estão altos assim, agora que o presidente Nicolas Sarkozy limitou em até 50% dos ganhos

⁵² O editorial “A honra de McCain” está em: <http://online.wsj.com/news/articles/SB122549345898089485>. Acesso em: 19 de outubro de 2014. Tradução do trecho acima por Ivânia Cardoso.

o total que os franceses de alto poder aquisitivo, como o Sr. Ducasse, podem pagar em impostos sociais, sobre a renda e sobre a riqueza.

Sarkozy implantou esse “escudo fiscal” porque sabe que as alíquotas de impostos afetam a conduta [das pessoas]. Quando visitou Londres este ano, ele observou que a capital britânica é hoje a casa de tantos banqueiros franceses e outros profissionais em busca de alívio fiscal que ela é [considerada] a sétima maior cidade francesa. Esses expatriados escolheram não usar sua criatividade e investir seu capital em benefício da França e sua economia.⁵³

Uma das mais poderosas promessas de campanha de Barack Obama é a que ele vai cortar nada menos que 95% dos impostos das “famílias trabalhadoras”. Ele está prometendo cortar tantos impostos que a participação tributária do governo no PIB não será mais do que 18,2% – o que é menor do que é hoje.

É um passo inteligente, porque permite a ele posar como um cortador de impostos da classe média, enquanto disfarça que ele também está propondo um dos maiores aumentos de impostos de todos os tempos para os 5% restantes. Mas como é que ele conjura esse milagre, especialmente porque mais de um terço de todos os americanos já não pagam absolutamente imposto de renda algum? Existem vários passes de mágica, mas o mais criativo é redefinir o significado de “redução de impostos”.

(...) A organização *Tax Foundation* estima que, com o plano de Obama, 63 milhões de americanos, ou 44% de todos os declarantes de imposto, não pagariam imposto de renda e a maioria dessas pessoas iria receber um cheque do IRS (*Internal Revenue Service* – a receita federal americana) a cada ano. Já a organização *Heritage Foundation's Center for Data Analysis* estima que até 2011, com o plano de Obama, um adicional de 10 milhões de declarantes iriam pagar zero de impostos, apesar de receberem seus cheques do IRS.

O total de gastos anuais em “créditos fiscais” restituíveis aumentariam ao longo dos próximos 10 anos em US\$ 647 bilhões, chegando a US\$ 1.054 trilhão, de acordo com o Centro de Política Tributária. Isto significa que, em breve, o crédito fiscal de assistência social custaria quatro vezes o atual caixa da previdência. Ao redefinir tais pagamentos como “créditos fiscais”, a campanha de Obama também os redefine como uma fatia tributária fora do PIB. Num instante, a carga tributária federal parece muito menor do que realmente é.

A esquerda política defende a “restituição”, uma vez que esses pagamentos ajudam a compensar o imposto sobre a folha de pagamento. E isso era pelo menos plausível quando o único crédito reembolsável importante era o crédito de imposto sobre rendimentos auferidos. Tomados em conjunto, no entanto, esses pagamentos de crédito fiscal excederiam os impostos de folha de pagamento para a maioria dos trabalhadores de baixa renda.⁵⁴

Embora admita que economia não seja o forte de John McCain, o *The Wall Street Journal* afirma que o republicano tem a oportunidade de reiterar sua oposição ao aumento de impostos e

⁵³ O editorial “As alíquotas de impostos de Monsieur Obama” está disponível no link: <http://online.wsj.com/news/articles/SB121486776118517551>. Acesso em: 7 de outubro de 2014. Tradução do trecho acima por Ivânia Cardoso.

⁵⁴ O editorial “95% é ilusão de Obama” está em: <http://online.wsj.com/news/articles/SB122385651698727257>. Acesso em: 7 de outubro de 2014. Tradução do trecho acima por Ivânia Cardoso.

ressaltar o contraste principal contra o seu adversário democrata. O enunciador volta a dizer que Obama possui políticas que estão no campo da esquerda. O enunciador adverte que, se McCain não consegue convencer os eleitores de que, em se tratando de impostos, ele é melhor do que um democrata que fala com total naturalidade que quer aumentar os impostos, o republicano iria “perder de goleada”.⁵⁵

No editorial “Falatório sobre Washington”, o enunciador diz que, quando a turbulência atingiu o mercado financeiro em agosto passado, a economia dos EUA estava crescendo, ainda que lentamente, com uma inflação moderada. Ele ainda critica o slogan-significante “mudança”, de Obama, e afirma que McCain tem a oportunidade de combater os desmandos da política econômica e o socialismo corporativo da Fannie Mae, empresa de hipoteca que, juntamente com a Freddie Mac, chegaram perto da falência no ano de 2008, devido a títulos podres comprados dos bancos.

Washington, desde então, embarcou em uma corrida ao dinheiro fácil do *Federal Reserve*, a desestimulantes reduções de impostos do Congresso, e uma triagem do mercado de crédito orientada pela crise e feita a esmo.

O resultado após um ano: a economia global ainda está em expansão, embora lentamente, mas com a inflação rugindo e o dólar sofrendo quedas históricas. O aumento dos preços do petróleo e das matérias-primas – subproduto de um dólar fraco – afundou as companhias aéreas, as indústrias de automóvel, as empresas de transporte rodoviário, os pecuaristas e os criadores de porcos, dentre muitos outros. Enquanto isso, o caos financeiro segue em frente, tendo se espalhado de Wall Street para os bancos médios e tragando até mesmo as companhias patrocinadas pelo governo, Fannie Mae e Freddie Mac, que, há poucas semanas, Washington declarava serem nossas salvadoras.

Não é exagero dizer que o mundo está fugindo do dólar, o que equivale a um falatório sobre Washington em si – do Capitólio à Casa Branca e ao *Federal Reserve*. Os investidores do mundo estão dizendo que eles não têm confiança na liderança dos Estados Unidos.

(...) Embora Barack Obama faça campanha sobre “mudança”, a ironia é que, desde o ano passado, Washington está adotando a sua combinação de políticas econômicas. As reduções de impostos e os gastos também eram sua ideia de “estímulo”, embora ele não tenha dito sequer uma palavra desencorajadora sobre o *Fed* ou o dólar. Os principais gurus econômicos da esquerda – Larry Summers e Robert Rubin – também pediram uma ação do *Fed*. Com os enormes aumentos de impostos que ele propôs para o próximo ano, as políticas de Obama são mais um motivo para o falatório mundial sobre Washington.

Quanto à administração Bush, o melhor que se pode dizer é que parece que ela se entregou. Ao concordar, sem discutir, com a redução fiscal de janeiro, Bush desistiu de sua última chance de moldar o debate econômico deste ano. Ele

⁵⁵ O editorial “A mancada fiscal de McCain” está em <http://online.wsj.com/news/articles/SB121737539116495163>. Acesso em: 4 de novembro de 2014.

poderia não ter vencido no Congresso, mas pelo menos, teria discutido o assunto. Em vez disso, disse ao povo americano que as deduções estimulariam o crescimento, e como isso não aconteceu, ele enfraqueceu o apelo popular de cortes de impostos de uma forma geral.

(...) Há uma oportunidade aqui para John McCain, se ele tiver discernimento suficiente para aproveitá-la. Ele poderia explicar sobre como Washington perdeu suas amarras “Reaganistas” sobre o dólar, os impostos, os gastos e o socialismo corporativo da Fannie Mae. Ele ainda pode não ganhar a eleição. Contudo, educar os eleitores sobre esse fracasso coletivo de Washington e, então, apartar-se disso, apontando para uma nova direção, pode ser sua única chance.⁵⁶

De acordo com Noam Chomsky e Edward S. Herman (2003), a mídia de massa serve como um sistema para comunicar mensagens e símbolos à população em geral, o que requer uma propaganda sistemática. Os autores classificam os ingredientes de um modelo de propaganda, ou conjunto de filtro de notícias conforme os seguintes itens: (1) o porte, a concentração da propriedade, a fortuna dos proprietários e a orientação para o lucro das empresas que dominam a mídia de massa; (2) a propaganda como principal fonte de recursos da mídia de massa; (3) a dependência da mídia de informações fornecidas pelo governo, por empresas e por “especialistas” financiados e aprovados por essas fontes primárias e agentes de poder; (4) a bateria de reações negativas como forma de disciplinar a mídia, e (5) o “anticomunismo” como mecanismo de controle. A matéria-prima das notícias deve passar através de sucessivos filtros, resultando apenas o resíduo alvejado e adequado para a divulgação (CHOMSKY E HERMAN, 2003, p. 62).

Laclau e Mouffe fazem considerações sobre o discurso comunista em *Hegemonia y Estrategia Socialista*. Para os autores, a enumeração comunista tem lugar no interior de um espaço dicotômico que estabelece o antagonismo entre setores dominantes e setores populares. A identidade de uns e de outros se constrói sobre a base de enumerar os setores da classe que os constituem (LACLAU E MOUFFE, 1987, p. 109). Em seus editoriais, *The Wall Street Journal* coloca os candidatos em lados opostos, associando Obama a políticas populistas e prejudiciais aos interesses do setor financeiro, ou seja, do segmento dominante.

Os editoriais do *The New York Times* polarizam com os textos publicados pelo *The Wall Street Journal*. Em “O verdadeiro John McCain”, *The New York Times* afirma que o republicano

⁵⁶ O editorial “Falatório sobre Washington” está em: <http://online.wsj.com/news/articles/SB121625138777760125>. Acesso em: 7 de outubro de 2014. Tradução do trecho acima por Ivânia Cardoso.

permitiu que os praticantes da política do medo e da divisão se sobressaíssem após sua escolha para concorrer à Casa Branca pelo partido. O enunciador o associa a um político ultrapassado, que é capaz de lançar afirmações falsas contra seu concorrente.

No momento em que John McCain subiu ao palco na quinta-feira à noite, nós nos perguntamos se haveria algum sinal do senador que nós sempre respeitamos – o conservador que lutou com justiça e algumas vezes contrariou a ortodoxia do partido.

Certamente, a convenção que o nomeou não guardou qualquer semelhança com aquele John McCain. Em vez de recriar o Partido Republicano de George W. Bush à sua própria imagem, McCain permitiu que os praticantes da política do medo e da divisão comandassem o show.

Quinta-feira, os americanos viram principalmente o velho John McCain. Ele falou de uma maneira comovente sobre os horrores que sofreu no Vietnã. Ele falou com calma e civilidade sobre combater a corrupção. Ele disse que os republicanos haviam perdido a confiança do povo americano e prometeu recuperá-la. Ele lamentou “o rancor partidário constante que nos impede de resolver” problemas.

Mas também houve lampejos assustadores do novo John McCain, que questionou o patriotismo de seus adversários como a multidão do “primeiro eu, depois o país”, e lançou uma lista de afirmações falsas sobre o histórico de Barack Obama, dizendo, por exemplo, que Obama se opôs à energia nuclear. Não houve menção à reforma da imigração ou ao aquecimento global, questões que eram a marca de McCain antes de ele decidir virar à direita para vencer a nomeação.

(...) Na quarta-feira, a noite mais desagradável da semana, a companheira de chapa de McCain, Sarah Palin, e outros oradores deram muitas indiretas em vez de soluções para muitos problemas deste país – ridicularizando a elite de Washington (da qual a maioria eram membros sólidos) e Barack Obama.

“Os terroristas da Al Qaeda ainda planejam infligir danos catastróficos aos Estados Unidos, e ele está preocupado que alguém não vá ler os direitos deles”, disse Palin.

Obama, na verdade, quer garantir direitos humanos básicos aos prisioneiros de Guantánamo, em Cuba, dos quais um punhado são membros da Al Qaeda, e protegê-los da tortura.⁵⁷

Em “A tarefa de Obama”, o *The New York Times* ressalta a história pessoal de Obama, sua habilidade para inspirar a esperança, destaca suas habilidades como orador, e elogia a escolha de Joe Biden como companheiro de chapa do democrata. O enunciador admite que a história pessoal

⁵⁷ “O editorial verdadeiro John McCain” está em: www.nytimes.com/2008/09/05/opinion/05fri1.html?pagewanted=print. Acesso em: 8 de outubro de 2014. Tradução do trecho acima por Ivânia Firverda.

de McCain é igualmente inspiradora, mas fez ressalvas de que o objetivo do republicano era baixar o nível da campanha eleitoral.

Ainda estamos em agosto, e a corrida eleitoral já se tornou muito desagradável. A culpa, principalmente, deve-se à tentativa dos republicanos de repetir a campanha de baixo nível de 2004. Obama tem uma história de vida inspiradora, que pode ajudar a combater esses ataques. A história pessoal de McCain é igualmente inspiradora, mas ele parece ter a intenção de baixar o tom da campanha, ao invés de elevá-la.

Mais do que qualquer candidato que temos visto nos últimos anos, Obama tem uma habilidade para inspirar a esperança e um senso de possibilidade ilimitada. Para liderar, especialmente em tempos difíceis, um presidente precisa oferecer ao país ambas as qualidades. Para conquistar a presidência, ele primeiro terá que deixar claro para onde quer levar essa nação.⁵⁸

Um teste de força para um candidato presidencial, e muitas vezes a sua melhor chance de vencer, é o quanto ele pode moldar seu partido à sua imagem e torná-lo coeso em torno de um argumento poderoso para a sua eleição. Barack Obama deixou Denver tendo feito progressos significativos em ambas as frentes.

O Partido Democrata de hoje é diferente daquele que perdeu as duas últimas eleições presidenciais. É maior, mais jovem e menos visivelmente ligado a grupos de interesses democratas tradicionais.

Obama já provou, há muito tempo, suas habilidades como orador. Ele foi mais longe na quinta-feira à noite, usando seu discurso de aceitação para adicionar detalhes às suas promessas de esperança e mostrar um novo tema que pudesse encontrar ressonância junto aos democratas, novos e antigos, e a uma gama maior de americanos.⁵⁹

Assim como o *The Wall Street Journal* fez com as propostas de Obama para a economia, o *The New York Times* desqualificou as propostas da campanha republicana de John McCain nesta área. Para o enunciador, as políticas do candidato do Partido Republicano, uma extensão das medidas de Bush, iriam gerar um déficit maior nos Estados Unidos. McCain também é acusado pelo jornal de insultar os trabalhadores norte-americanos.

Além disso, o jornal afirma que as políticas do governo Bush beneficiaram muito mais executivos e investidores do que trabalhadores horistas e assalariados, trazendo novamente o

⁵⁸ O editorial “A tarefa de Obama” está disponível no link:

http://www.nytimes.com/2008/08/25/opinion/25mon1.html?hp=&pagewanted=print&_r=0. Acesso em: 7 de outubro de 2014. Tradução do trecho acima por Ivânia Cardoso.

⁵⁹ O editorial “O partido de Obama” está disponível no link:

<http://www.nytimes.com/2008/08/29/opinion/29fri1.html>. Acesso em: 7 de outubro de 2014. Tradução do trecho acima por Ivânia Cardoso.

embate entre o povo contra o setor dominante, que, neste caso, são representados por Obama e McCain, respectivamente. Os editoriais a seguir trazem críticas a McCain:

Esta tem sido uma semana em que os mercados de ações deram uma forte balançada que provocou náuseas. O secretário do Tesouro teve que espantar os rumores de que Fannie Mae e Freddie Mac, os pilares do negócio hipotecário, podem estar em ruínas. Os preços do petróleo dispararam novamente. As companhias aéreas reduziram o número de voos e aumentaram os preços mais uma vez. E o melhor que poderia ser dito sobre uma das maiores empresas do país, a General Electric, foi que no segundo trimestre ela não foi pior do que Wall Street esperava.

Tudo isso deixou mais claro do que nunca por que este país precisa desesperadamente que o próximo presidente tenha uma visão bem clara da economia – e do orçamento federal, em particular. E, no entanto, a maior notícia que o senador John McCain deu na semana passada foi a renovação de sua promessa de equilibrar o orçamento federal até 2013. Como? Quem sabe?

As principais promessas de campanha de McCain, se cumpridas, levariam a enormes déficits orçamentários. Estender os cortes de impostos de Bush, decretar mais cortes de impostos por sua própria conta e manter o curso no Iraque custariam, a cada ano, centenas de bilhões de dólares a mais do que os cortes nos pequenos furos nos gastos que ele especificou. McCain não pode equilibrar o orçamento numa cruzada contra políticos que condicionam a aprovação do orçamento à liberação de verbas para projetos que servem a interesses particulares.⁶⁰

John McCain passou a segunda-feira afirmando – como já fez inúmeras vezes antes – que a economia estava fundamentalmente sólida. Será que ele não soube do colapso do Lehman Brothers ou da venda da Merrill Lynch, o que foi anunciado no dia anterior? Será que ele não percebeu as agonias do American International Group? Ele não estava ciente das iminentes demissões de dezenas de milhares de funcionários de Wall Street, além do crescente número de trabalhadores desempregados por toda a parte nos Estados Unidos?

Na terça-feira, ele esclareceu seus comentários. O esclarecimento foi muito mais preocupante do que seus comentários iniciais.

Ele disse que, ao chamar a economia de fundamentalmente sólida, o que realmente quis dizer foi que os trabalhadores americanos são os melhores do mundo. No melhor estilo de Karl Rove, ele deu a entender que, se você contestar sua declaração sobre o alicerce firme da economia, você está, de fato, insultando os trabalhadores americanos. “Eu acredito nos trabalhadores americanos, e alguém que discorde disso – está bem”, disse a Matt Lauer, da NBC.

Vamos esclarecer algumas coisas. Em primeiro lugar, ninguém que esteja atualmente concorrendo à presidência não “acredita nos trabalhadores americanos”.

⁶⁰ O texto está disponível em: <http://www.nytimes.com/2008/07/12/opinion/12sat1.html?n=Top/Reference/Times>. Acesso em: 7 de outubro de 2014. Tradução do trecho acima por Ivânia Cardoso.

Além do mais, a economia está estressada ao ponto de ruptura por problemas fundamentais – em habitação, finanças, crédito, emprego, saúde pública e orçamento federal – que têm sido, na melhor das hipóteses, negligenciados, e na pior, exacerbados durante os anos Bush. E, como resultado, os trabalhadores americanos têm levado uma surra.

Ao esclarecer seus comentários, McCain se derreteu em elogios aos trabalhadores, mas ignorou seus problemas. Esse é o verdadeiro insulto.⁶¹

Durante os anos de alta da presidência de Bush – lembra deles? – o crescimento econômico era um indicador particularmente pouco fidedigno de como estava a maioria dos americanos.

Os números eram impressionantes, mas os ganhos eram desiguais, beneficiando muito mais executivos e investidores do que trabalhadores horistas e assalariados. Uma vez que o crescimento era alimentado por empréstimos irresponsáveis, criou-se uma ilusão de riqueza, mesmo quando muitos americanos perderam o chão.

A estranha e dolorosa desconexão ficou evidente mais uma vez nas últimas semanas.

O governo informou que a economia cresceu surpreendentes 3,3 por cento no segundo trimestre, enquanto a produtividade (a medida do quanto os trabalhadores ganham por hora) disparou. Infelizmente, esses saltos não significaram uma recuperação na vida da maioria dos americanos.

O crescimento subiu, mas o desemprego também. A produtividade aumentou, mas os salários caíram. Corrigir essa desconexão é o principal desafio da economia para o próximo presidente.

O aumento das exportações foi o responsável pelos números do forte crescimento econômico da última primavera. Mas vender mais no exterior não resultou em mais empregos para a indústria ou em aumentos salariais para a classe trabalhadora aqui em casa.

(...) O senador John McCain também se comprometeu a tratar das lutas dos trabalhadores americanos. Ambos os candidatos dizem que seus planos de energia criarão postos de trabalho. Mas McCain enfatiza ainda mais cortes de impostos mais caros como o principal motor para novos empregos. Cortes de impostos são sempre politicamente populares. Como geradores de emprego, no entanto, eles são uma estratégia perdedora, especialmente agora. A era Bush, com seus enormes cortes de impostos, tem o pior registro na criação de emprego do que qualquer outro ciclo econômico depois da Segunda Guerra Mundial.

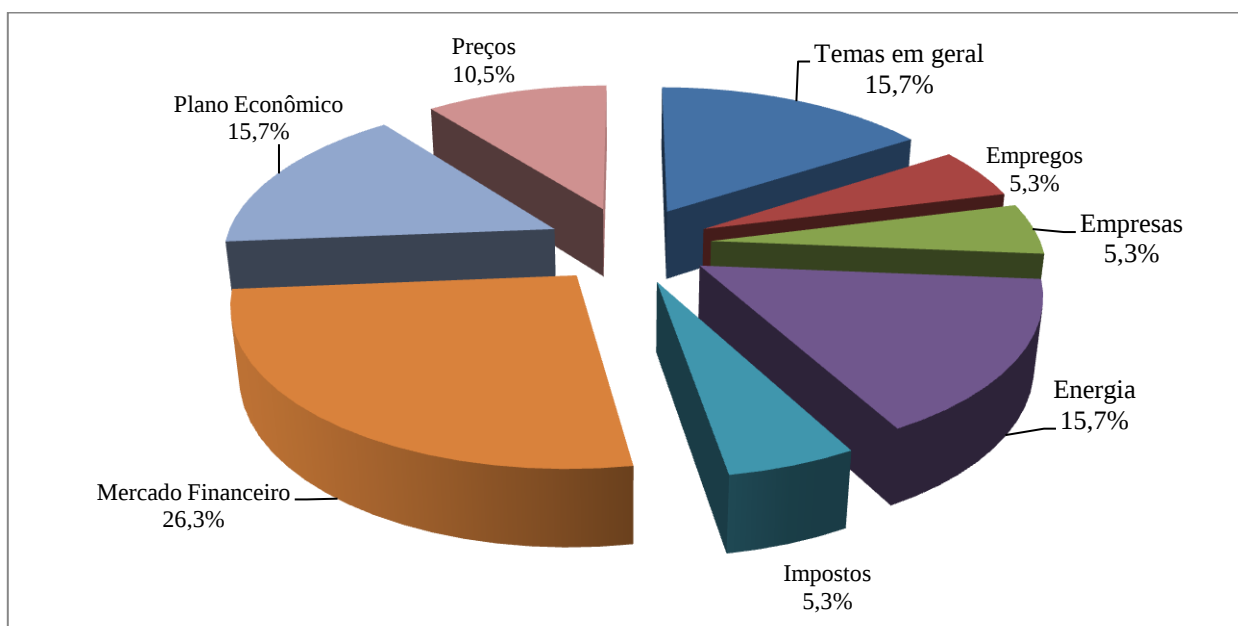
A América precisa de mais postos de trabalho e os trabalhadores americanos precisam de aumento de salário. Obama deve afiar suas ideias promissoras. McCain ainda tem que encarar os problemas reais da economia de verdade de frente.⁶²

⁶¹ O editorial “McCain e a economia” está disponível em: <http://www.nytimes.com/2008/09/17/opinion/17wed1.html> Acesso em: 5 de outubro de 2014. Tradução do trecho acima por Ivânia Cardoso.

⁶² O editorial “A economia da vida real” está disponível no link: <http://www.nytimes.com/2008/09/08/opinion/08mon1.html?pagewanted=print> Acesso em: 5 de outubro de 2014. Tradução do trecho acima por Ivânia Cardoso.

Gráfico 14 - Editoriais de Economia no *The New York Times*

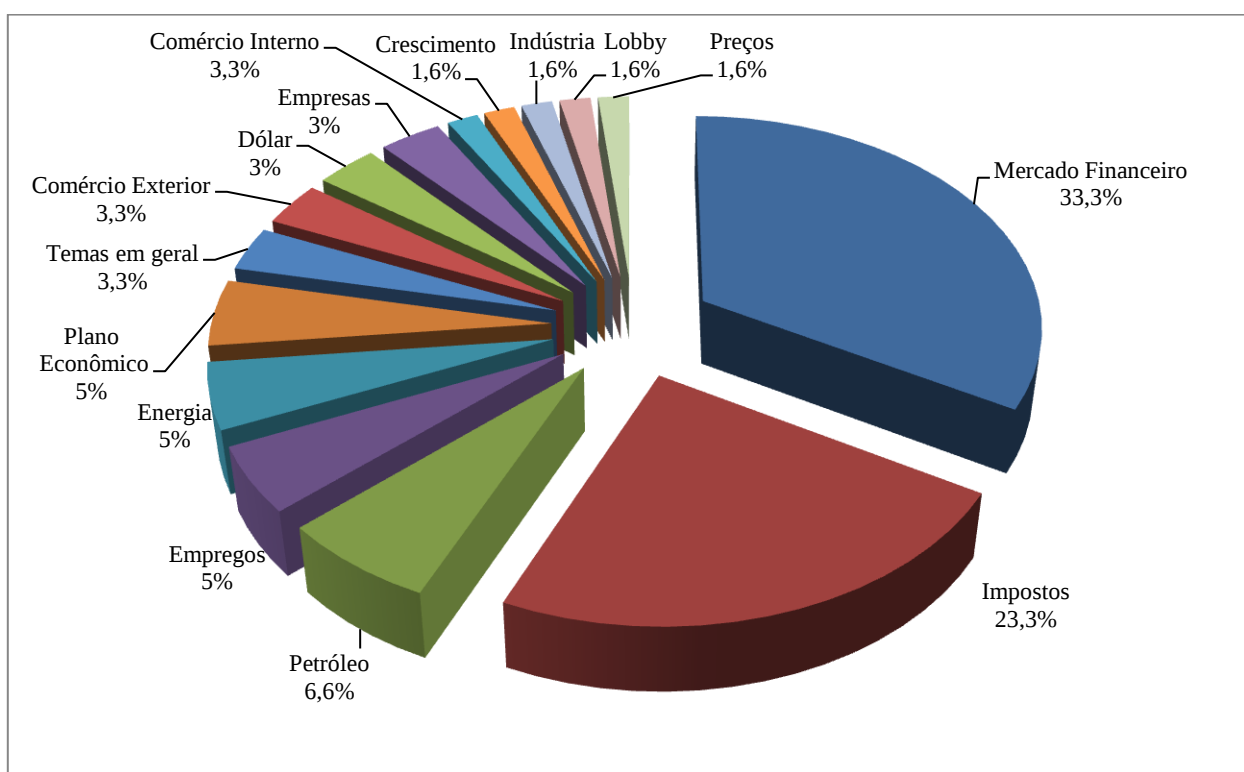
Economia		
Mercado financeiro		5
Temas em geral		3
Energia		3
Plano econômico		3
Preços		2
Empregos		1
Empresas		1
Impostos		1
Total		19



Fonte: Levantamento da Autora

Gráfico 15 - Editoriais de Economia no *The Wall Street Journal*

Economia	
Mercado Financeiro	20
Impostos	14
Petróleo	4
Empregos	3
Energia	3
Plano Econômico	3
Temas em geral	2
Comércio Exterior	2
Dólar	2
Empresas	2
Comércio Interno	1
Crescimento	1
Indústria	1
Lobby	1
Preços	1
Total	60



Fonte: Levantamento da Autora

4.2 O Iraque na berlinda

A temática da política externa está entre as três mais citadas nos editoriais dos dois jornais norte-americanos, com destaque para o subtema Iraque. John McCain apoiou a decisão de George W. Bush de invadir o Iraque, defendeu que os Estados Unidos deveriam perseguir a vitória no país árabe até que o governo local e suas forças armadas tivessem capacidade de defesa. O republicano argumentou que uma retirada das tropas norte-americanas do país poderia resultar em consequências calamitosas para o povo iraquiano. Ele se colocou contra um calendário para a retirada das tropas e defendia um aumento no contingente militar norte-americano no Afeganistão.

Barack Obama defendeu a transferência dos recursos de defesa do Iraque para o Afeganistão, que ele via como o marco zero para qualquer guerra contra o terrorismo. Na campanha, o democrata prometeu que iria remover de uma a duas brigadas de militares por mês do país árabe e retirar todas as tropas em combate em 16 meses. Para o Afeganistão, a proposta era intensificar o contingente militar, especialmente na fronteira com o Paquistão.

A proposta do candidato republicano foi defendida nos editoriais do *The Wall Street Journal*:

Nesta primavera, o exército iraquiano pôs em debandada insurgentes em três de seus redutos urbanos mais importantes. Esses avanços seguem o sucesso da ofensiva para esmagar a Al Qaeda no triângulo sunita, o que significa que finalmente estamos a um passo de vencer no Iraque e garantir uma vitória estratégica no Oriente Médio. Pergunta: essa vitória emergente – alcançada à custa de mais de 4.000 vidas de americanos – é algo que estamos preparados para abandonar depois de novembro?

(...) a permanente presença militar dos EUA – embora reduzida ao longo do tempo – daria aos iraquianos confiança para continuar sua maturação política. Outra eleição nacional no Iraque está prevista para o próximo ano, e esta será uma oportunidade para a democracia criar raízes ainda mais profundas. É crucial para os americanos entender que, com exceção dos sadristas, todas as facções da política iraquiana apoiam hoje algum tipo de acordo de forças entre os EUA e o Iraque para suceder o mandato das Nações Unidas, que expira no final deste ano.

Nós estamos vencendo no Iraque. De fato, agora nós podemos dizer com certeza que vamos ganhar, desde que não se repitam os erros anteriores e

busquemos reduzir [as tropas] cedo demais. Este é o Iraque melhorado que o próximo presidente americano vai herdar, e isto é o centro do debate sobre o Iraque que os americanos devem ter em novembro.⁶³

The New York Times, em seus editoriais, é crítico em relação à então administração de George W. Bush na temática política externa. O jornal se coloca completamente favorável a uma saída das tropas norte-americanas do território iraquiano, o que o leva a defender as promessas de Barack Obama e criticar aos planos de McCain.

No editorial “Para onde vamos agora?”, o enunciador defendeu que o próximo presidente precisaria responder a questões como: que tipo de apoio o Iraque precisa para garantir que eleições provinciais, programadas para aquele ano, e eleições nacionais em 2009 fossem as mais livres e justas possíveis? Outras preocupações também deveriam ser: qual o tipo de ajuda o governo do Iraque precisaria para reassentar cerca de dois milhões de deslocados?, o que poderia ser feito para promover reformas políticas?, e o que os Estados Unidos poderiam fazer para tentar convencer os vizinhos, como Irã e a Síria, a ajudarem na promoção da estabilidade e soberania do Iraque?⁶⁴

Em editorial publicado no jornal, em 14 de julho de 2008, intitulado “Meu plano para o Iraque”, Barack Obama diz que sempre se opôs à guerra, antes mesmo de ela começar, e prometeu acabar com o conflito. Ele justifica que considerou um grave erro o país ter se permitido distrair da luta contra a rede Al Qaeda e o Taleban, invadindo um país que não representava uma ameaça iminente e não tinha nada a ver com os ataques de 11 de setembro. O democrata afirma que, desde então, mais de 4.000 americanos haviam morrido no confronto, e o país gastou quase US\$ 1 trilhão. O democrata diz que os líderes iraquianos estavam dispostos a assumir a responsabilidade por seu país através da negociação de um calendário para a retirada das tropas norte-americanas.

O apelo do primeiro-ministro Nuri Kamal al-Maliki para um cronograma de retirada das tropas americanas do Iraque representa uma enorme oportunidade. Devemos aproveitar este momento para começar a redistribuição gradual das

⁶³ O editorial “O Iraque e a eleição” está disponível em:

<http://online.wsj.com/news/articles/SB121270725304950289>. Acesso em: 4 de outubro de 2014. Tradução do trecho acima por Ivânia Cardoso.

⁶⁴ Disponível em: <http://www.nytimes.com/2008/07/07/opinion/07mon1.html>. Acesso em: 7 de outubro de 2014.

tropas de combate, que eu há muito defendo e que é necessária para o sucesso no Iraque em longo prazo e para os interesses da segurança dos Estados Unidos. As diferenças com relação ao Iraque nesta campanha são profundas. Ao contrário do senador John McCain, eu me opus à guerra no Iraque antes de ela começar, e acabaria com ela como presidente. Eu considereei um grave erro nos permitirmos ser distraídos da luta contra a Al Qaeda e o Taleban, invadindo um país que não representava uma ameaça iminente e não tinha nada a ver com os ataques de 11/9. Desde então, mais de 4.000 americanos morreram e nós já gastamos quase US\$1 trilhão. Nossas forças armadas estão sobrecarregadas. Quase todas as ameaças que enfrentamos – do Afeganistão à Al Qaeda e ao Irã – têm crescido.

(...) A boa notícia é que os líderes iraquianos querem assumir a responsabilidade por seu país através da negociação de um calendário para a retirada das tropas norte-americanas. Enquanto isso, o tenente-general James Dubik, oficial americano encarregado de treinar as forças de segurança do Iraque, estima que o exército e a polícia iraquianos estarão prontos para assumir a responsabilidade pela segurança em 2009.

Só redistribuindo nossas tropas, podemos pressionar os iraquianos a alcançar um acordo político abrangente e realizar uma transição bem sucedida, com os iraquianos assumindo a responsabilidade pela segurança e estabilidade de seu país. Em vez de aproveitar o momento e incentivar os iraquianos a seguir em frente, a administração Bush e o senador McCain estão se recusando a abraçar essa transição – apesar de seus compromissos anteriores de respeitar a vontade do governo soberano do Iraque. Eles chamam qualquer calendário para a retirada das tropas americanas de “rendição”, apesar de que estaríamos entregando o Iraque a um governo iraquiano soberano.

(...) Como eu já disse muitas vezes, temos que ser tão cuidadosos ao sair do Iraque como fomos descuidados ao entrar. Podemos reposicionar com segurança nossas brigadas de combate, num ritmo que as retirariamos em 16 meses. Isso aconteceria no verão de 2010 – daqui a dois anos, e mais de sete anos após o início da guerra. Após este reposicionamento, uma força residual iria realizar missões limitadas no Iraque: ir atrás de quaisquer vestígios da Al Qaeda na Mesopotâmia, proteger os membros do serviço americano e, desde que os iraquianos façam progressos políticos, treinar as forças de segurança iraquianas. Isso não seria uma retirada precipitada.

(...) Acabar com a guerra é essencial para cumprir nossos objetivos estratégicos mais amplos, a começar pelo Afeganistão e o Paquistão, onde o Taleban está ressurgindo e a Al Qaeda tem um porto seguro. O Iraque não é a frente central na guerra contra o terrorismo, e nunca foi.⁶⁵

Na semana seguinte, o jornal se recusou a publicar texto de John McCain sobre o Iraque. David Shipley, editor da página de Artigo de Opinião do jornal, ao enviar a justificativa da recusa para Michael Goldfarb, membro da equipe de McCain e escritor frequente do blog *McCainreport*, pertencente ao senador, disse:

⁶⁵ Disponível em: <http://www.nytimes.com/2008/07/14/opinion/14obama.html> . Acesso em: 7 de setembro de 2014. Tradução do trecho acima por Ivânia Cardoso.

Caro Sr. Goldfarb,

Obrigado por me enviar o ensaio do senador McCain.

Eu desejaria muito publicar o artigo do senador na página Artigo de Opinião.

No entanto, eu não vou poder aceitar este documento como está escrito. Ficaria agradecido, porém, de ver outra minuta. Permita-me sugerir uma abordagem.

O artigo de Obama funcionou para mim porque ofereceu novas informações (ele foi publicado antes de seu discurso); embora o senador Obama tenha contestado o senador McCain, ele também entrou em detalhes sobre seus próprios planos.

Seria ótimo ter um artigo do senador McCain que seguisse o mesmo padrão do documento do senador Obama. Para isso, o artigo teria que articular, em termos concretos, como o senador McCain define a vitória no Iraque. Ele também teria que estabelecer um plano claro para alcançar a vitória – com níveis de tropas, cronogramas e medidas para obrigar os iraquianos a cooperarem. E seria necessário descrever a estratégia do senador no Afeganistão, detalhando como ela se encaixa em seu plano para o Iraque.

Estarei fora do escritório na próxima semana. Se você decidir voltar a trabalhar na minuta, por favor, entre em contato com Mary Duenwald, a editora-adjunta da seção Artigo de Opinião.

Mais uma vez, obrigado por ter dispensado algum tempo em me enviar a minuta do senador. Eu realmente espero que possamos encontrar uma maneira de buscar uma solução feliz para isso.

Atenciosamente,

David Shipley⁶⁶

Já no início da análise do *corpus* referente ao tema “política externa”, o jornal já delineou uma preferência pela candidatura de Obama, ao dar espaço para um artigo do democrata em contraposição à não divulgação do texto de McCain. Em editorial do dia 17 de julho, intitulado “Falando sério sobre o Iraque”, *The New York Times* diz:

Tem sido muito óbvio desde o início da campanha de 2008 que as guerras do Iraque e do Afeganistão são os grandes desafios de política externa do próximo presidente (...). O senador Barack Obama, o candidato democrata, ofereceu um plano sensato e abrangente para lidar com a bagunça que o presidente Bush criou por ter executado mal uma guerra necessária contra a Al Qaeda no Afeganistão, o que poderia ter feito os americanos mais seguros, e por começar uma guerra de escolha no Iraque, o que tornou o mundo mais inseguro.

Rival republicano de Obama, o senador John McCain já não é capaz de ignorar a situação na fronteira com o Afeganistão e o Paquistão, onde a Al Qaeda e o

⁶⁶ O texto está disponível em: http://thecaucus.blogs.nytimes.com/2008/07/21/the-times-and-the-mccain-op-ed/?_php=true&_type=blogs&module=Search&mabReward=relbias%3Ar&r=0. Acesso em: 21 de setembro de 2014. Tradução do trecho acima por Ivânia Cardoso.

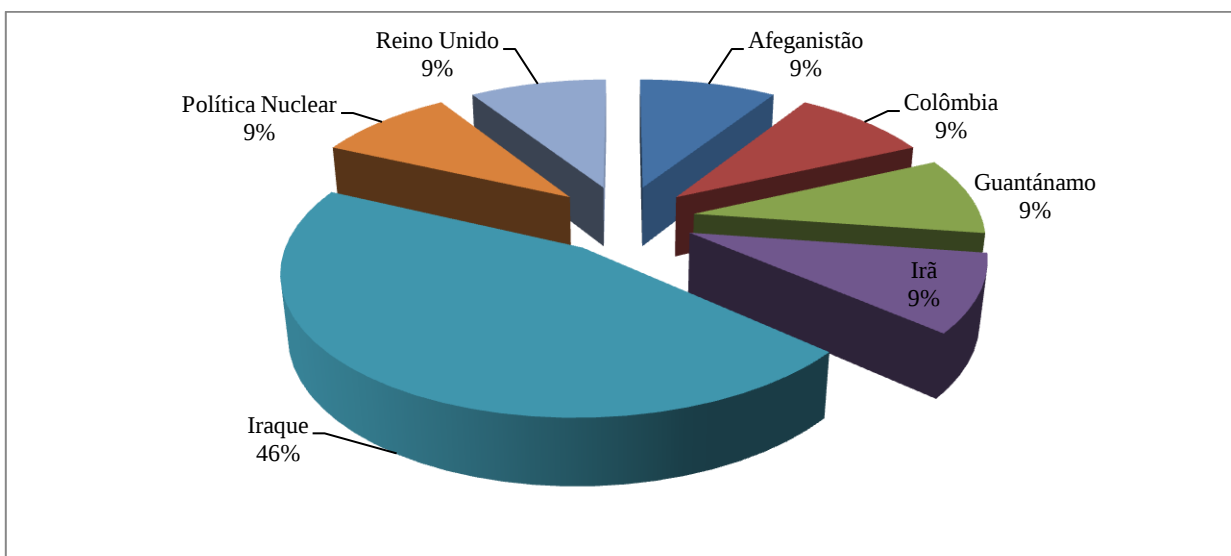
Taleban – as verdadeiras ameaças à segurança americana – são ressurgentes. Mas ele não tem acompanhado a seriedade de Obama sobre o Iraque. McCain ainda é amarrado em nós, em grande parte, adotando defesa cega de Bush de um conflito sem fim.

Obama tem uma melhor compreensão do quadro geral, apesar da afirmação de McCain de mais experiência em política externa. Por muito tempo, a preocupação de Bush com a sua desventura no Iraque – que promoveu uma presença da Al Qaeda onde não havia nenhuma – tem perigosamente desviado mão-de-obra preciosa, recursos e alto nível de atenção do Afeganistão e do Paquistão. Como o Sr. Obama afirmou corretamente em um artigo no *The Times*, na segunda-feira e, em um discurso, na terça-feira, os países, e não o Iraque, são a linha de frente real da guerra contra o terrorismo.⁶⁷

Gráfico 16 - Editoriais de política externa no *The New York Times*

Política externa	
Iraque	5
Afeganistão	1
Colômbia	1
Guantánamo	1
Irã	1
Política Nuclear	1
Reino Unido	1
Total	11

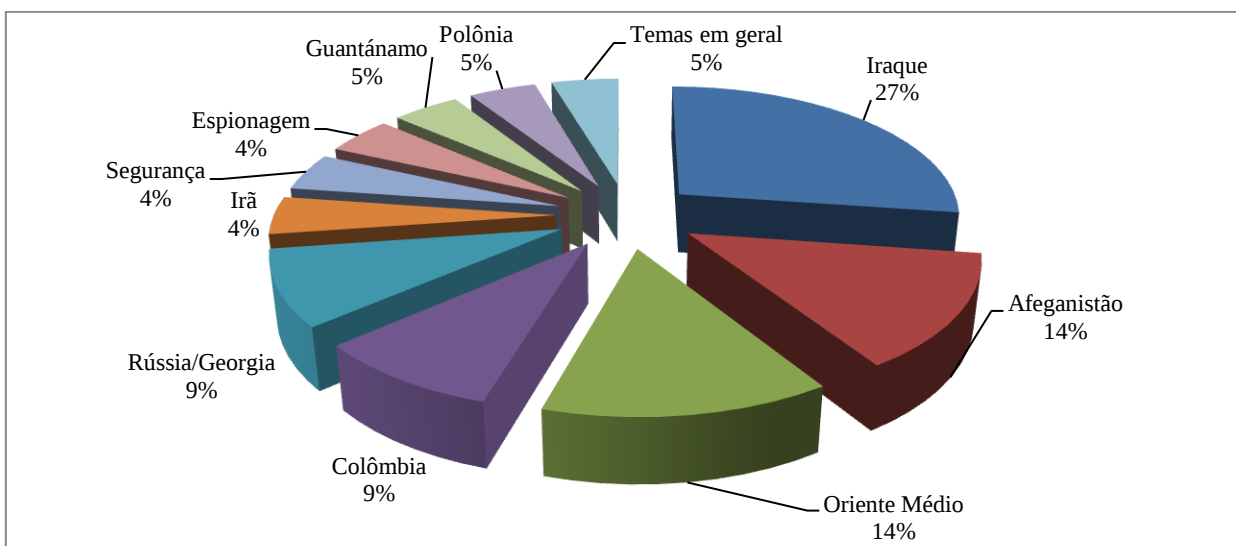
⁶⁷ Texto disponível em: http://thecaucus.blogs.nytimes.com/2008/07/21/the-times-and-the-mccain-op-ed/?_php=true&_type=blogs&module=Search&mabReward=relbias%3Ar&r=0. Acesso em: 21 de setembro de 2014. Tradução do trecho acima por Ivânia Cardoso.



Fonte: Levantamento da Autora

Gráfico 17 - Editoriais de política externa no *The Wall Street Journal*

Política externa	
Iraque	6
Afeganistão	3
Orientes Médio	3
Colômbia	2
Rússia/Georgia	2
Irã	1
Segurança	1
Espionagem	1
Guantánamo	1
Polônia	1
Temas em geral	1



Fonte: Levantamento da Autora

4.3 O financiamento de campanha

A temática da campanha eleitoral foi a mais citada no *The New York Times*, com destaque para o subtema Financiamento. As eleições de 2008 nos EUA também foram emblemáticas por marcarem uma ruptura no modelo tradicional do abastecimento de campanha. Em 19 de junho, Barack Obama anunciou que não adotaria o financiamento público exclusivo, e se tornou o primeiro candidato de um dos dois grandes partidos americanos a fazê-lo desde a criação do sistema, em 1976. O postulante democrata justificou que o sistema limitava os gastos de campanha e era falho. Pelo financiamento público, cada concorrente pode receber US\$ 84,1 milhões e não pode gastar mais do que este valor. Por outro lado, se escolher o financiamento privado, o candidato não tem limitações de gastos, mas precisa levantar sozinho todo o montante que será utilizado na campanha.

“O financiamento público das eleições presidenciais é falho, e enfrentamos adversários que são mestres em jogar com esse sistema”, disse Obama, citado no *The New York Times*. “A campanha de McCain é movida por contribuições de lobistas de Washington e comitês de ação política que defendem interesses especiais”, acrescentou o democrata. Existem brechas na lei que permitem que, ao atingir os gastos permitidos na legislação, os candidatos possam contar com

contribuições de ONGs e entidades independentes. Além disso, o candidato pode gastar, de forma ilimitada, seus recursos pessoais. Ao abordar o tema em editorial, *The New York Times* apoia e, ao mesmo tempo, critica a iniciativa do democrata:

O entusiasmo que alicerça a campanha do senador Barack Obama se baseia consideravelmente na lembrança de sua promessa de afastar-se da política de interesses próprios. Infelizmente, Obama não esteve à altura dessa bandeira ao decidir rejeitar as limitações de gastos públicos e optar pelo financiamento privado ilimitado na eleição geral.

Obama é o primeiro candidato presidencial a recusar as restrições do sistema público para a eleição geral, desde que foram decretadas depois do escândalo de Watergate. Ao fazer isso, ele considerou o sistema público “quebrado” e se desviou da firme recomendação defendida anteriormente – muito aplaudida na ocasião – de que iria buscar um acordo com o candidato republicano para preservar as restrições de financiamento público neste outono.

Isso, é claro, foi antes de Obama descobrir seu extraordinário talento para atrair doadores privados na Internet, onde acabou arrecadando centenas de milhões de dólares em contribuições de pequeno calibre. O feito é inigualável, até agora, pelo senador John McCain, o provável candidato republicano, que captou a maior parte de seu dinheiro de grandes doadores.

O financiamento público, que McCain indicou que aceitaria, limita os gastos a US\$ 84,1 milhões na eleição geral. Obama espera poder arrecadar três ou quatro vezes mais. Ele insiste que precisa de maior fluxo para enfrentar os republicanos inescrupulosos, “mestres em jogar neste sistema falido”, através da separação de financiamentos do partido e de campanhas difamatórias de baixo nível.

O poder de Obama para estimular as doações médias de menos de US\$ 100 também é admirável, e suas preocupações a respeito de seu adversário são compreensíveis. O Partido Republicano está arrecadando uma grande quantia de dinheiro, e os grupos de seguidores conhecidos como 527s⁶⁸ têm dezenas de milhões para gastar.

(...) É elogiável que a campanha de Obama tenha cortado as doações de lobistas para o Comitê Nacional Democrata e desencorajado os doadores a ajudar as 527 operações independentes e obscuras de simpatizantes liberais. Ele não prometeu, no entanto, abrir mão de todas as possibilidades de contribuições de interesse especial em grande escala.⁶⁹

Ao abrir mão do financiamento público de campanha, Obama bateu recorde de arrecadação. Ele conseguiu US\$ 750 milhões de dólares. A campanha do democrata declarou que

⁶⁸ Uma organização 527 é um grupo isento de impostos, que se dedica a apoiar ou a fazer oposição a candidatos a um cargo político, ou a defender ou se opor a certas questões.

⁶⁹ O editorial “O financiamento público em dificuldades” está disponível no link: http://www.nytimes.com/2008/06/20/opinion/20fri1.html?_r=0. Acesso em: 20 de outubro de 2014. Tradução do trecho acima por Ivânia Cardoso.

a maior parte das contribuições veio de cerca de 4 milhões de doadores que fizeram contribuições individuais de até US\$ 200.

No *The Wall Street Journal*, o tema campanha eleitoral foi o segundo mais citado, ao lado de Política Externa. Entretanto, debate foi o subtema que mais apareceu nos editoriais do enunciador. Em “O escorregadio Barack”, o jornal afirma que Obama é contraditório, tem argumentos vagos, mas observa que McCain não consegue tirar vantagem e intimidar o democrata. Chega a afirmar que McCain mereceria perder se não reagisse às afirmações do concorrente.

À frente nas pesquisas, Barack Obama usou o debate de ontem à noite para retratar-se como um agente de mudança não radical, a despeito de seus argumentos vagos. Apesar do grande esforço de John McCain, o senador do Arizona não foi capaz de intimidar Obama por sua evasiva e nem fez muito para refutar os temas habituais de Obama. Isso não é suficiente para mudar a dinâmica da disputa.

(...) Um dos dons de Obama é sua habilidade de esgueirar-se de contradições com a maior facilidade. Ele passou minutos explicando que nós gastamos “US\$10 bilhões por mês” no Iraque, os quais deveriam ser gastos aqui nos Estados Unidos. Mas pouco tempo depois ele estava promovendo o que soou ser uma ofensiva no Afeganistão, e prometendo gastar ainda mais dinheiro para ajudar as “economias” da Europa Oriental. Ele também propõe proporcionar assistência médica de graça, enquanto afirma que cortaria mais gastos do orçamento geral que suas novas ideias custariam. Se McCain deixar essa última afirmativa passar em branco, ele merece perder.⁷⁰

No editorial “Primeiro round”, o jornal também defende as propostas de McCain, mas cita seus pontos fracos em relação ao concorrente e defende uma reação mais efusiva por parte do republicano.

Onde Obama de fato pontuou melhor foi na frente doméstica, quando tentou várias vezes ligar McCain ao presidente Bush e ao que ele chamou de uma fracassada “filosofia econômica”. Nós não concordamos com a maioria de suas ideias, mas, em meio ao mal-estar econômico atual, McCain vai ter que fazer muito mais do que se apoiar repetidamente no corte de gastos. Os eleitores querem disciplina fiscal, mas eles também têm um certo ceticismo compreensível de que qualquer um pode conter esse monstro.

⁷⁰ O editorial “O escorregadio Barack” está disponível no link: <http://online.wsj.com/news/articles/SB122343890280614449>. Acesso em: 21 de outubro de 2014. Tradução do trecho acima por Ivânia Cardoso.

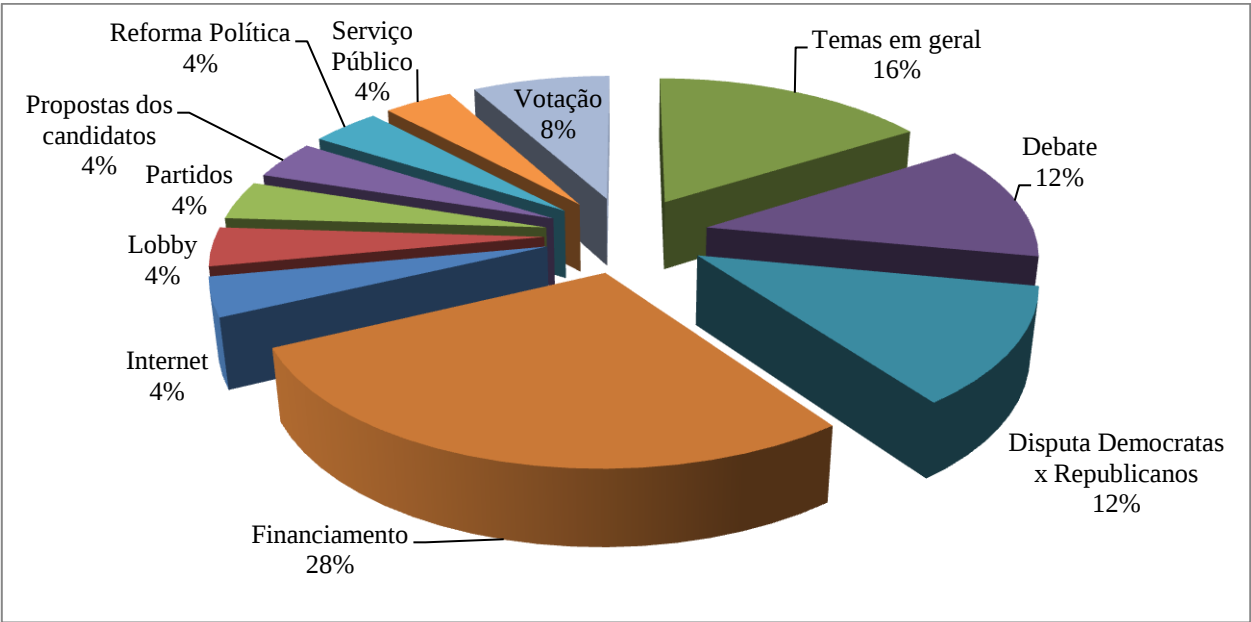
O que eles realmente querem saber é quem tem um plano para restaurar a prosperidade. McCain precisa de uma melhor resposta ao ataque de Obama acerca de suas políticas fiscais e de saúde, assim como à promessa do democrata de que cortará impostos para 95% dos norte-americanos. Nós esperamos ansiosamente pelo segundo *round*.⁷¹

O enunciador critica Obama, revela-se contra suas propostas, mostra-se pró-republicano, mas, ao mesmo tempo, pontua as fraquezas de McCain. O fenômeno da ambiguidade está presente novamente nos dois editoriais. Desta forma, conforme afirmam Charaudeau e Maingueneau (2012), o texto pode apresentar vários sentidos e ser interpretado de diversas maneiras (CHARAUDEU E MAINGUENEAU, 2012, p. 35).

Gráfico 18 - Editoriais sobre campanha eleitoral no *The New York Times*

Campanha eleitoral	
Financiamento	7
Temas em geral	4
Debate	3
Disputa Democratas x Republicanos	3
Votação	2
Internet	1
Lobby	1
Partidos	1
Propostas dos candidatos	1
Serviço Público	1
Reforma Política	1
Total	25

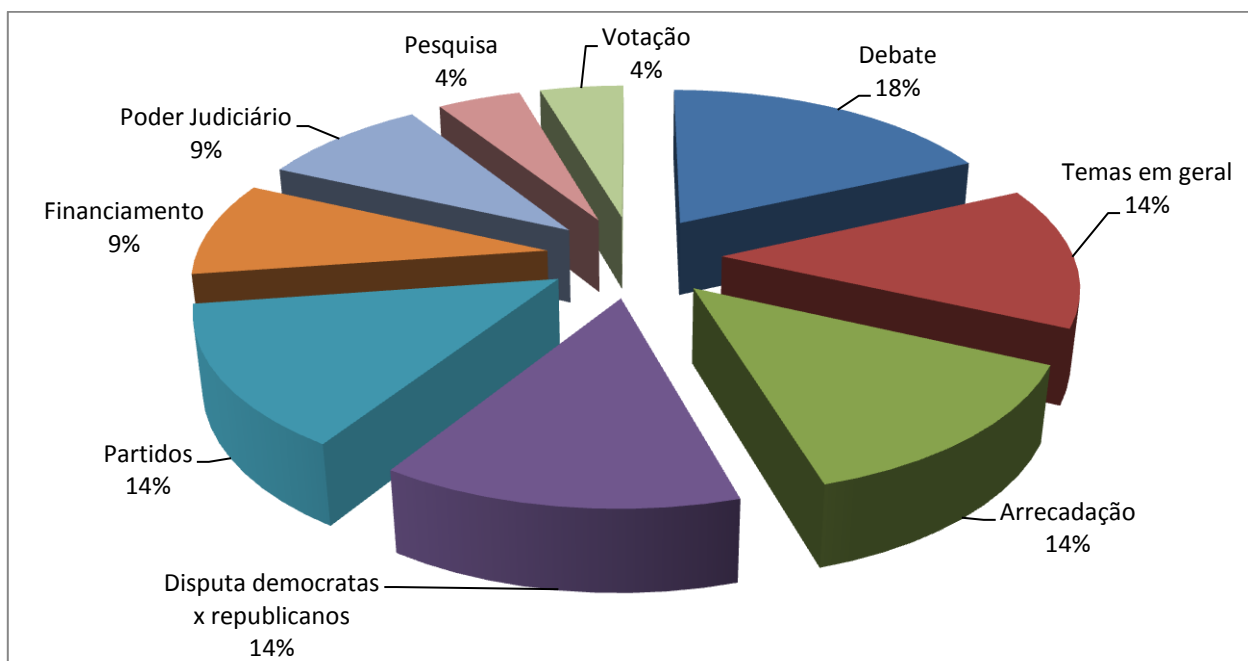
⁷¹ O editorial “Primeiro round” está disponível em: <http://online.wsj.com/news/articles/SB122248689603881895>. Acesso em: 21 de outubro de 2014. Tradução do trecho acima por Ivânia Cardoso.



Fonte: Levantamento da Autora

Gráfico 19 - Editoriais sobre campanha eleitoral no *The Wall Street Journal*

Campanha eleitoral		
Debate		4
Temas em geral		3
Arrecadação		3
Disputa democratas x republicanos		3
Partidos		3
Financiamento		2
Poder Judiciário		2
Pesquisa		1
Votação		1
Total		22



Fonte: Levantamento da Autora

4.4 O apoio declarado

Em 24 de outubro de 2008, o *The New York Times* publicou o editorial “Barack Obama para presidente”, quando declarou seu apoio ao democrata e fez duras críticas ao senador republicano:

Os Estados Unidos estão desgastados e à deriva depois de oito anos de liderança fracassada do presidente Bush. Ele está transferindo para seu sucessor a

responsabilidade de duas guerras, uma imagem global marcada por cicatrizes e um governo sistematicamente despedido de sua capacidade de proteger e ajudar seus cidadãos – estejam eles fugindo das enchentes, de um furacão, buscando assistência médica acessível ou lutando para manter suas casas, empregos, poupanças e pensões em meio a uma crise financeira que foi prevista e evitável. Tão dura como os tempos atuais, a escolha de um novo presidente é fácil. Depois de quase dois anos de uma campanha extenuante e feia, o Senador por Illinois, Barack Obama, provou que é a escolha certa para ser o 44º presidente dos Estados Unidos. Obama tem encontrado desafio após desafio, crescendo como líder e dando corpo às suas promessas iniciais de esperança e mudança. Ele mostrou cabeça fria e bom senso. Nós acreditamos que ele tem a vontade e a capacidade de forjar o amplo consenso político que é essencial para encontrar soluções para os problemas desta nação.

Ao mesmo tempo, o senador John McCain, do Arizona, tem recuado mais e mais para a margem da política americana, fazendo uma campanha sobre a divisão partidária, guerra de classes e até mesmo sugestões de racismo. Suas políticas e visão de mundo estão atoladas no passado. Sua escolha de uma companheira de chapa tão evidentemente imprópria para o cargo foi um ato final de oportunismo e mau julgamento que tirou o brilho de suas realizações de 26 anos no Congresso.

(...) O sistema financeiro americano é vítima de décadas de desregulamentação republicana e de políticas anti-tributárias. Essas ideias se mostraram erradas a um preço incomensurável, mas McCain – um auto-proclamado “soldado da revolução Reagan” – ainda acredita nelas.

Obama vê que as reformas de longo alcance serão necessárias para proteger americanos e empresas americanas. McCain fala muito sobre reforma, mas sua visão é restrita. Sua resposta a qualquer questão econômica é eliminar gastos que beneficiam determinada região com finalidades eleitoreiras – cerca de US\$18 bilhões em um orçamento de US\$ 3 trilhões –, cortar impostos e esperar por mercados sem restrições para resolver o problema.

Obama tem claro que a estrutura de impostos do país deve ser mudada para torná-la mais justa. Isso significa que os abastados americanos que se beneficiaram desproporcionalmente dos cortes de impostos de Bush terão que pagar um pouco mais. Trabalhadores americanos, que viram seu padrão de vida cair e as opções para seus filhos estreitarem, serão beneficiados. Obama quer aumentar o salário mínimo e amarrá-lo à inflação, restaurar um clima em que os trabalhadores são capazes de organizar sindicatos, se o desejarem, e expandir as oportunidades educacionais.

McCain, que uma vez se opôs aos cortes de impostos do Presidente Bush para os ricos, alegando serem tais cortes fiscalmente irresponsáveis, agora quer torná-los permanentes. E enquanto ele fala sobre como manter os impostos baixos para todos, seus cortes propostos beneficiariam esmagadoramente 1% dos norte-americanos, enterrando o país em um buraco fiscal mais profundo.

O editorial do *The New York Times* ainda justifica sua escolha por Obama em relação à temática da política externa:

As forças armadas americanas – seu povo e equipamentos – estão perigosamente sobrecarregadas. Bush negligenciou a guerra necessária no Afeganistão, que agora ameaça encaminhar-se em espiral para a derrota. A guerra desnecessária e incrivelmente cara no Iraque deve ser encerrada tão rápida e responsabilmente possível.

Enquanto os líderes iraquianos insistem na redução rápida de tropas norte-americanas e em um prazo para o fim da ocupação, McCain ainda está falando sobre uma mal definida “vitória”. Como resultado, ele não ofereceu nenhum plano real para retirar as tropas americanas e limitar qualquer dano maior para o Iraque e seus vizinhos.

Obama foi um cauteloso oponente da guerra no Iraque desde o início, e apresentou um plano militar e diplomático para a retirada das forças americanas. Obama também tem corretamente advertido que até que o Pentágono comece retirar as tropas do Iraque, não haverá tropas suficientes para derrotar o Taleban e a Al Qaeda no Afeganistão.

McCain, como Bush, apenas se concentrou em dismantelar o perigoso Afeganistão tardiamente, assim como na ameaça que o vizinho Paquistão pode rapidamente seguir.

Obama teria um processo de aprendizado em assuntos externos, mas ele já mostrou maior bom senso do que o seu adversário a respeito dessas questões críticas. Sua escolha pelo senador Joseph Biden – que tem profunda experiência em política externa – como seu companheiro de chapa é outro sinal desse bom senso. O antigo interesse de McCain por política externa e os muitos perigos que este país agora enfrenta, tornam sua escolha pela governadora do Alasca, Sarah Palin, mais irresponsável.⁷²

Em 3 de novembro de 2008, *The Wall Street Journal* publicou o editorial “Salto de esperança”, afirmando que a eleição de Barack Obama como presidente dos Estados Unidos seria “uma grande aposta no desconhecido”. Ao contrário de outros grandes jornais, este enunciador não assumiu uma posição clara a favor de nenhum candidato. A publicação abordou a falta de experiência de Obama, mas afirmou que o democrata compreendeu melhor o momento político que adversários em qualquer dos dois partidos.

Cada voto para um candidato presidencial que não tem a máquina do governo por trás de sua candidatura é, em certo sentido, um risco, dado o poder e as complicações do trabalho a ser feito. Mas, tanto por sua falta de experiência quanto pelas contradições entre sua retórica e seu programa de governo, Barack

⁷² O editorial “Barack Obama para presidente” está disponível no link: http://www.nytimes.com/2008/10/24/opinion/24fri1.html?_r=2&oref=slogin&. Acesso em: 10 de outubro de 2014. Tradução do trecho acima por Ivânia Cardoso.

⁷³ O editorial “Um salto de esperança” está disponível em <http://online.wsj.com/articles/SB122567305273191707>. Tradução do trecho acima de Ivânia Cardoso. Último acesso feito pela autora em 20 de outubro de 2014.

Obama apresenta um peculiar salto de esperança. O fato de milhões de americanos estarem prontos para dar este salto, ainda em tempos perigosos, é um sinal de quão fartos estão dos republicanos. Para seus partidários, como Colin Powell, o senador de primeiro mandato tem a chance de ser “transformacional”, o tipo de conceito transparente que atesta o apelo incomum de Obama. Sua candidatura é certamente histórica, e isto não é simplesmente uma referência a seu pai queniano e à sua mãe americana. Um segredo para o sucesso de Obama é quão pouco sua campanha tem sido marcada pela raça, pelo menos não pela tradicional política de queixa racial. Em vez disso, ele tem discorrido no retórico tema da unidade nacional, um apelo astuto aos eleitores cansados do debate polarizado entre o Iraque e o Governo Bush.

Obama também tem entendido melhor o momento político que seus adversários em qualquer um dos partidos. Nas primárias, ele usou a sua inexperiência para ganhar vantagem, oferecendo-se como uma alternativa liberal para o que parecia uma inevitável e desanimadora repetição de Clinton. Ele, então, voltou-se para a eleição geral para projetar uma sóbria tranquilidade em meio à crise financeira, que foi o momento em que seus números nas pesquisas contra John McCain começaram a subir acima da margem de erro. Sua frieza reflete o que parece ser um temperamento de primeira classe. E enquanto organizar a comunidade pode não ser muito uma credencial para a presidência, a capacidade de Obama para organizar uma campanha fala bem de seu potencial para gerir um governo.⁷³

4.5 Mudança x Conservadorismo

O primeiro editorial publicado pela *Folha S.Paulo* no período do *corpus* analisado traz um perfil sobre Barack Obama, logo após ele ter vencido as prévias democratas. O democrata é associado ao significante vazio “mudança”, que, segundo o enunciador, havia se tornado sua bandeira popular. Também destaca que John McCain poderia dissociar-se da figura impopular de Bush, o que ressalta o perfil de *maverick* do republicano.

O candidato tem a seu favor uma oratória inspirada – ainda que superficial quando submetida a escrutínio – e uma bandeira popular: mudança. Seu aliado mais forte, entretanto, são os oito anos da desastrosa administração de Bush,

⁷³ O editorial “Um salto de esperança” está disponível em <http://online.wsj.com/articles/SB122567305273191707>. Tradução do trecho acima de Ivânia Cardoso. Último acesso feito pela autora em 20 de outubro de 2014.

avaliado como um dos presidentes mais impopulares da história, e uma recessão. É difícil que isso não pese na conta dos republicanos.

Seria um erro, entretanto, desprezar a candidatura McCain. Se há alguém na situação capaz de dissociar-se do fantasma de Bush, é o senador pelo Arizona. Corre o risco, no entanto, de os militantes mais à direita do partido não se empenharem na eleição – como o voto é facultativo, a disposição do eleitor de sair de casa e votar é decisiva nos EUA. O senador por Illinois também tem contra si o peso eleitoral do conservadorismo. É uma incógnita se a estratégia “pós-racial” do candidato bastará para neutralizar o preconceito ainda latente em parcelas expressivas do eleitorado. Obama já fez história ao sagrar-se candidato. Resta saber se o movimento que lidera será capaz de unificar um país dividido.⁷⁴

A questão racial aparece como um desafio que Obama teria de enfrentar na corrida pela Casa Branca devido ao conservadorismo que o enunciador afirma existir em boa parcela do eleitorado norte-americano. Conservador, no dicionário Houaiss, é definido por “avesso a mudanças”, “tradicionalismo”, “ideologia original de apego às raízes históricas de uma sociedade e às tradições e instituições herdadas, nos moldes preconizados pelo estadista irlandês Edmund Burke (1729-1797)”, ou, ainda, “qualquer ideologia fundada na tradição e geralmente contrária a inovações políticas e/ou sociais”.

Para o enunciador, há o embate entre mudança x conservadorismo. Ao abordar a questão dos novos antagonismos, Laclau e Mouffe (1997) afirmam que as cadeias de equivalência que toda articulação hegemônica constitui podem ser de natureza muito distinta. A defesa dos direitos adquiridos fundados na supremacia dos homens e dos brancos que alimenta a reação conservadora amplia a área de seus efeitos hegemônicos. O caráter polissêmico de todo antagonismo faz com que seu sentido dependa de uma articulação hegemônica, na medida em que o terreno das práticas hegemônicas se constitui a partir da ambiguidade fundamental do social (LACLAU E MOUFFE, 1997, p. 280-281).

O editorial acima reforça o discurso sobre problemas econômicos no país que favoreceriam um cenário de mudança para a sociedade norte-americana. Entretanto, ele coloca em dúvida se a estratégia do democrata seria boa para neutralizar o preconceito e ainda vencer um candidato, que, neste momento, é visto como um concorrente à altura de Obama.

⁷⁴ Disponível em <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/opiniaofz0506200801.htm>. Último acesso da autora em 9 de setembro de 2014.

Em editorial intitulado “Mudança?”, a *Folha de S.Paulo* afirma que o país precisa passar por um processo de transformação, mas ainda coloca em xeque a capacidade dos dois concorrentes para recuperar a economia fragilizada dos EUA, que, segundo o enunciador, estava imersa numa ressaca de desconfiança após anos de crédito farto barato.

O democrata Barack Obama quer endurecer a relação com grandes parceiros comerciais dos EUA, indispensáveis para o equilíbrio financeiro da maior economia mundial. Mira a China, e também fala em rever o Nafta – o bloco de livre comércio formado com o Canadá e o México. O republicano John McCain insiste na estratégia de Bush de diminuir tributos, sem se importar em como financiar o crescente déficit fiscal daí resultante. O fato é que a situação privilegiada dos Estados Unidos não os tem obrigado a gerir seu orçamento público da maneira como os demais países o fazem – constrangidos por limitações macroeconômicas bastante claras. A confiança mundial no dólar chancelou políticas econômicas, como a do presidente Bush, populistas e irresponsáveis, Em caso positivo, ela parece ter pego os dois postulantes à Presidência dos EUA desprevenidos.⁷⁵

Em 14 editoriais publicados pela *Folha de S.Paulo*, três abordaram o perfil do democrata de forma positiva, dentro do tema campanha eleitoral, que foi o mais abordado. Obama é citado em 12 textos contra 11 de McCain, e também obteve mais visibilidade positiva do que o concorrente: em metade deles aparece de forma positiva; em quatro, de forma neutra; e, em dois editoriais, de forma negativa. Citado em 11 textos, McCain é citado de forma positiva em três, duas vezes de forma neutra, e seis vezes de forma negativa.

O enunciador publicou dois editoriais para abordar os debates entre os dois concorrentes e reforça ainda mais os antagonismos entre os postulantes à Casa Branca:

O segundo debate entre os candidatos à presidência dos Estados Unidos, na noite de terça, foi particularmente difícil para o candidato republicano, John McCain. Sua campanha enfrenta grandes dificuldades desde o agravamento da crise econômica. Para ele, é difícil se distanciar da imagem do presidente George W. Bush. Além disso, McCain não conseguiu mostrar uma alternativa à atual política econômica do seu companheiro de partido. A crise, como era de se esperar, ocupou quase dois terços do confronto. Melhor para o democrata Barack Obama, que só precisou manter a corrida eleitoral no seu curso, o que lhe é favorável. Desde o agravamento da crise, pesquisas apontam que a

⁷⁵ Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/opiniao/fz0906200801.htm>. Acesso em: 9 de setembro de 2014.

situação econômica passou a ser a preocupação central dos eleitores. O repúdio ao continuísmo republicano é mais natural nesse cenário. Não foi à toa que Obama caracterizou as eleições de 4 de novembro como “o veredicto final para a política econômica fracassada dos últimos oito anos”. De forma previsível, o democrata tentou associar o oponente ao presidente Bush, que bate recordes de impopularidade. Cabia a McCain tentar reverter a situação desfavorável com uma performance excepcional. Não conseguiu.⁷⁶

(...) poucas vezes um embate direto pareceu tão irrelevante para influir nos destinos de uma eleição. Representou mais um ritual a cumprir do que um momento decisivo. A avassaladora crise econômica ofuscou o debate eleitoral e prejudicou diretamente o candidato da situação, John McCain.

A 18 dias do pleito, torna-se cada vez mais difícil para o republicano virar o jogo – embora uma reviravolta, dadas as circunstâncias especialíssimas da disputa, não possa ser de todo descartada.⁷⁷

No último editorial publicado no período de análise do *corpus*, intitulado “EUA na encruzilhada”, de 4 de novembro de 2008, o enunciador ressalta que “as biografias e trajetórias de Barack Obama e John McCain personificam a antinomia que divide a nação norte-americana”. O enunciador brasileiro também aposta na polarização das candidaturas e de suas propostas para construir um discurso anti-Bush, que, no final, favoreceu a candidatura de Barack Obama.

Os Estados Unidos chegam divididos à eleição de seu 44º presidente. O cisma profundo que perpassa a sociedade americana fica muito evidente nos mapas com projeções de votação. Estados azuis pró-Obama, candidato democrata, se concentram no nordeste, na Costa Oeste e nos Grande Lagos, regiões mais abertas ao mundo e às novas ideias. Os Estados vermelhos, pró-McCain, republicano, tendem a localizar-se no Sul e no coração do Oeste, a parte dos EUA voltada para si mesma e suas tradições, marcadamente religiosas. A polarização não separa apenas adeptos e adversários do republicano George W. Bush, cuja administração termina numa violenta crise econômica, batendo recordes de impopularidade. São duas mentalidades que se opõem.⁷⁸

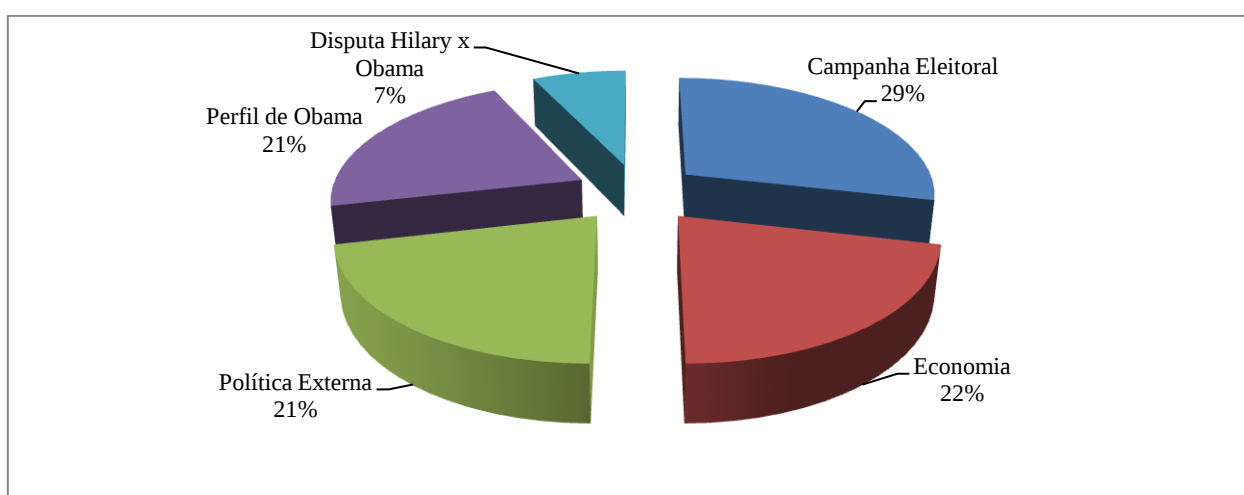
⁷⁶ O editorial “Crise no debate” está disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/opiniaofz0910200802.htm>. Acesso em: 9 de setembro de 2014.

⁷⁷ O editorial “O último debate” está disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/opiniaofz1710200802.htm>. Acesso em: 9 de setembro de 2014.

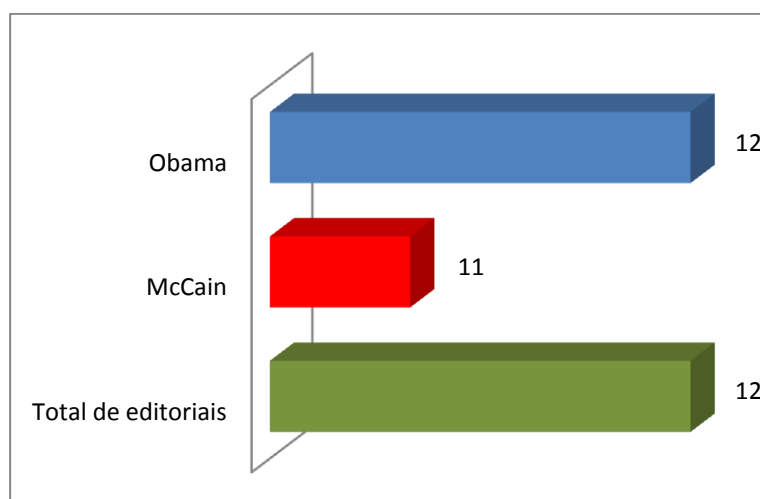
⁷⁸ O editorial “EUA na encruzilhada” está disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/opiniaofz0411200801.htm>. Acesso em: 9 de setembro de 2014.

Gráfico 20 - Temas dos editoriais na *Folha de S.Paulo*

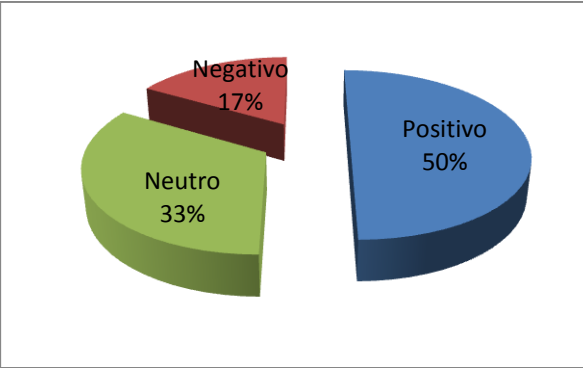
Temas	
Campanha Eleitoral	4
Economia	3
Política Externa	3
Perfil de Obama	3
Disputa Hilary x Obama	1
Total	14



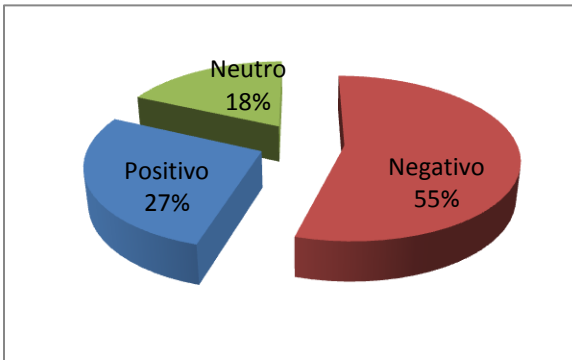
Fonte: Levantamento da Autora

Gráfico 21 – Visibilidade dos candidatos na *Folha de S.Paulo*

Obama	
Positivo	6
Neutro	4
Negativo	2
Total	12



McCain	
Positivo	3
Neutro	2
Negativo	6
Total	11



Fonte: Levantamento da Autora

Considerações finais

A eleição presidencial de 2008 nos Estados Unidos foi marcada pela polarização desde o início da corrida eleitoral, tanto na escolha dos candidatos nas primárias dos Partidos Democrata e Republicano, quanto na campanha em si. O discurso da polarização esteve constantemente presente nas reportagens e nos editoriais dos três enunciadores analisados nesta pesquisa: *The New York Times*, *The Wall Street Journal* e *Folha de S.Paulo*. O recurso foi fundamental para diferenciar os candidatos, suas biografias, bem como suas propostas para a economia, política externa, dentre outros temas relevantes.

É imperativo destacar que Barack Obama começou sua bem-sucedida trajetória para a campanha presidencial de 2008 quatro anos antes, na ocasião de seu discurso como orador principal na convenção democrata que escolheu John Kerry para concorrer à Casa Branca à época, ocasião em que preconizou uma política de união para os Estados Unidos. A repercussão de seu discurso durante a convenção democrata na mídia americana comprovou a eficácia do uso do significante vazio “esperança” na constituição de um discurso de união, e foi fundamental para lançar o nome do democrata no noticiário da grande imprensa.

Economia e política externa, os dois temas que mais importavam ao eleitorado americano no pleito de 2008 e constatados em pesquisas de opinião, corroboraram com as duas temáticas mais escolhidas pelos três jornais. Juntos, o *The New York Times*, o *The Wall Street Journal* e a *Folha de S.Paulo* publicaram, no período do *corpus* analisado, 4.030 textos, dentre reportagens, editoriais e artigos. A temática da economia foi abordada em 19,6% do total, e textos sobre política externa constituíram 11% de todo o *corpus*. Dessa maneira, as convocações dos jornais americanos atenderam à demanda dos eleitores americanos e também foram reproduzidas pela publicação brasileira.

Na análise dos editoriais dos três jornais, foi possível verificar que as mesmas temáticas foram priorizadas pelas publicações. Neste recorte, foi constatada a preferência dos enunciadores em relação aos candidatos e às propostas apresentadas. Enquanto *The New York Times* deu maior visibilidade positiva para Obama e suas propostas, o *The Wall Street Journal* preferiu o programa de governo de John McCain. A *Folha de S.Paulo* se revelou pró-Obama, repetindo a posição do *The New York Times*, jornal que o veículo brasileiro utiliza como referência em suas edições.

A candidatura de Barack Obama, em 2008, foi favorecida por ter surgido em um momento de recordes de impopularidade do governo de George W. Bush, devido aos desdobramentos de uma crise financeira mundial que contaminou a economia norte-americana,

prejudicando os setores produtivos do país. Dados de baixo crescimento, desemprego e noticiário negativo envolvendo bancos e instituições financeiras eram constantemente destacados pelos meios de comunicação dos Estados Unidos e de vários países do mundo. Soma-se a isso uma onerosa presença militar norte-americana no Iraque, em uma guerra malvista e criticada pela população estadunidense e pela opinião pública internacional.

John McCain entrou na disputa pela Casa Branca em 2008 como um forte candidato, ao vencer nomes de peso do Partido Republicano nas prévias da sigla como Rudolph Giuliani e Mitt Romney. Ele conseguiu apoio entre seus correligionários e também se destacou na imprensa norte-americana por sua biografia, especialmente por ser considerado como um herói da Guerra do Vietnã e por sua vasta experiência no Senado. Algumas vezes, McCain foi favorecido pelos três jornais estudados devido a suas credenciais de político experiente. Fora isso, o republicano se manteve competitivo nas pesquisas de intenção de voto durante toda a campanha eleitoral, gerando, muitas vezes, incertezas sobre quem realmente seria o vencedor do pleito.

Entretanto, os três jornais deram maior visibilidade a Barack Obama em todo o *corpus* analisado. O candidato democrata obteve mais exposição no noticiário, fator que pode ter sido determinante para difundir sua mensagem de mudança de maneira sistêmica. Soma-se a isso sua biografia de diversidade, amplamente ressaltada nas publicações, o que gerou a identificação do democrata com todas as esferas da sociedade norte-americana. Seu discurso foi eficiente para juntar as diferenças que, naquele momento, dividiam o país. Obama também conseguiu mostrar-se como opção de ruptura completa em relação à política de George W. Bush, oferecendo propostas que estavam na contramão da política adotada pelo então presidente republicano. O democrata também foi bem-sucedido ao se colocar como representante ideal para neutralizar um crescente sentimento antiamericano que crescera mundialmente. Obama ainda fez uma forte campanha ao utilizar de forma inovadora a internet e as redes sociais.

Em uma entrevista concedida, em 2010, para Jason Glynos e Yannis Stavrakakis, da Universidade de Essex, no Reino Unido, Laclau (2010) foi questionado sobre aquela conjuntura histórica que, segundo os acadêmicos, era marcada pelo domínio emergente de Hugo Chávez na América do Sul, pela eleição de Barack Obama, nos EUA, e pela crise financeira e recessão econômica mundial. Laclau afirmou que, à época, estávamos em uma transição para um novo período histórico:

Penso que a atual conjuntura - que é mais do que uma conjuntura, que marca a transição para um novo período histórico - é caracterizada, em primeiro lugar, pela crise do modelo econômico neoliberal da ordem mundial, que dominou o mundo durante entre os anos de 1980 e 1990, e foi resumida pelo chamado consenso de Washington. É claro que estamos avançando para uma ordem mundial diferente, multipolar, em que os atores irão ocupar um novo papel central na arena histórica. Nos próximos 20 anos, vamos ver o acesso - já visíveis em seus estágios iniciais - de países como China, Índia e do Brasil ao *status* de potências mundiais. É no contexto dessa informação que temos de avaliar o fenômeno Obama nos Estados Unidos, que emergiu das cinzas deixadas pelos anos Bush. Não é muito claro como vamos sair dessa bagunça econômica mundial, mas sabemos muito bem como chegamos a ela, seja como resultado da política de desregulamentação, que era o cerne do projeto neoliberal e que levou-nos à beira de uma catástrofe.⁷⁹

Em relação às formações discursivas, Obama foi bem-sucedido na utilização dos significantes-slogans “mudança” e “esperança” para a construção de um discurso de união, ao contrário da estratégia lançada por John McCain, que não conseguiu emplacar o significante vazio *maverick* e, por consequência, se dissociar da ideia de que ele constituiria um terceiro mandato de George W. Bush. O republicano foi criticado pela escolha de Sarah Palin como sua companheira de chapa, quem, de acordo com o *The New York Times*, foi imprópria e oportunista.

O *Wall Street Journal*, extremamente crítico a Barack Obama em seus editoriais, admitiu que a eleição do político constituía um momento histórico para os Estados Unidos. O jornal, ligado ao mercado financeiro, afirmou, em editorial na reta final da corrida eleitoral, que o democrata representava um peculiar salto de esperança em uma campanha democrata conduzida a partir do tema da unidade nacional.

“Como Obama, McCain pode ter mudado a fórmula no momento adequado, mas ele tem um problema extra. Enquanto Obama amarrou seu discurso dentro de uma mensagem bem definida, ‘mudança’, McCain ficou perdido entre várias outras. Se vendeu como ‘herói’, ‘experiente’, ‘distante de Washington’, e até como ‘mudança’”, disse Michael McDonald, do Instituto Brookings, citado pelo jornal *Folha de S.Paulo*, em 31 de outubro de 2008⁸⁰. Em sua afirmação, feita antes do resultado da eleição, McDonald também comentou que uma eventual derrota de McCain seria um exemplo antológico de marketing político ruim.

⁷⁹ Tradução do trecho acima da autora.

⁸⁰ Texto disponível em <http://www1.folha.uol.com.br/mundo/2008/10/462563-receita-caseira-de-john-mccain-desandou-com-a-vinda-de-palin.shtml>. Acesso em 4 de novembro de 2014.

Obama manteve o uso dos significantes-vazios “mudança” e “esperança” nos seus discursos, reproduzidos pela mídia, desde a sua apresentação na convenção democrata de 2004 até o discurso de sua vitória, proferido após os resultados apontarem-no como o vencedor da corrida presidencial. O democrata reafirmou os princípios democráticos de seu país e creditou sua vitória à união de classes antagônicas como “jovens e idosos, ricos e pobres, democratas e republicanos, negros, brancos, hispânicos, asiáticos, índios, gays, heterossexuais, deficientes e não deficientes”, em uma América “onde tudo é possível”. Como foi abordado por Laclau e Mouffe (1987), a emergência de novas lutas políticas como transformadora das relações sociais podem estar na origem de relações de antagonismos e podem constituir terrenos para o combate contras as desigualdades. Em seu discurso da vitória, divulgado pelos jornais, Obama disse:

Oi, Chicago. Se alguém ainda duvida que a América é um lugar onde tudo é possível, pergunta se o sonho dos pioneiros está vivo em nossos tempos e questiona o poder da nossa democracia, esta noite é sua resposta.

É a resposta das filas que cercaram escolas e igrejas em números que essa nação nunca havia visto. [É a resposta] das pessoas que esperaram três ou quatro horas, muitas pela primeira vez em suas vidas, porque acreditavam que agora precisava ser diferente, que as suas vozes podiam fazer diferença.

É a resposta de jovens e idosos, ricos e pobres, democratas e republicanos, negros, brancos, hispânicos, asiáticos, índios, gays, heterossexuais, deficientes e não deficientes. Americanos que enviaram ao mundo a mensagem de que nós nunca fomos somente uma coleção de indivíduos ou uma coleção de Estados vermelhos e azuis. Nós somos e sempre seremos os Estados Unidos da América.

É a resposta que motivou aqueles que ouviram por tanto tempo e de tanta gente que era preciso ser cínico, medroso e cético em relação ao que poderiam conquistar até colocar a mão no arco da história e abraçá-lo uma vez mais na esperança de dias melhores.

O caminho foi longo, mas esta noite, graças ao que fizemos nesse dia de eleição, nesse momento decisivo, a mudança chegou à América. Há alguns instantes, recebi um telefonema extraordinariamente gracioso do senador McCain. Ele lutou muito e por muito tempo nesta campanha. Ele lutou ainda mais e por mais tempo ainda por esse país que ama. Ele enfrentou sacrifícios pela América que a maioria de nós nem pode começar a imaginar. Nós estamos melhores graças aos serviços desse líder corajoso e altruísta. Eu o parablenzo e parablenzo a governadora Palin por tudo o que eles conquistaram. Estou ansioso por trabalhar com eles e renovar a promessa da nação nos próximos meses.

(...) Nossa campanha não nasceu nos corredores de Washington. Ela nasceu nos quintais de Des Moines, nas salas de estar de Concord e nos portões de casa de Charleston. Ela foi construída por homens e mulheres trabalhadores que sacrificaram as pequenas poupanças que tinham para doar US\$5, US\$10 ou US\$20 à [nossa] causa.

Ela [a campanha] cresceu por impulso dos jovens que rejeitaram o mito da apatia da sua geração e trocaram suas casas e suas famílias por empregos que ofereciam baixo salário e [poucas horas de] sono. Ela tirou suas forças de pessoas não tão jovens assim, que bravamente enfrentaram frio e calor para bater às portas de estranhos, e dos milhões de americanos que se voluntariaram e se organizaram, e provaram que, mais de dois séculos depois, um governo do povo, pelo povo e para o povo não desapareceu da Terra. Essa é a nossa vitória. E eu sei que vocês não fizeram isso só para ganhar uma eleição. Eu sei que vocês não fizeram tudo isso por mim.

Vocês fizeram isso porque entendem a grandiosidade da tarefa que nos espera. Por mais que comecemos nesta noite, entendemos que os desafios que de amanhã são os maiores de nossos tempos – duas guerras, um planeta em perigo, a pior crise financeira em um século.

(...) Como [o ex-presidente Abraham] Lincoln [1861-1865] havia declarado a uma nação muito mais dividida do que a nossa, não somos inimigos, mas amigos. A paixão fervente pode ter se acirrado, mas não pode romper nossos elos de afeição. E àqueles americanos cujo apoio eu ainda terei que merecer, eu talvez não tenha ganhado seu voto, mas ouço suas vozes. Preciso de sua ajuda. Serei seu presidente também.

E a todos aqueles que nos acompanham nesta noite, para além das nossas fronteiras, em parlamentos e palácios, àqueles que se reúnem ao redor de rádios, nas esquinas esquecidas do mundo, nossas histórias são únicas, mas nosso destino é partilhado, e uma nova aurora na liderança americana irá surgir. Àqueles que querem destruir o nosso mundo: nós os derrotaremos. Àqueles que buscam paz e segurança: nós os apoiamos. E a todos que vêm se perguntando se o farol da América ainda brilha como antes: nesta noite nós provamos mais uma vez que a verdadeira força da nossa nação vem não da bravura das nossas armas ou do tamanho da nossa riqueza, mas do poder duradouro de nossos ideais: democracia, liberdade, oportunidade e inabalável esperança.

Esse é o verdadeiro talento da América: a América é capaz de mudar. Nossa união pode ser aperfeiçoada. O que já alcançamos nos dá esperança em relação ao que podemos e ao que precisamos alcançar amanhã.⁸¹

A eleição do primeiro presidente negro dos Estados Unidos corroborou com seu significante-slogan “mudança”. O democrata foi bem-sucedido ao promover a unificação das diferenças e costurar um discurso de união através dos pontos nodais lançados em seus discursos, enquanto o candidato republicano não conseguiu se mostrar como um concorrente independente. A repercussão obtida nos textos e editoriais dos jornais pesquisados comprovaram a eficácia dos significantes-slogans utilizados por Barack Obama, que puderam tornar o seu discurso hegemônico, em uma bem-sucedida passagem de uma lógica de diferenças para uma lógica de equivalências.

81 A íntegra do primeiro discurso de Barack Obama após sua vitória na eleição presidencial está disponível em <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/mundo/ft0611200830.htm>.

Referências Bibliográficas:

ALVAREZ, Rodrigo. **No país de Obama**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

AQUINO, Maria Aparecida de. **Censura, Imprensa e Estado Autoritário (1968-1978). O exercício cotidiano da dominação e da resistência: O Estado de S.Paulo e Movimento**. Bauru: Edusc, 1999.

ARSENAULT, Amelia; CASTELLS, Manuel. **Switching Power: Rupert Murdoch and the Global Business of Media Politics: A Sociological Analysis**. International Sociology, vol.23, 2008.

AYERBE, Luis Fernando. **De Clinton a Obama: Políticas dos Estados Unidos para a América Latina**. São Paulo: Editora Unesp, 2009.

_____. **Estados Unidos e América Latina: a construção da hegemonia**. São Paulo: Editora Unesp, 2002.

BARROS, Diana Luz Pessoa de. **Teoria Semiótica do Texto**. São Paulo: Editora Ática, 1990.

BATESON, Gregory. **Mind and Nature**. Nova York: E. P. Dutton, 1979.

_____. **Una unidad sagrada. Pasos ulteriores hacia una ecología de la mente**. Barcelona: Gedisa, 1993.

BUCCI, E. **Sobre ética e imprensa**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

BYSTRINA, Ivan. **Tópicos de Semiótica da Cultura**. São Paulo: Pré-print/Centro Interdisciplinar de Semiótica da Cultura e da Mídia, PUC-SP, 1995.

CAPELATO, M. H. **Imprensa e história do Brasil**. São Paulo: Contexto, 1994.

CHARAUDEAU, Patrick. **O discurso das mídias**. São Paulo: Editora Contexto, 2012.

_____. **Discurso político**. São Paulo: Editora Contexto, 2011.

CHARAUDEAU, Patrick; MAINGUENEAU, Dominique. **Dicionário de análise do discurso**. São Paulo: Editora Contexto, 2012.

CHOMSKY, Noam. **Mídia: propaganda política e manipulação**. São Paulo: Editora WMF/Martins Fontes, 2013.

DEBORD, G. **A sociedade do espetáculo**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

FAIRCLOUGH, Norman. **Discurso e mudança social**. Brasília: Editora da UNB, 2001.

_____. **Analysing discourse: textual analysis for social research**. Londres: Routledge, 2003.

_____. **Discourse and social change**. Cambridge: Politic Press, 1992

_____. **Media discourse**. Londres: Oxford University Press, 1995.

_____. **Language and power**. Nova York: Longman, 1989.

FERRARA, Lucrécia D'Alessio (Org.). **Os nomes da comunicação**. São Paulo: Annablume/Grupo ESPACC, 2012.

FLEURY, Gustavo. **Eleições 2008: O Brasil e o efeito Obama**. Brasília: Clube dos Autores, 2009.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. São Paulo: Edições Loyola, 1996.

_____. **O nascimento da biopolítica**. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

FREUD, Sigmund. **Psicologia das massas & análise do eu e outros textos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

GLEICK, James. **A informação: uma história, uma teoria, uma enxurrada**. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

GOMES, Wilson et al. **Politics 2.0 – A campanha online de Barack Obama em 2008**. Curitiba: Revista de Sociologia e Política, v.17, 2009.

GRAMSCI, Antonio. **Os intelectuais e a organização da cultura**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979.

HABERMAS, J. **O futuro da natureza humana: a caminho de uma eugenia liberal?** São Paulo: Martins Fontes, 2004. HEILEMANN, John; HALPERN, Mark. **Virada no Jogo: Como Obama chegou à Casa Branca**. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2011.

HENDRICKS, J. A.; JR., Robert E. D. **Communicator-in-chief – How Barack Obama used new media technology to win the White House**. Maryland: Lexington Books, 2010.

HERMAN, Edward S.; CHOMSKY, Noam. **A manipulação do público: política e poder econômico no uso da mídia**. São Paulo: Futura, 2003.

HOWARTH, David et al. **Discourse theory and political analysis: Identities, hegemonies and social change**. Manchester: Manchester University Press, 2000.

LACLAU, Ernesto. **Emancipação e Diferença**. Ed. UERJ: Rio de Janeiro, 2011.

_____. **Misticismo, retórica y política**. Cidade do México: Fondo de Cultura Económica, 2000.

_____. **Os novos movimentos sociais e a pluralidade do social**. In: Cedla. Latin American Studies. Amsterdã, n.29, out.1983.

_____. **Política e Ideologia na Teoria Marxista: capitalismo, fascismo e populismo**. São Paulo: Editora Paz e Terra, 1979.

_____. **Por que los significantes vacíos son importantes para la política? En Emancipación y diferencia**. Buenos Aires: Ariel, 1996.

_____. **The Rhetorical Foundations of Society**. Londres/ Nova York: Verso, 2014.

LACLAU, Ernesto; MOUFFE, Chantal. **Hegemonia y estrategia – Hacia una radicalización de la democracia**. Madrid: Siglo XXI, 1987.

LAGE, Nilson. **A reportagem: teoria e técnica de reportagem e pesquisa jornalística**. Rio de Janeiro: Record, 2008.

LINS DA SILVA, Carlos Eduardo. **O adiantado da hora: a influência americana sobre o jornalismo brasileiro**. São Paulo: Summus, 1990.

LUHMANN, Niklas. **A realidade dos meios de comunicação**. São Paulo: Editora Paulus, 2005

MARQUES DE MELO, J. **Jornalismo opinativo: gêneros opinativos no jornalismo brasileiro**. Campos do Jordão: Mantiqueira, 2003.

MEDINA, Cremilda. **Notícia, um produto à venda: jornalismo na sociedade urbana e industrial**. São Paulo: Summus Editorial, 1978.

MUSE, Benjamin. **A luta do negro americano**. Rio de Janeiro: Edições GRD, 1966.

NATALI, João Batista. **Jornalismo internacional**. São Paulo: Contexto, 2004.

OBAMA, Barack. **A Origem dos Meus Sonhos**. São Paulo, Editora Gente, 2008.

_____. **A Audácia da Esperança: Reflexões sobre a Reconquista do Sonho Americano**. São Paulo: Larousse do Brasil, 2007.

PIGNATARI, Décio. **Informação, Linguagem, Comunicação**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2002.

PRADO, José Luiz Aidar. **Convocações biopolíticas dos dispositivos comunicacionais**. São Paulo: Educ/Fapesp, 2013.

SCHOULTZ, Lars. **Estados Unidos: poder e submissão. Uma história da política norte-americana em relação à América Latina**. Bauru: Edusc, 2000.

SILVEIRA, Flávio Eduardo (Org.). **Estratégia, mídia e voto: a disputa eleitoral em 2000**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002.

THOMPSON, John B. **A mídia e a modernidade: uma teoria social da mídia**. Petrópolis: Vozes, 1999.

TORFING, Jacob. **New Theories of Discourse**. Oxford, Blackwell, 1999.

ŽIZEK, Slavoj (Org.). **Um mapa da ideologia**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996.

Da Internet:

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede: do conhecimento à ação política**. Belém: Conferência Promovida pela Presidência de Portugal, 2005. Disponível em: <http://www.egov.ufsc.br/portal/conteudo/sociedade-em-rede-do-conhecimento-%C3%A0-ac%C3%A7%C3%A3o-pol%C3%ADtica> Acesso em: 12 de outubro de 2014.

GLYNOS, Jason; STAVRAKAKIS, Yannis. *Politics and the unconscious – An interview with Ernesto Laclau*. **Subjectivity**, 3 (3). pp. 231-244. Disponível em: <http://www.palgrave-journals.com/sub/journal/v3/n3/full/sub201012a.html>. Acesso em 2 de novembro de 2014.

HAKIM, P. *Is Washington losing Latin America?* **Foreign Affairs**, v. 85, n. 1, jan./fev. 2006. Disponível em <http://www.foreignaffairs.com/articles/61372/peter-hakim/is-washington-losing-latin-america> Acesso em: 14 de agosto de 2014.

MAZZUCHELLI, Frederico. *A crise em perspectiva: 1929 e 2008*. **Novos estudos**, São Paulo, CEBRAP, n. 82, nov. 2008. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/nec/n82/03.pdf>. Acesso em: 7 de setembro de 2014.

Filmográficas:

PRADO, José Luiz Aidar (Org.). **Regimes de visibilidade em revistas – análise multifocal dos contratos de comunicação**. [DVD] São Paulo, PUC/SP, 2010.

PRESIDENT BARACK OBAMA and the current crisis. Palestra proferida em 12 de março de 2009. Palácio Itamaraty/ Amine Ait-Chaalal. Fundação Alexandre de Gusmão, 2009.

Anexo 1- Plano de governo de Obama e McCain

Principais propostas e promessas		
Economia	Obama	McCain
	- Implantação de uma moratória de 90 dias para a maioria das execuções de hipotecas imobiliárias e ações de despejo, exigindo que as instituições financeiras, que recebiam ajuda do governo, concordassem em não agir contra os proprietários que estavam tentando fazer os pagamentos. - Cortes imediatos de impostos (US\$ 500 para pessoas físicas, de US\$ 1.000 para famílias) para famílias que ganham menos de US\$ 250 mil por ano, e para idosos aposentados que ganham até US\$ 50 mil, com base em declarações de impostos do ano de 2007. - Extensão dos benefícios de seguro-desemprego por mais 13 semanas. - Fornecimento de um crédito fiscal de 10%, pago na restituição para os juros imobiliários de contribuintes que optassem pela declaração simplificada. - Eliminação de impostos sobre ganhos de capital advindos de investimentos em pequenas empresas. Prometeu que daria para as empresas US\$ 3.000 em crédito fiscal por posto de trabalho gerado em período integral. - Permissão para que as pequenas empresas deduzissem até US\$ 250 mil em gastos para novos equipamentos e investimentos que fossem realizados até o final de 2009. - Investimento de US\$ 25 bilhões para a melhoria de estradas e pontes.	- Cortar pela metade as taxas de imposto sobre ganhos de capital de longo prazo para 7,5% nos anos de 2009 e 2010. - Isentar de impostos os benefícios para desempregados nos anos de 2008 e 2009. - Permitir deduções imediatas para as empresas que investissem em determinados equipamentos. - Apoio à legislação para conceder US\$ 25 bilhões em garantias de empréstimos para montadoras. - Construção de 45 usinas nucleares até 2030 para a criação de 700 mil empregos. - Compra de até US\$ 300 bilhões no valor das hipotecas <i>subprime</i> diretamente das instituições financeiras para os proprietários em atraso ou que enfrentassem aumentos nos pagamentos. Disse que qualquer ajuda federal deveria ser temporária e focada exclusivamente em mutuários. - Estabilização da Fannie Mae e Freddie Mac, que seriam vendidas de volta ao setor privado.

Política Externa	- Transferência dos recursos de defesa do governo norte-americano do Iraque para o Afeganistão, que o democrata via como o marco zero para qualquer guerra contra o terrorismo. - Remoção de uma ou duas brigadas por mês do Iraque e retirada de todas as tropas de combate do país árabe em 16 meses. Prometeu uma iniciativa diplomática com os aliados regionais e até com países hostis, como o Irã, para buscar a estabilidade no Iraque. - No Afeganistão, afirmou que intensificaria o esforço militar americano, especialmente na fronteira com o Paquistão.	- Prometeu perseguir a vitória no Iraque em primeiro lugar, e depois se preocupar em trazer as tropas de volta para casa. Em janeiro de 2008, disse, em New Hampshire, que não se importava se os soldados americanos ficassem no Iraque por 50 anos ou até 100 anos, desde que o país se mantivesse estável e os militares de seu país não estivessem sofrendo baixas. - Prometeu aumentar o número de tropas no Afeganistão. Sugeriu que enviaria pelo menos três brigadas suplementares, com cerca de 15 mil soldados, para garantir a segurança no país.
Saúde	- Proibição das seguradoras de negar cobertura com base na saúde ou idade do cidadão. - Proposta de seguro obrigatório para as crianças. - Criação de uma cobertura universal de saúde através de um novo plano federal para os segurados, proporcionando benefícios comparáveis aos oferecidos aos funcionários federais. Prêmios seriam subsidiados para pessoas de baixa renda. Elegibilidade para outros programas públicos, como o <i>Medicaid</i>, seria ampliada.	- Proporcionar aos indivíduos liberdade de escolher seus próprios sistemas de saúde. Prometeu dar créditos fiscais e cuidados de saúde acessível para todos os norte-americanos. - Concessão de US\$ 2.500 de créditos fiscais para pessoas físicas e US\$ 5.000 para as famílias para comprarem o seu próprio seguro. - Tentaria controlar os custos de saúde, limitando os danos de imperícia, investindo na prevenção e gestão de doenças crônicas, e incentivando a produção de medicamentos genéricos.

Educação	- Gasto federal anual de US\$ 18 bilhões com aulas para a educação infantil. - Negociação de programas de remuneração por desempenho com os professores. - Realização de programas de recrutamento e desenvolvimento profissional. - Financiamento federal para os distritos que negociaram programas de remuneração de desempenho com os sindicatos de professores e bônus para professores veteranos que ajudassem colegas novatos.	- Manter a ênfase da legislação norte-americana sobre as normas e conquistas, mas concentrar-se na realização individual, em vez de em médias dos grupos. - Oferecer pagamento de bônus para os professores que alcançassem metas. - Realocar 60% dos US \$ 3 bilhões em gastos federais atuais sobre programas de qualidade de professores para financiar os pagamentos diretos aos professores com alto desempenho. - Usar o dinheiro federal para apoiar os programas para a primeira infância já existentes.
----------	--	---

Fonte: *The New York Times*, *The Wall Street Journal* Folha de S.Paulo, programas dos candidatos.

Anexo 2 - Capa do *The Wall Street Journal* em 5 de novembro de 2008

THE WALL STREET JOURNAL.

WEDNESDAY, NOVEMBER 5, 2008 - VOL. CCLII NO. 108

DOW JONES ***** \$2.00

DJIA 9425.28 ▲ 305.45 3.1% NASDAQ 1780.12 ▲ 3.1% NIKKEI 9114.60 ▲ 6.3% DJ STOXX 50 2436.01 ▲ 4.1% 10-YR TREAS 4.15 5/32, yield 3.76% OIL \$70.53 ▲ \$6.62 GOLD \$756.00 ▲ \$30.00 EURO \$1.3061 YEN 99.78

Obama Sweeps to Historic Victory

Nation Elects Its First African-American President Amid Record Turnout; Turmoil in Economy Dominates Voters' Concerns

BY JONATHAN WEISMAN
AND LAURA MECKLER

WASHINGTON—Sen. Barack Obama was elected the nation's first African-American president, defeating Sen. John McCain decisively Tuesday as citizens surged to the polls in a presidential race that climaxed amid the worst financial crisis since the Great Depression.

The culmination of the epic two-year campaign marks a historic moment in a nation that since its founding has struggled with racial divisions. It also ushers in a period of dominance for Democrats in Washington for the first time since the early years of President Bill Clinton's first term. With Tuesday's elections, Sen. Obama's party will control both houses of Congress as well as the White House, setting the scene for Democrats to push an ambitious agenda from health care to financial regulation to ending the war in Iraq.

In becoming the U.S.'s 44th president, Illinois Sen. Obama, 47 years old, defeated Arizona Sen. McCain, 72, a veteran lawmaker and Vietnam War hero. Despite a reputation for bucking his own party, Sen. McCain could not overcome a Democratic tide, which spurred voters to take a risk on a candidate with less than four years of national political experience. Sen. Obama is the first northern Democrat elected president since John F. Kennedy in 1960.

Also elected: Joe Biden of Delaware as vice president, the veteran senator who has promised to help Sen. Obama steer his agenda through Congress.

Sen. Obama's victory was built on record fund raising and a vast national campaign network. It remade the electoral map that had held fast for eight years. He overwhelmed reliable Democratic strongholds in the Northeast and West Coast. He won big in the industrial Midwest and contested fiercely in areas of traditional Republican strength. He won Virginia, the first time a Democratic candidate had taken the state since Lyndon Johnson in 1964. And he finally wrested Florida and Ohio from the GOP, two states that had bedeviled his party in the last two elections.

The president-elect will enter office with a long policy wish list that includes ending the war in Iraq, implementing a near-universal health-insurance plan and finding alternatives to Middle Eastern oil. All this will have to be carried out amid record budget deficits, a looming crisis in Social Security and Medicare spending as the baby-boom generation retires and fears that the nation is on the edge of a deep recession.

Democrats have touted the prospect of a big sweep not just as a partisan conquest but as an ideological turning point, one that could reverse the last great shift in 1980, when Ronald Reagan ushered in a period dominated by tax-cutting conservatism and muscular foreign policy.

It's a startling turnaround from just four years ago, when Republicans controlled Congress and the White House, and benefited from a conservative majority on the Supreme Court. The

Please turn to page A6

Obama
338
electoral votes

51% of popular vote

McCain
140
electoral votes

48% of popular vote

(270 electoral votes needed to win)

As of 12:15 a.m. EST. Please visit WSJ.com for complete results

Source: Associated Press projections



WINNING SMILE: Sen. Barack Obama became the nation's first African-American president, riding a historic turnout amid voter discontent with the economy to defeat Sen. John McCain.

Democrats Expand Majorities In Congress

The Clinton Foundation

THE WALL STREET JOURNAL.

WEDNESDAY, NOVEMBER 5, 2008 - VOL. CCLII NO. 108

DOW JONES ***** \$2.00

DJIA 9425.28 ▲ 305.45 3.1% NASDAQ 1780.12 ▲ 3.1% NIKKEI 9114.60 ▲ 6.3% DJ STOXX 50 2436.01 ▲ 4.1% 10-YR TREAS 4.15 5/32, yield 3.76% OIL \$70.53 ▲ \$6.62 GOLD \$756.00 ▲ \$30.00 EURO \$1.3061 YEN 99.78

Obama Sweeps to Historic Victory

Nation Elects Its First African-American President Amid Record Turnout; Turmoil in Economy Dominates Voters' Concerns

BY JONATHAN WEISMAN
AND LAURA MECKLER

WASHINGTON—Sen. Barack Obama was elected the nation's first African-American president, defeating Sen. John McCain decisively Tuesday as citizens surged to the polls in a presidential race that climaxed amid the worst financial crisis since the Great Depression.

The culmination of the epic two-year campaign marks a historic moment in a nation that since its founding has struggled with racial divisions. It also ushers in a period of dominance for Democrats in Washington for the first time since the early years of President Bill Clinton's first term. With Tuesday's elections, Sen. Obama's party will control both houses of Congress as well as the White House, setting the scene for Democrats to push an ambitious agenda from health care to financial regulation to ending the war in Iraq.

In becoming the U.S.'s 44th president, Illinois Sen. Obama, 47 years old, defeated Arizona Sen. McCain, 72, a veteran lawmaker and Vietnam War hero. Despite a reputation for bucking his own party, Sen. McCain could not overcome a Democratic tide, which spurred voters to take a risk on a candidate with less than four years of national political experience. Sen. Obama is the first northern Democrat elected president since John F. Kennedy in 1960.

Also elected: Joe Biden of Delaware as vice president, the veteran senator who has promised to help Sen. Obama steer his agenda through Congress.

Sen. Obama's victory was built on record fund raising and a vast national campaign network. It remade the electoral map that had held fast for eight years. He overwhelmed reliable Democratic strongholds in the Northeast and West Coast. He won big in the industrial Midwest and contested fiercely in areas of traditional Republican strength. He won Virginia, the first time a Democratic candidate had taken the state since Lyndon Johnson in 1964. And he finally wrested Florida and Ohio from the GOP, two states that had bedeviled his party in the last two elections.

The president-elect will enter office with a long policy wish list that includes ending the war in Iraq, implementing a near-universal health-insurance plan and finding alternatives to Middle Eastern oil. All this will have to be carried out amid record budget deficits, a looming crisis in Social Security and Medicare spending as the baby-boom generation retires and fears that the nation is on the edge of a deep recession.

Democrats have touted the prospect of a big sweep not just as a partisan conquest but as an ideological turning point, one that could reverse the last great shift in 1980, when Ronald Reagan ushered in a period dominated by tax-cutting conservatism and muscular foreign policy.

It's a startling turnaround from just four years ago, when Republicans controlled Congress and the White House, and benefited from a conservative majority on the Supreme Court. The

Please turn to page A6

Obama
338
electoral votes

51% of popular vote

McCain
140
electoral votes

48% of popular vote

(270 electoral votes needed to win)

As of 12:15 a.m. EST. Please visit WSJ.com for complete results

Source: Associated Press projections



What's News

As Economic Crisis Peaked, Tide Turned Against McCain

Democracy Expands Majorities In Congress

World Wide

WORLD WISE

WORLD WISE

Anexo 3 - Capa do *The New York Times* em 5 de novembro de 2008

"All the News
That's Fit to Print"

The New York Times

Late Edition
Today, limited sunshine, a shower,
high 55. Tonight, cloudy, scattered
showers, patchy fog, low 55. Tomorrow,
rain ends, remaining cloudy,
high 62. Weather map, Page B10.

VOL. CLVIII... No. 54,485
© 2008 The New York Times
NEW YORK, WEDNESDAY, NOVEMBER 5, 2008
\$2 (suggested for greater New York metropolitan area) \$1.50

OBAMA

RACIAL BARRIER FALLS IN DECISIVE VICTORY

ONLINE

- The latest race-by-state results: the presidential contest and House, Senate and governor races.
- The Caucus blog: updates from The Times's political staff.



- Interactive graphics: the electoral map, voter profiles and analysis.
- Video, audio and photo reactions from the voters and the campaign.

nytimes.com

PRESIDENT-ELECT

THE LONG CAMPAIGN

Journey to the Top
The story of Senator Barack Obama's journey to the pinnacle of American politics is the story of a campaign that was, even in the view of many rivals, almost flawless. After a somewhat lackluster start, Mr. Obama and his team delivered. They developed a strategy to secure the nomination, and stuck with it even after setbacks. PAGE 1

SENATE

NORTH CAROLINA

Elizabeth Dole Is Out
After leading by a double-digit margin, the Republican...



Democrats in Congress Strengthen Grip

By ADAM NAGOURNEY

Barack Hussein Obama was elected the 44th president of the United States on Tuesday, swamping away the last racial barrier in American politics with ease as the country chose him as its first black chief executive.

The election of Mr. Obama amounted to a national catharsis — a repudiation of a historically unpopular Republican president and his economic and foreign policies, and an embrace of Mr. Obama's call for a change in the direction and the tone of the country.

But it was just as much a strikingly symbolic moment in the evolution of the nation's fraught racial history, a breakthrough that would have seemed unthinkable just two years ago.

Mr. Obama, 47, a first-term senator from Illinois, defeated Senator John McCain of Arizona, 72, a former prisoner of war who was making his second bid for the presidency.

To the very end, Mr. McCain's campaign was crippled by an opponent who was nothing short of a phenomenon, drawing huge crowds epitomized by the tens of thousands of people who turned out to hear Mr. Obama's victory speech in Grant Park in Chicago.

Mr. McCain also fought the headwinds of a tumultuously hostile political environment, weighed down with the baggage left to him by President Bush and an economic collapse that took place in the middle of the general election campaign.

"If there is anyone out there who still doubts that America is a place where all things are possible, who still wonders if the dream of our founders is alive in our time, who still questions the power of our democracy, tonight is your answer."

said Mr. Obama, standing before a huge wooden lectern with a row of American flags at his back, casting his eyes to a crowd that stretched far into the Chicago night.

"It's been a long time coming," the president-elect added, "but, tonight, because of what we did on this day in this election at this defining moment, change has come to America."

Mr. McCain delivered his concession speech under clear skies on the lawn of the Arizona Biltmore, in Phoenix, where he said he would lead his vice-presidential pick, Alaska Governor Sarah Palin, to the White House.

"All the News
That's Fit to Print"

The New York Times

Late Edition
Today, limited sunshine, a shower,
high 55. Tonight, cloudy, scattered
showers, patchy fog, low 55. Tomorrow,
rain ends, remaining cloudy,
high 62. Weather map, Page B10.

VOL. CLVIII... No. 54,485
© 2008 The New York Times
NEW YORK, WEDNESDAY, NOVEMBER 5, 2008
\$2 (suggested for greater New York metropolitan area) \$1.50

OBAMA

RACIAL BARRIER FALLS IN DECISIVE VICTORY

ONLINE

- The latest race-by-state results: the presidential contest and House, Senate and governor races.
- The Caucus blog: updates from The Times's political staff.



- Interactive graphics: the electoral map, voter profiles and analysis.
- Video, audio and photo reactions from the voters and the campaign.

nytimes.com

PRESIDENT-ELECT

THE LONG CAMPAIGN

Journey to the Top
The story of Senator Barack Obama's journey to the pinnacle of American politics is the story of a campaign that was, even in the view of many rivals, almost flawless. After a somewhat lackluster start, Mr. Obama and his team delivered. They developed a strategy to secure the nomination, and stuck with it even after setbacks. PAGE 1

SENATE

NORTH CAROLINA

Elizabeth Dole Is Out
After leading by a double-digit margin, the Republican...



Democrats in Congress Strengthen Grip

By ADAM NAGOURNEY

Barack Hussein Obama was elected the 44th president of the United States on Tuesday, swamping away the last racial barrier in American politics with ease as the country chose him as its first black chief executive.

The election of Mr. Obama amounted to a national catharsis — a repudiation of a historically unpopular Republican president and his economic and foreign policies, and an embrace of Mr. Obama's call for a change in the direction and the tone of the country.

But it was just as much a strikingly symbolic moment in the evolution of the nation's fraught racial history, a breakthrough that would have seemed unthinkable just two years ago.

Mr. Obama, 47, a first-term senator from Illinois, defeated Senator John McCain of Arizona, 72, a former prisoner of war who was making his second bid for the presidency.

To the very end, Mr. McCain's campaign was crippled by an opponent who was nothing short of a phenomenon, drawing huge crowds epitomized by the tens of thousands of people who turned out to hear Mr. Obama's victory speech in Grant Park in Chicago.

Mr. McCain also fought the headwinds of a tumultuously hostile political environment, weighed down with the baggage left to him by President Bush and an economic collapse that took place in the middle of the general election campaign.

"If there is anyone out there who still doubts that America is a place where all things are possible, who still wonders if the dream of our founders is alive in our time, who still questions the power of our democracy, tonight is your answer."

said Mr. Obama, standing before a huge wooden lectern with a row of American flags at his back, casting his eyes to a crowd that stretched far into the Chicago night.

"It's been a long time coming," the president-elect added, "but, tonight, because of what we did on this day in this election at this defining moment, change has come to America."

Mr. McCain delivered his concession speech under clear skies on the lawn of the Arizona Biltmore, in Phoenix, where he said he would lead his vice-presidential pick, Alaska Governor Sarah Palin, to the White House.

NO TIME FOR LAURELS
Now the Hard Part

By MICHAEL LEWIS

Barack Obama's victory is a historic moment, but it is also a moment of reckoning. The country has chosen a president who is a product of the American dream, but who also represents a new chapter in the nation's history. The hard part begins now.

AFTER DECADES, A TIME TO REAP

By MICHAEL LEWIS

The election of Barack Obama is a moment of triumph for the African American community, but it is also a moment of reflection. The struggle for equality has been long and arduous, but the fruits of that struggle are beginning to be seen.

FOR MANY ABROAD, AN IDEAL RENEWED

By MICHAEL LEWIS

Barack Obama's victory has inspired people around the world, who see in him a symbol of hope and change. His message of unity and progress has resonated with millions of people who are looking for a better future.

Anexo 4 - Capa da Folha de S.Paulo de 6 de novembro de 2008

UM JORNAL A SERVIÇO DO BRASIL ★ ★ ★ WWW.FOLHA.COM.BR

FOLHA DE S. PAULO

DIRETOR DE REDAÇÃO: OTAVIO FRIAS FILHO

QUINTA-FEIRA, 6 DE NOVEMBRO DE 2008
 ANO 100 ★ Nº 293272

EDIÇÃO SÃO PAULO, CONCLUÍDA ÀS 08H45 ★ R\$ 2,50

Vitória histórica de Obama afasta conservadores e derrota racismo

★ Crise econômica e mudança demográfica deram impulso à eleição do 1º presidente negro dos EUA

MUDANÇA NOS HÁBITOS

NA CASA BRANCA

CIBRAMA
349
de 400 mil

53%
muito popular

MCCAIN
163
de 400 mil

46%
muito popular

CONGIE SSO
@congie.sso
@congie.sso
Chamada
de 100 mil
(450 mil)

254
de 400 mil

173
de 400 mil

Small
180 mil

56
de 400 mil

4
de 400 mil

Facebook
100 mil



Barack Obama, presidente eleito dos EUA, a cena para repórteres ao sair de seu escritório de campanha em Chicago, ontem à noite.



Avô e familiares do democrata festejam em Kogelo (Quênia)



Soldados assistem à TV em base americana no Afeganistão

SÉRGIO DÁVILA
ENVIANDO ESPERANÇA E FÉ

A pior crise econômica em décadas nos EUA, aliada a uma nova coalizão de eleitores inflada pela maior mudança demográfica na história recente, elegeu anteontem o democrata Barack Obama, 47, o 44º presidente do país. É o primeiro negro a chegar ao cargo. O resultado abalou anos de hegemonia conservadora, cujo auge foi a eleição de Ronald Reagan, em 1980.

Obama, que obteve mais que o dobro do número de delegados do republicano John McCain no Colégio Eleitoral, herdará de George W. Bush um país à beira da recessão e duas guerras em andamento, no Iraque e no Afeganistão. Terá, ainda, de lidar com a ascensão econômica da China e com o renascimento da Rússia como potência, dois não-aliados. Contará, porém, com maioria nas duas Casas do Congresso.

Primeiro senador do norte liberal eleito desde John Kennedy, em 1960, Obama apresenta-se como conciliador e promete um governo de centro, um meio-termo entre o que fez no Congresso e o que pregou na campanha. No seu discurso de vitória, ele reafirmou o tema da colaboração entre os partidos: "Vamos resistir à tentação de voltar ao partidarismo, à pequenez e à imaturidade que ensejaram nossa política

O democrata passou o primeiro dia como presidente eleito em reuniões fechadas no seu QG de Chicago, para começar a compor seu gabinete. Os nomes do secretário do Tesouro e do secretário de Estado devem sair até o fim deste mês. O congressista Rahm Emanuel, amigo de Obama, foi convidado para ser chefe-de-gabinete.

A 75 dias de deixar o cargo, Bush disse que os EUA "fizeram história" ao eleger Obama e prometeu "completa cooperação" com o seu sucessor.

O basma. President

UM JORNAL A SERVIÇO DO BRASIL ★ ★ ★ WWW.FOLHA.COM.BR

FOLHA DE S. PAULO

INSTITUTO DE PESQUISA EM CIÊNCIAS DA SAÚDE • QUINTA-FEIRA, 4 DE NOVEMBRO DE 2009 • 100 • 100

Vitória histórica de Obama afasta conservadores e derrota racismo

- * Crise econômica e mudança demográfica deram impulso à eleição do 1º presidente negro dos EUA
- * Democrata deve definir secretários do Tesouro de Estado até o fim do mês; Bush promete cooperar



SP acerta com Planal preço da Nossa Caixa

[illegible]

CLAUDIA ANTUNES
Pelo-das-gato foi
aproveitar a noite

O mesmo grupo de Ocaso
de responder à nova demogra-
fia americana. De acordo
com a campanha republicana,
como o "New York Times", o
senador republicano e ex-
ministro da Defesa, John
McCain, é o candidato para
a presidência em 2008. O
senador de Ohio, Mike
Pence, também é um
candidato para a presidência.

Servador é homem
conciliador e de
centro-esquerda

**Chavez a un hombre en
centro-esquerra, afilado en
política, profesor de sociología
por horas y ex-
ministro del Interior**

Na Califórnia, eleitores vetam casamento gay

casamento gay

VALE A PENA
A Califórnia resolve o primeiro caso de casamento gay. Mas o que isso tem a ver com o Brasil?

A Califórnia resolve o primeiro caso de casamento gay. Mas o que isso tem a ver com o Brasil? O caso envolve um casal de homens que se casaram em 1989, mas a Califórnia não reconhece o casamento. O casal pede a anulação do casamento, mas o juiz decide que o casamento é válido. O caso é julgado em favor do casal. O caso é julgado em favor do casal. O caso é julgado em favor do casal.

Confira
novas ofertas
no Caderno
Cotidiano



BAHIA

A ESCOLHA



VEJA NA PÁGINA PRÓXIMA

INTELIGENTE.



HYUNDAI

UNIVERSITY OF CALIFORNIA

100%

100
